

Textos

Ana Paula Nonnenmacher

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 01/01/2009

Título : A bolsa estourou

Categoria: Crônicas

Descrição: Não vivi mais, depois que dei a primeira fumada.

A bolsa estourou

"Não vivi mais, depois que dei a primeira fumada."

Ele corre, brinca, chora, fala e faz travessuras. Tudo como uma criança normal, um verdadeiro anjinho, graças a Deus. Morria de medo de ser diferente. Quando volto no tempo e me lembro da cena, me causa arrepios. Mesmo depois de dois anos.

Como de costume, eu e meu companheiro compramos pedras e fomos fumar, em uma casa abandonada. Fumávamos, sempre, em lugares onde só estivéssemos nós dois, mais ninguém. Porque, essa droga traz uma sensação de pânico e perseguição. Como podem as pessoas e, principalmente, eu, que estava esperando um bebê, acender uma porcaria que, depois de alguns minutos, vai fazer você sair de si? Se sai desse mundo. Se imagina pessoas vindo, gente gritando, barulho de bala pedida, de sirene de polícia. O pavor é imenso. Em meio às alucinações, eu acendi a primeira pedra do dia. Soltei a fumaça e minha bolsa estourou.

Não sei como, mas minha chapadera passou na hora. Corremos para o hospital. Imagina ir ter um bebê, sendo que, há minutos atrás, estava fumando

pedra. Só acreditaria que ele nasceria perfeito, quando o pegasse em meus braços e o visse. Foi assim que aconteceu.

Faz oito meses que estamos limpos e devemos isso ao nosso filho, porque, apesar de ainda nos drogar, durante algum tempo, depois do nascimento, caímos na real.

Sabemos que ele precisa de nós. É uma batalha que enfrentamos a cada dia, uma luta constante, mas estamos de pé. Queremos dar uma educação digna a ele, com uma religião. Por isso, quando temos pensamentos de recaída, vamos à igreja e olhamos para o nosso menino. Tudo o que queremos é ser feliz, freqüentar a igreja e seguir, com Jesus, uma vida livre de vícios.

Eduarda tem trinta anos e é atendente de padaria. Fumou crack por seis anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A carta de crédito

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quer morrer? Se mete, fica devendo para os donos do tráfico"

A carta de crédito

"Quer morrer? Se mete, fica devendo para os donos do tráfico"

Mais uma história que não foi página policial no jornal, não passou na televisão, e nem no rádio. Ali, quem viu ou ouviu alguma coisa: calou-se. Assim como eu. Já passei por muita coisa, por causa desse vício maldito, mas essa não teve como esquecer. Quando se fica com medo, acho que a memória acaba gravando.

Fumando cada vez mais e mais, eu comprava sempre no mesmo canal. Nesse mundo do vício, isso faz com que se adquira certa credibilidade dos traficantes, o que pode trazer vantagens ou não. No meu caso, posso dizer que, por um tempo, tive benefícios.

Como eu era um cliente assíduo, ganhei uma carta de crédito. Essa carta funcionava assim: eu pegava umas pedras e o cara ainda me deixava, sempre, pegar mais cinqüenta reais, para pagar na próxima vez que eu fosse lá. Isso não era confiança, porque traficante não tem confiança em ninguém, somente no dinheiro. Isso é uma maneira de conquistar a clientela que paga direito.

Eu trabalhava, ele sabia disso. Então, foi passando o tempo em que eu ia lá, pagava o que devia e pendurava mais cinqüenta reais, para outra semana.

Quanto mais eu fumava, mais o cara me liberava. Até que, um dia, fiquei devendo duzentos reais. Eu ia pagar, mas houve um imprevisto.

Tinha um filho e estava separado. Devia pagar pensão, mas eu estava atrasado. Então, naquela semana, minha ex-mulher foi até meu trabalho. Ela não saiu de lá, até meu chefe efetuar o pagamento. Não tive saída, paguei a pensão atrasada.

E a dívida do canal? Não tive como pagar. Então, não fui mais lá. Nas semanas que foram passando, eu até pensava em ir saldar, mas a fissura vinha e eu tinha que fumar, gastando o dinheiro. Comecei a ir pegar pedra em outro lugar, para não precisar pagar. Isso é uma ilusão: não pagar dívida de droga. Mais cedo ou mais tarde, eles vão te achar.

Estava caminhando na rua e encontrei o traficante para quem devia. Expliquei para ele e situação. Na minha ingenuidade, achei que ele tinha entendido, mas, é claro, ele não compreendeu. Mal eu sabia que ele estava me armando uma arapuca.

Convidou-me para ir até a casa dele, que tinha chegado um bagulho novo. Queria que eu experimentasse para ver se gostava. Eu aceitei. Eles arrastam o cara e todo viciado cai. Atravessamos o portão e ele disse para eu ir andando, até os fundos, que ele ia buscar as pedras.

Enquanto eu estava caminhando, escutei a esposa dele dizer: "Não faça isso. Não quero ver crueldades, por favor". Foi nessa hora que, acho eu, meu anjo da guarda me acordou e eu percebi que tinha algo de errado. Então, sai da casa. O cara me viu e perguntou onde eu estava indo. Falei que não poderia ficar e ele começou a me insultar. Em meio a palavras cruéis, ele descarregou sua arma. Para minha sorte, errou os seis tiros. Sai correndo, não sei como me livrei.

Até hoje, essa dívida ainda me corroi, porque não a saldei. Nunca mais voltei lá para aquele lado da cidade. Não tenho mais carta de crédito com ninguém. Continuo fumando pedra, mas com dinheiro na mão. Compro como posso, sem a tentação de querer pegar mais e ficar devendo. Quantas pessoas morrem por causa de uma dívida com os homens do tráfico? Eu não pretendo acabar assim.

Antônio tem trinta e três anos e é encanador. Possui o primeiro grau completo. Fuma crack há treze anos e não passou por internações de reabilitação.
do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A Fissura

Categoria: Crônicas

Descrição: Mais uma noite me esperava. Lá ia eu, para a boate, vender meu corpo. Nessa época, morava em uma kitnet, bem localizada, no centro da cidade.

A Fissura

Mais uma noite me esperava. Lá ia eu, para a boate, vender meu corpo. Nessa época, morava em uma kitnet, bem localizada, no centro da cidade. Lembro que, naquele dia, a boate encheu completamente. Muitos clientes, em busca de mulheres, para fazer festa. Eu era nova na casa, então, fazia muitos programas. Ganhava muito bem. Não lembro o valor que ganhei, mas acho que foram uns quatrocentos reais, ou mais. Estava bêbada, me pagaram muita bebida. A noite prometia. Conforme eu ia bebendo, mais eu queria. De certa forma, acho que, sempre, procurava preencher um vazio dentro de mim, que nem eu mesma sabia o que era. Primeiro, com bebidas, depois maconha, cocaína e a perdição, o fim de tudo: o crack. Só esse que me satisfazia ou parecia me satisfazer.

Hoje, realmente, sei que drogas só aliviam no momento. Depois, a realidade volta e nada mais sacia. Se quer sempre mais.

Bom, como disse, eu estava com muito dinheiro no bolso e quanto mais eu bebia, mas fissurada eu ficava. Estava louca. Sentia dor por todo o corpo, principalmente no estômago. Um dos sintomas da fissura é a maldita dor no estômago. Não agüentava mais de tanta vontade. Por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar na droga. Conversava com todos que ali estavam, mas minha cabeça estava longe. Quando se é um viciado em crack, é assim: nada mais te dá prazer, você precisa, apenas, da droga. O resto não importa mais. Você esquece a família, os amigos e os compromissos. De tudo, nada mais existe, nem o tempo. O tempo é gasto atrás de planos para conseguir grana necessária, para poder comprar droga. Foi o que aconteceu naquela noite.

Sai da boate por volta das cinco da manhã, desesperada, atrás da pedra. Estava ficando louca. Fui a todas as bocas de venda que conhecia, mas estavam todas fechadas. Era tarde e eu estava fora de mim. Andava, feito uma maluca, pelas ruas. Berrava nas bocas e os donos me expulsavam a gritos e pontapés.

Voltei para casa depois de ter andado muito. Eu chorava e berrava, parecia que não era eu. Estava descontrolada. Então, fui até o banheiro e me enfiei em baixo do chuveiro, mas a fissura não passava. Meu corpo me exigia, eu precisava. Quando se está fissurada, você não pensa, sai de si mesma. É horrível. Se descontrola de tanto quer fumar. É um pesadelo. A dor persistia. Peguei o shampoo do banheiro e tomei, mas isso só fez com que eu me sentisse pior. Fui até a sacada e fiquei tonta, com uma vontade de morrer. Preferia a morte, naquele momento. Eu não tinha pedra e era só para isso que eu vivia. Não sei como, mas me joguei lá de cima, do segundo andar. Só acordei no hospital, quando já estava com pés e mãos engessados. Eu ainda estava medicada, quando minha avó apareceu. Coitada. Chorava e perguntava o que tinha acontecido. Eu, como sempre, menti. Eu virei uma mentirosa depois que me envolvi com o crack, mentia o tempo todo.

Assim, prossegui. Mesmo depois de ter os pés e as mão quebradas, eu não parei. Continuei indo nas bocas fumar, todos os dias. Nada te impede quando se é um viciado. Você não é mais dono de si, o crack te comanda.

Valentine tem vinte e seis anos e é secretária. Possui segundo grau incompleto. Fuma crack há seis anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A infância

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quando provei, pela primeira vez, o crack, a sensação foi muito boa, melhor que o pó."

A infância

"Quando provei, pela primeira vez, o crack, a sensação foi muito boa, melhor que o pó."

Vim de uma família humilde. Morava com minha mãe, meu padrasto e meus oito irmãos. Minha mãe era uma mulher lutadora, zelava por nós. Eu parecia carregar uma carência, muito grande, em meu peito. Sempre queria ser o centro das atenções. Não, vou mentir, sempre fui um garotinho problemático. Sabe aquele menino que quebrava as vidraças dos vizinhos? O que todos reclamavam? Pois é, esse era eu. Não vou negar, eu era assim, a "ovelha negra da família". Não era para menos, realmente, tinha uma revolta muito grande dentro de mim. A começar pelo meu pai. Quem era ele? Onde estava? Será que algum dia ele apareceria? Talvez no Natal... A busca, pelas minhas respostas, ficaram nulas. Ele nem sabe que eu existo. Talvez nunca saiba, não fomos apresentados. Assim, foram passando os anos. Eu fiquei na esperança de que ele aparecesse, ou melhor, bastava apenas conhecê-lo, mas esse dia ficou no passado. Ele nunca veio. Para minha tristeza, jamais o conheci.

Sempre invejava meus irmãos, que ganhavam pensão de seus pais e podiam comprar brinquedos e roupas. Eu só olhava. Minha mãe não podia satisfazer meus desejos, pois não tinha condições financeiras. Sempre tinha que me contentar com as sobras de calçados e roupas dos outros. Assim, passou minha infância. O meu padrasto não correspondia ao meu amor. Eu fazia de tudo para chamar a atenção de dele, mas não era percebido.

Sabe como começou minha história com as drogas? Dentro de casa, sem que ninguém percebesse, comecei a me drogar. Minha mãe trabalhava com couro, com doze anos comecei a ajudar nesse trabalho. O cheiro da cola me fascinava, até que um dia, resolvi cheirar. Daquele dia em diante, virou um hábito.

Na verdade, acho que comecei a usar drogas para chamar, mais uma vez, a atenção da minha família. Se a minha vida já não era uma maravilha, tudo começou a piorar. Descobri que meu tio fumava maconha e, com apenas doze anos, comecei a fumar também. A maconha não foi o suficiente e, com treze anos, conheci na cocaína. Andava eu pelas ruas, pedindo dinheiro para quem passava. Eu gostava de cantar, foi o jeito que achei para conseguir grana. Ia para as ruas e cantava em troca de um trocado. Lembro que eu cantarolava a música "Eu Não Pedi para Nascer".

O tempo foi passando e eu me deixando levar pela cocaína. Foi quando comecei a roubar da minha mãe e de meus parentes. Fiquei até conhecido pela família como o Vassourão: varria tudo aonde ia.

Um dia qualquer, eu estava em uma boca, cheirando pó. Tinha roubado duas jaquetas de couro, da mãe, para comprar a droga. Consumindo pó, com mais um grupo, apareceu um homem, com uma concha na mão, perguntando se eu não queria fazer um pouco de pedra. Eu nunca tinha experimentado, mas já tinha escutado falar. Não tinha nada a temer e aceitei. Fui tomado por uma ótima sensação, o efeito foi muito maior que a cocaína.

A partir deste dia, estou por aí fumando uma atrás da outra. Não pense que por isso eu não tenho sentimentos, está vendo meu cachorro aqui? Somos amigos inseparáveis.

Um dia, eu estava passando perto de uma construção e um pedreiro bateu com um martelo na cabeça do cão, sem querer, mas machucou muito. Ele era bem pequeno ainda. Fiquei com pena do bicho e pedi para levar ele comigo. Eles me deram. Ele chorava muito, achei que nunca iria melhorar o ferimento. Então, fui a uma farmácia e roubei uma pomada. Passava todos os dias na cabeça dele, até que cicatrizou. O batizei de Cabeça de Martelo, por causa da história. Ele me acompanha em tudo, aonde eu vou, ele vem atrás. Os bichos são mais gratos do que as pessoas.

João tem vinte e três anos. Possui primeiro grau completo. Fuma crack há seis anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 25/09/2012

Título : A INFLUÊNCIA DOS AFRICANOS NA HISTÓRIA E NA CULTURA DO BRASIL

Categoria: Artigos

Descrição: Não se pode falar sobre o Brasil e seus aspectos gerais, como cultura, tradições e religião, sem mencionar os povos que colaboraram para a construção da sua trajetória.

A INFLUÊNCIA DOS AFRICANOS NA HISTÓRIA E NA CULTURA DO BRASIL
– Os Africanos como Objeto de Estudo.

Ana Paula Nonnenmacher
Professora Márcia Denize Silveira
Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI
Instituto Educacional do Planalto – IEP
Prática do Módulo I
06/07/2012

RESUMO

Não se pode falar sobre o Brasil e seus aspectos gerais, como cultura, tradições e religião, sem mencionar os povos que colaboraram para a construção da sua trajetória. E dentre estes, os Africanos, que fazem parte efetiva da história do povo brasileiro. São estes, os responsáveis por muitas crenças, costumes, aspectos sociais e educacionais dentre outras contribuições. A sua riquíssima cultura foi capaz de proporcionar e desenvolver o muito do que existe atualmente no país, tal qual a música popular, a literatura, o teatro, o cinema, e tantas outras formas artísticas, reconhecidas mundialmente. Diante disso, o presente artigo traz em seu objetivo geral, a intenção de apresentar como ocorreu a influência histórica da cultura dos Africanos no Brasil. Neste sentido, através do apontamento de alguns fatos históricos, conclui-se que, encontra-se na grandeza de um país, as contribuições que se possam receber dos povos. Nisso os Africanos podem se orgulhar, uma vez que, as influências culturais e a construção de uma História muito bonita, foram decisivas para se chegar ao Brasil atual.

Palavras-chave: Africanos. Brasil. Influência.

1 INTRODUÇÃO

A humanidade é rica em Histórias. Os povos, as nações, os países e as características inerentes de cada um, são aspectos componentes do universo que atualmente se é representado. Por isso, as contribuições trazidas com o passar dos tempos, inserem nas sociedades humanas, uma série de processos evolutivos, que são capazes de proporcionar inúmeras culturas.

Assim estão os africanos quando se destacam suas influências ocorridas diretamente na cultura brasileira. A teoria traz a afirmação de que este processo iniciou no século XVI, quando os mesmos foram transportados como escravos para o Brasil, devido ao tráfico negreiro. Uma época que relembra grandes horrores, uma vez que, os negros advindos da África, passaram por muitos sofrimentos

2 A CHEGADA DOS AFRICANOS NO BRASIL

Dentro dos acontecimentos registrados pela história, resgata-se que a vinda dos africanos para o Brasil, acontecia através de embarcações, as quais traziam diversas etnias. E dentre as principais, destacam-se os bantos, nagôs, jejes, hauçás e malês. Isso em si, aponta que milhares de africanos foram obrigados a deixar o seu país, para em solo brasileiro, transformarem-se em dominados, exercendo um trabalho escravo.

Segundo Antonil (1982, p. 89), os africanos vieram para cá, “no período colonial onde eram apontados como ‘os pés e as mãos’ dos senhores de engenho, já que sem este povo, não seria de fato, possível conservar e aumentar a produção da fazenda e muito menos ter engenho corrente”. Porém a grande contribuição dos africanos vai muito além do setor econômico, já que desde o início, os mesmos demonstraram ter uma cultura extremamente diversificada, o que se comprovou ao longo dos anos.

De acordo com Mattoso (2003, p. 24) a África “tinha verdadeiros impérios organizados, com tribos e autoridades inquestionáveis, também lá se encontravam confederações tribais e cidades-pousadas com seus ricos

mercados no caminho do ouro, das especiarias e do marfim”, o que fora praticamente dissolvido, graças ao tráfico de negros até o Brasil.

A história retrata que, os africanos a partir do momento de sua captura na África até a chegada e sua venda como mercadoria, se submetiam a um sofrimento incalculável, tais como, maus tratos, amontoamentos sem qualquer espécie de conforto, sem higiene, separados por tribos e famílias e em caso de doença, deixavam sem alimentação e eram jogados ao mar, para que não fossem causa de problemas maiores.

3 O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA AFRICANA

Embora os africanos tivessem sido obrigados a se converterem ao catolicismo, aprendendo também a língua portuguesa, estes deixaram sua marca na religião, na cultura, na culinária, em expressões faladas, músicas, literatura e tantos outros aspectos. Além disso, parece ser importante destacar que povo africano foi efetivamente influenciador, no desenvolvimento de um todo, ocorrido no Brasil.

Segundo Freyre (2006, p. 390) os escravos, “vindos da área de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador e quase que se pode acrescentar nobre da colonização do Brasil; degredados apenas pela sua condição de escravo”. No entendimento do autor, esses são efetivamente os responsáveis pelo crescimento e pelo desenvolvimento do Brasil colonial.

Já para Moura (1987, p. 14) ocorreram serviços domésticos e urbanos em todas as regiões brasileiras, no entanto, o desenvolvimento nacional está assim definido:

Ø Nordeste: desenvolvimento do plantio da cana-de-açúcar, de fumo, de cacau e algodão;

Ø Rio de Janeiro e São Paulo: o trabalho nas fazendas de cana-de-açúcar e de café;

Ø Minas Gerais, com irradiação para Mato Grosso e Goiás: o trabalho escravo voltado para a mineração.

Por outro lado, Marcio Carvalho Ferreira (2009) em seu artigo “A Influência Africana no Processo de Formação da Cultura Afro-Brasileira”, complementa que durante um extenso período colonial e monárquico brasileiro, ocorreu uma grande incidência no número de escravos chegados ao Brasil.

Assim, no quadro 1 a seguir, pode-se visualizar, dois dos principais grupos de escravos vindos do continente africano:

GRUPO CARACTERÍSTICAS

BANTOS ü Classificados devido à relativa unidade lingüística dos africanos oriundos de Angola, Congo e Moçambique.

ü Segundo Kavinajé (2009, p. 3) depois de um primeiro período de autonomia religiosa, os bantos, “assistiram à transformação de seus cultos. Por um lado, esses deram lugar à macumba; por outro, amoldaram-se às regras dos candomblés nagôs, não se distinguindo deles senão por uma maior tolerância”.

ü Ainda segundo o autor, os cultos bantos em gradativo declínio, “acolheram os espíritos dos índios, o que iria levar ao surgimento de um ‘candomblé de cablocos’, e adotaram cantos em língua portuguesa, ao passo que os candomblés nagôs só usam cantos em língua africana”.

SUDANESES ü Provenientes da África ocidental, Sudão e da Costa da Guiné, contribuíram culturalmente para a formação de uma identidade afro-brasileira, visto que muito de suas práticas culturais imperam atualmente como, por exemplo, o candomblé e a prática religiosa.

Quadro 1 – Características dos Bantos e dos Sudaneses

Fonte: Dados Compilados pela Autora (2012)

O que efetivamente pode-se destacar do quadro anterior, reside na significação dos grupos de negros vindos para o país. Pois dentro de cada característica e de cada particularidade, resta insistir que, todos estes, contribuíram de forma incisiva para o desenvolvimento do Brasil, não apenas culturalmente, mas em todos os setores.

4 INFLUÊNCIA DOS AFRICANOS NA HISTÓRIA E CULTURA DO BRASIL

Na concepção da formação de um país, formado através dos conceitos de um Estado Democrático de Direito, o que se procura está no estabelecimento da liberdade como razão maior. No entanto, o que aparece quando da demonstração acontecida através da colonização brasileira, “mancha” os ideais ora requeridos, pois nestes, não se aceitam moldes quaisquer de privação a liberdade, menos ainda de escravidão.

Assim, o que mais se deve constar neste momento, aparece nas influências que o povo africano tenha efetivamente trazido para o desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil. Mesmo por que, a história demonstra a grande capacidade contributiva que os africanos promoveram, não apenas por aqui, mas em boa parte do território mundial, através de sua rica cultura.

Segundo Freyre (2001, p. 343) no que se refere às influências africanas, pode-se destacar:

[...] Quantas ‘mães-pretas’, amas de leite, negras cozinheiras e quitandeiras influenciaram crianças e adultos brancos (negros e mestiços também), no campo e nas áreas urbanas, com suas histórias, com suas memórias, com suas práticas religiosas, seus hábitos e seus conhecimentos técnicos? Medos, verdades, cuidados, forma de organização social e sentimentos, senso do que é certo e do que é errado, valores culturais, escolhas gastronômicas, indumentárias e linguagem, tudo isso conformou-se no contato cotidiano desenvolvido entre brancos, negros, indígenas e mestiços na Colônia.

Ainda de acordo com Freyre (2001, p. 346-348), a herança cultural africana é visível no jeito de andar e no falar do brasileiro, de maneira que, o autor identifica algumas destas influências e estas estão:

Ø Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.

Ø Na escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida.

Ø Na negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado.

Ø Na mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem.

Ø No muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo.

Observa-se ainda Freyre que, a influência africana foi além da cozinha e da mesa, chegando até a cama. Pois era comum a iniciação sexual do “senhorzinho” branco ocorrer com uma escrava. Comum também era a prática de feitiços sexuais e afrodisíacos pelos escravos, pois foi na “perícia e no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros juntos a senhores brancos já velhos e gastos” (FREYRE, 2001, p. 343).

Por outro lado, Paiva (2001, p. 185) destaca que, além de toda essa caracterização, outro acontecimento foi importante para o desenvolvimento da cultura africana e esse encontra-se no “ intercâmbio cultural entre os negros africanos, indígenas e portugueses”. Segundo o autor, “as trocas culturais e os contatos entre povos de origem muito diversa é algo que, então, fazia parte do dia-a-dia colonial, desde a chegada dos portugueses. Isto, porque, era ampla a vivência cultural da população negra no Brasil colonial”.

Neste sentido, criou-se a denominação conhecida através deste intercâmbio cultural, da existência da cultura afro-brasileira. Isso por que, depois de se visualizar todas as influências sofridas pela sociedade brasileira, seja ela preconizada pelas culturas africanas, ou indígena, ou ainda européia, não se pode negar que, o crescimento do Brasil como país deveu-se a tantas importantes contribuições.

Conforme Paiva (2001, p.39-41) a formação cultural:

[...] Não se deu de forma linear, uniforme e harmônica. Muitos foram os conflitos, as adaptações e os arranjos ao longo do período. É evidente que não estou sugerindo uma formação linear desse universo cultural, nem estou emprestando-lhe uma harmonia, que, de fato, pouco existiu. Tanto seu processo de formação quanto a convivência no interior dele se deram (e se dão) de maneira conflituosa na maioria das vezes, embora haja, também, adaptações constantes, arranjos e acordos que visam a sua preservação. [...] A conformação e a preservação do universo cultural dão-se, então, através das aproximações e afastamentos, das interseções, da intervenção de espaços individuais e coletivos, privados e comuns, que envolvem dimensões do viver tão diversas quanto à do material, da utensilagem e das técnicas; dos costumes e tradições, das práticas e das representações culturais; da mitologia e da religião; do físico e concreto, do psicológico e imaginário; da linguagem e das escritas; da dominação, da resistência e do trânsito entre elas: da temporalidade e da espacialidade; das continuidades e das discontinuidades; da memória e da história. Tudo implicado com os campos da política e do econômico, provocando mutuamente contínuas reordenações e construções sociais.

Ou seja, o autor revê os conceitos prontos e aponta que, a formação cultural, ocorreu de modo compacto. Uma vez que, são apontados os aspectos inerentes a religião, a linguagem, a escrita, a política e a economia, dentre outros, que foram representativos de uma trajetória de crescimento e desenvolvimento.

CONCLUSÃO

As contribuições proporcionadas pelo advento da história e da cultura africana no Brasil, podem de modo concreto definir a existência de um processo, ainda que, “doloroso” pelo qual passaram os negros ao chegarem ao país, como sendo um relevante momento na história, não só pelas conquistas vindas a seguir, mas principalmente pelas contribuições inúmeras que este povo trouxe a cultura e a economia, além de ser elemento essencial para a sociedade brasileira.

Pode-se afirmar sem dúvida nenhuma que este povo trouxe inúmeras influências para o Brasil tais como na culinária, na dança, nas artes dentre outros. Uma rica cultura que é passada de gerações para gerações é que com certeza somente vêm agregar valores e crenças para o nosso país.

De tal sorte que, os caminhos percorridos pelo povo africano trouxeram grandes ensinamentos, não apenas no ambiente próprio, mas pelo mundo afora. A escravidão e o sistema colonial contribuíram para que muitas atrocidades fossem cometidas, mas não foram suficientes para exterminar a cultura de uma nação. E parece não ter sido capaz de abalar a dignidade de um povo merecedor da honra que carrega em seus traços.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. Cultura e Opulência do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. (Reconquista do Brasil; nova ser., 70). 239 p.

FERREIRA, Marcio Carvalho. A Influência Africana no Processo de Formação da Cultura Afro-Brasileira. Disponível em:
. Acessado em: 10 jun 2012.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. 43 ed. Rio de Janeiro. 668 p. Record, 2001; 51 ed. São Paulo. Global, 2006. 752 p.

MATTOSO, Kátia Maria Queiros. Ser Escravo no Brasil. Tradução: James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2003. 267 p.

MOURA, Clóvis. Quilombos – Resistência ao Escravismo. São Paulo: Ática, 1987.

PAIVA, Eduardo França. Escravidão e Universo Cultural na Colônia. Minas Gerais: UFMG, 2001. 285 p.

Data : 01/01/2009

Título : A Loja

Categoria: Crônicas

Descrição: "As pedras tiram qualquer sentimento que possa existir no coração do homem. Não se ama nada, nem ninguém, só a droga."

A Loja

"As pedras tiram qualquer sentimento que possa existir no coração do homem. Não se ama nada, nem ninguém, só a droga."

Foi só por curiosidade. O louco era de Porto e estava passando uns dias na cidade. Ofereceu: "vamos queimar uma". Sei lá cara, não pensei duas vezes. Jamais pensei que mudaria minha vida por causa das drogas. Imaginava que só ia curtir. Curtir nada. Passei a ficar cada vez menos em casa e fazer corre para me drogar. Fui para as ruas ganhar a vida.

Bah... Já passei alguma por causa dessa maldita droga. Injustiças é o que mais acontece. Somos julgados por fatos que, muitas vezes, desconhecemos. Não importa quem assaltou, quem aplicou um 71, quem chacoou. Se a pedreira estava perto, foi ela. Sempre cai na do usuário.

Naquela noite, eu e meu namorado estávamos voltando do canal. Íamos fumar umas, curtir, o de sempre... Encostei-me no muro, peguei o cachimbo e fui dar um pega. Passou por nós um carro com películas escuras, devagar. O carro fez a volta na quadra e parou em nossa direção. Quando eu fui correr, me juntaram pelo pescoço e me jogaram no porta malas. Deram uns socos no meu parceiro, o agarraram e o puseram sentado no banco de trás, com mais dois malucos. Seguimos calados.

Me perguntava: "Quem eram? O que queriam?". Nunca tinha visto aqueles homens na minha vida. Estacionaram o carro em frente a um cemitério, arrancaram nossas roupas e, enquanto nos surravam, perguntavam: "Quem tinha roubado a loja?" Que loja? Nós lá sabíamos de roubo de loja?

Os caras insistiam, queriam que apontássemos os culpados.

Quase mataram meu namorado. Ele se esvaia em sangue, de tanta coronhada de revolver. Eles disparavam tiros para o alto. Falei todos os nomes que eu conhecia no mundo, mas nada. Eles continuavam a me bater. Não tínhamos roubado, nem sabíamos quem tinha feito. É assim, os moleques das ruas fazem a mão e quem paga o pato são os crackeiros. O preconceito é muito grande. Só porque é drogado, tem que carregar a fama de ladrão? Nem todos roubam e nem todos matam, mas o rotulo é para todos.

Eu mal conseguia me mexer, sentia meu corpo todo inchado. Então, depois de ter nos deixado completamente machucados, eles desistiram e foram embora. Nos agarramos e fomos andando, até que conseguimos ajuda de um homem, que passava pela rua. Ele nos levou para o hospital.

Não falamos a verdade na emergência, nem para o homem que nos socorreu. Para que falar a verdade? Você pensa que, se o homem soubesse que éramos usuários, teria nos ajudado? Era capaz de ele passar com o carro por cima de nós.

Imagina, drogados... Falamos que tínhamos sido assaltados. Até na rádio foi divulgado assim. A verdade ficou guardada. Mais uma injustiça no mundo, só mais um fato. Quando se fala que é usuário, se perde a razão: ninguém escuta, ninguém acredita. Pegou no cachimbo do crack: perdeu a razão diante da sociedade. Ficamos três dias internados, tomando soro e nos reabilitando, para poder voltar para nossas vidas, para o nosso mundo.

No mundo das pedras, somos rotulados. Não temos mais valor para as pessoas, nada que se fale será a verdade. Sempre vão nos questionar.

Monique tem vinte e dois anos e é stripper em uma boate. Frequentou a escola até a 6ª série do ensino fundamental. Fuma crack há seis anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A loucura

Categoria: Crônicas

Descrição: "Minhas mãos suam o tempo todo e meu corpo treme. Estou tão trêmula que não consigo escrever uma palavra."

A loucura

"Minhas mãos suam o tempo todo e meu corpo treme. Estou tão trêmula que não consigo escrever uma palavra."

A cada dia que passa, eu fico mais louca. Uma enfermeira, um dia, me falou que eu iria enlouquecer de tanto fumar. Sabe, eu acho que é exatamente isso que está acontecendo. Estou mergulhada no vício e numa loucura sem fim.

Quando não estou na droga, fico pior ainda. Meu corpo pede as pedras, eu tenho dor na barriga e diarreia. É a fissura. Não consigo me concentrar, olho para a televisão e não vejo nada.

Outro dia, fui tentar escrever uma carta, mas não deu. Minha letra ficou péssima. Era bonita e legível, mas, agora, escrever como? Nem tenho cabeça. Os meus pés estão em carne viva e com muitos calos, outro dia, até sangrou de tanta correria atrás da droga. Vendi meu sapato em troca de umas ducas e fiquei caminhando descalça. Só fui sentir dor muito tempo depois.

Estou tão doida, que, uma noite, um cara desconhecido me parou, na rua, dizendo que tinha umas para fumarmos. Eu acreditei. Fui andando com o louco, na esperança de usar a droga, mas ele me violentou, atrás de uma igreja abandonada. Foi horrível. Rezei muito, enquanto ele mantinha relações comigo. Ele falava que iria me matar depois que acabássemos. Fiquei com muito medo de morrer e de nunca mais ver a minha família. Talvez eles nem achassem o meu corpo.

Essa é a loucura das pedras: me fazem cometer horrores. Por mais que eu tente, não consigo largar. Já me internei, mas chega um momento que não agüento e volto a usar. Um amigo, um dia, me disse quem entra não sai. Não acreditei, mas acho que ele tinha razão. Querer é uma coisa, mas vai longe até conseguir.

Valentine tem vinte e seis anos e é secretária. Possui o segundo grau incompleto. Fuma crack há seis anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A noite
Categoria: Crônicas
Descrição: "Fumar crack é como brincar de roleta russa, só que, com as pedras, não tem segunda chance"

A noite

"Fumar crack é como brincar de roleta russa, só que, com as pedras, não tem segunda chance"

Quando que comecei com tudo isso? O que importa o tempo? Maldito tempo voa, uma viagem. Sei lá, faz uns cinco anos, ou mais. Não sei a data certa. Nada vai mudar o tempo que faz, eu já estou viciada. Um ano ou mais, isso não vai fazer diferença alguma na minha vida. O que importa, deixa quieto. Só sei que estou na loucura do vício: sem emprego, sem casa, sem nada. Só me restaram as pedras, agora. Vivo para elas. Uma escravidão, um filme de terror que não tem fim. Já passei muitas loucuras, por estar envolvida com drogas. Uma noite dessas, me aconteceu tanta merda que foi um inferno, não deu para esquecer. Essa ficou na mente.

Tudo começou, quando eram umas oito horas da noitee eu enlouqueci. Fugiria do hospital. A fissura bateu eeu larguei. Eu não agüento ficar muito tempo sem fumar. Eu saí pela portaria dos funcionários mesmo. Saberria que, depois, me arrependeria, mas na hora não se pensa. Sei lá quantas vezes fui internada, mas era minha última chance. Foram as palavras da família, mas não resisti.

Já fui logo pedindo carona, até que uma motocicleta parou e eu fui. Nem conhecia o louco, mas meu objetivo era sair logo de perto da clínica. Sei que o carinho também dava uns pegas, ai fumei algumas com ele. Quando a grana dele acabou, me mandei. Não existe nada que me segure, se não tiver pedras para colocar para mim, estou indo, estou caindo fora. Chaquei uma grana do motociclista e fui comprar, mas não tinha aonde fumar. Enquanto estava caminhando, uma louca me atacou. Drogada, assim como eu, ela queria minhas roupas. Sei que começamos a nos tapear e eu corri para dentro de um barraco. Comprei, fumei e saí para a correria novamente. As ruas escuras, imundas de quem as percorre atrás de drogas, parecem um filme de horror. Corri para a rodoviária, comecei a pedir grana para um e outro, até conseguir cinco reais para poder me drogar. Comprei e fui fumar na casa de um amigo. Amigo? Que nada. Tem que colocar droga para ele, não existe amizade nesse mundo das pedras. Quando cheguei, ele não estava sozinho, tinha uma mina lá com ele. Fumamos. Nós três na praga. Ela pediu para eu penhorar o celular dela na boca. Peguei o celular e penhorei por uma pedra de cinco reais. No outro dia, voltaria lá, pagariae o traficante me devolveria o celular, mas, sabe, isso nunca funciona. Viciado é assim, pode até penhorar, mas não consegue resgatar, porque a fissura vem e já era o que está na penhora. Não vá pensar que não temos vontade de fazer o certo, sempre temos, mas a fissura pelo maldito crack é muito maior. Essa droga contamina, pior do que qualquer doença, o que você puder imaginar de ruim acontece com quem fuma essa porcaria.

Fui criada praticamente dentro da igreja, mas eu me perdi. Muito cedo, conheci nas drogas. Comecei como todo mundo, com a maconha, mas deixa para lá.

Com o crack, tudo muda, tudo sai do lugar. O tormento começa logo após as primeiras fumadas. Nenhuma droga causa tamanho estrago como essa. Só sei que era um frio do cacete e eu sai tastaviando pelas ruas, atrás de grana. Alucinada, numa trincadera, consegui mais dez reais fazendo um programa. Fui comprar, mais uma vez. Já era quase de manhã, voltei no meu amigo e a mina, dona do celular, começou a pirar. Disse que eu tinha vendido o telefone dela e queria minhas pedras. Me atacou e pegou minhas ducas. Sei lá o que deu na garota, estava fissurada, alucinada. Fiquei louca. Os dois ainda fumaram na minha frente, não me deram nenhum pegae me acusaram de ter vendido a droga do telefone. Depois de fumarem, a louca ainda pegou uma tesoura e começou a cortar meu cabelo. Na mente dela, eu tinha vendido o celular edeveria pagar por isso. Eu não ia fazer uma cachorrada dessas, mas nessa louca vida de craqueira, como eu disse, tudo muda de lugar.

Renata tem trinta anos e é estagiária de direito. Estuda no quinto ano da faculdade de Direito. Fuma crack há seis anose passou por três internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : A Trajetória do Crack

Categoria: Crônicas

Descrição: Pequenas pedras, que parecem ser inofensivas. Cabem na palma da mão, podendo ser escondidas em qualquer lugar.

A Trajetória do Crack

Pequenas pedras, que parecem ser inofensivas. Cabem na palma da mão, podendo ser escondidas em qualquer lugar. Chegaram aos Estados Unidos em metrópoles, como Nova York, por volta dos anos 80, e era consumida apenas pela classe baixa, porém, elas foram se destacando de outras drogas.

O crack, naquela época, era tão potente que os traficantes tiveram que reformular sua fórmula, porque perdiam sua clientela.

Como era apenas o refugio da cocaína, sem nenhuma outra substância, as pedras eram extremamente químicas. Uma droga que viciava rápido, de baixo custo, mas que causava a morte aos seus consumidores.

No tráfico, o propósito é obter lucro e, como o crack matava suas vitimas, no máximo em cinco anos, os comerciantes das pedras tiveram que reformulá-lo. Em meados dos anos 80, eleja não era apenas o refugio da cocaína, pois foram acrescentados mais ingredientes.

O crack chegou ao Brasil, em meados de 1988, na cidade de São Paulo. A mídia começou a observar pessoas estranhas, que andavam pelas ruas

apressadamente, com olhar vidrado, depois de fumar algo em um cachimbo rudimentar. O crack havia chegado. Uma teoria diz que o crack veio parar no país, porque o mercado ficou saturado de cocaína, que possuía um preço elevado, variando entre trinta e cinquenta reais a grama, e tinha pouca salda. Sendo assim, tiveram que criar uma nova forma de usar a cocaína. Foi assim que nasceu o crack. O valor era bem menor, variando entre cinco e dez reais. No início, o crack era a droga com consumo destinado para as classes desprovidas de recursos financeiros.

Outra teoria diz que a criação do crack deve-se a forma de fabricar uma qualidade de cocaína sem o devido refino, já que para tal necessita-se de éter, acetona, glicerina e permagonato de potássio, cujo refino, além de caro, possui substâncias voláteis e tem odores fortes, sendo facilmente detectados pela polícia.

As pedras são oito vezes mais potentes que a cocaína. Estima-se que vicia logo nas primeiras fumadas. Uma droga que, atualmente, não é apenas usada por meninos de rua ou prostitutas. O crack está nas classes sociais mais variadas, não escolhe sexo, raça ou cor. A absorção do crack é feita por via pulmonar e em quinze segundos atinge os neurônios. Seu índice de absorção é de 100% via pulmonar.

O crack está liderando todas as estatísticas. Em 2009, do total de pessoas usuárias de drogas abordadas, 90% eram usuárias de crack. Segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande Do Sul, o estado possui aproximadamente 55 mil usuários de crack. Devido ao alto poder estimulante, o crack vicia oito vezes mais rápido que a cocaína. Buscam-se ferramentas para diminuir o impacto da dependência no Rio Grande do Sul.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Acordo só por um pega

Categoria: Crônicas

Descrição: "Pensamento, de todos os dias, como se fosse uma oração: fumar pedra"

Acordo só por um pega

"Pensamento, de todos os dias, como se fosse uma oração: fumar pedra"

Bah! São 14 horas, que tarde. Eu penso e me vejo deitado em um cobertor, velho e sujo, sobre o chão, na casa de um parceiro, também usuário. Olho para os lados: pessoas que fumam pedras. Uns rasgam papel e não param de se bater e implorar por um pega. Outros ficam, o tempo todo, espiando pelas janelas e dizendo que vem vindo alguém. Outro que sai correndo comprar mais.

Eu, ali, mal lembro o que aconteceu. Como adormeci, indagava: "será que todos que se encontram aqui, agora, estavam ontem? Será que já é outro dia?" Perco a noção do tempo. Eu não penso e não falo, só olho, mas é como se eu não enxergasse nada. Eles, que estão ali, fazem parte do mesmo grupo que eu: pedreiros. Eu acordo, como eles, louco para dar um pega. Então, comecei tudo novamente. As mesmas coisas se sucedem. Quero pedra e, sendo assim, preciso de dinheiro. Então, vou atrás. Não me passa mais nada pela cabeça. Tenho fome, mas, primeiro, preciso fumar. É a necessidade primária. Coloco meus chinelos e vou à busca, como sempre, alternativa mais rápida e a qual não corro risco algum. Abro a porta, corro para a rua e não digo nada a ninguém. Ali, ninguém comunica atitudes, todos vem pelo vício. Ando pelas ruas, caminhando muito rápido. Se caminha rapidamente, quando se está fissurado, porque não se vê a hora de ter pedras na mão.

Cuido alguns carros, em um ponto da cidade. Às vezes, vou a um lugar. Outro dia, em outro. Hoje, especialmente, no mais próximo. Estou ansioso. Fico por ali, cuidando carros e juntando, de moedas em moedas, até conseguir o suficiente para um pega. Quando consigo dois reais, saio correndo atrás delas. Assim foi a minha tarde. Indo e vindo, subindo e descendo, dinheiro-pedra, pedra-dinheiro... Ganhei até um pastel, de uma senhora que estava próxima. Eu pedi a ela, falei que estava com fome. Quando não se tem mais casa onde comer e dormir, passasse a mendigar por um prato de comida. Felizes são esses que me doam, porque, viciados em pedras não compram alimentos. Até planejamos, mas quando temos o dinheiro em mãos: primeiro vamos fumar.

Assim se vai levando. Acho que não morremos, porque sempre tem uma alma boa que nos alimenta. Imagine uma pessoa que passa noites e dias fumando crack, sem parar. Não se dorme e nem se alimenta, acho que parte dessa para melhor. Vais se sobrevivendo assim. Não me questiono sobre nada, não tenho tempo para isso.

Tudo gira em torno do vício. Uma noite, durmo na casa de um. Outra noite, não durmo. Na verdade, não se planeja o sono ou a noite, como as pessoas normais. Simplesmente, chega um momento que se sente exausto demais e que o corpo não agüenta e adormece. Durmo e a pedra está nos meus sonhos. Nem nesse momento essa praga do crack me deixa em paz. Ela vem me perturbar e me atormentar. Talvez seja esse o motivo pelo qual já se acorda pensando em fumar. Ela não vai embora, o demônio fica ali, até você dar um jeito e fumar. Juro que vou largar, penso em parar, mas não dá. Eleja me possuiu, não consigo me libertar.

Lauro tem dezoito anos e é estofador. Frequentou a escola até a 7º série do ensino fundamental. Fuma crack há seis anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : As conseqüências do crack
Categoria: Crônicas
Descrição: "O crack é o diabo"

As conseqüências do crack

"O crack é o diabo"

Jurei que só ia dar aquele pega. Sempre se jura, é sempre assim. Prometo que é só para aliviar minha tensão. É como se fosse a fruta do pecado. Depois que deu a primeira mordida, não se controla. Quem usa crack, sabe que nunca se fica só em um pega. Depois que se fuma uma, seu corpo e sua mente pedem outra. Assim vai, uma atrás da outra, sem deixar tempo para racionar. Não tem mais fim. Isso aconteceu várias vezes comigo. É por isso que se gasta a grana que tem, fica loucão, vende as roupas que está vestindo e, depois, só resta roubar.

Naquela noite, fumei a grana que eu tinha, vendi meu tênis, fui para casa, peguei a televisão que a minha avó ainda não tinha pagado, coloquei nas costas e vendi. Fumei a TV, o tênis e a fissura ainda persistia. Quando se chega nesse ponto, nada mais importa. Se fica cego, só se pensa em fumar. Vale tudo para obter a droga, nem que isso faça com que se corra riscos de vida. Muitas vezes, até pensei e imaginei que a polícia me pegaria. O crack faz com que se tenham alucinações horríveis, mas, mesmo assim, eu fui. Sempre se vai...

Eu fui roubar o som de um Uno, para fumar, mas alguém escutou o barulho e saiu de casa. Senti um medo terrível. Pensava no que iria fazer. Então, me escondi embaixo do carro. Tive que passar a noite toda ali, até que eu percebesse que não corria mais risco algum. Quando amanheceu, sai todo sujo, esfolado e machucado e voltei para casa.

Essa é a rotina de um viciado em pedras. Quando tu dá um pega, tu quer dar outro pega e, assim, cai a casa. É sempre assim, com todos nós. Pergunte a qualquer pessoa que fuma se ela consegue ficar só num pega. Jamais. A rotina de um viciado é essa.

Outro dia, vi um vídeo game dando sopa e roubei. Só que escolhi o lugar errado, o dono do Play era um traficante. Na loucura de querer usar, não se pensa, foge do controle. Basta ter uma oportunidade de poder fumar e já era. Na hora, não vi nada, mas me viram. Sai com o Play na mão, oferecendo para os vizinhos. Não demorou muito, vendi por cinquenta reais, mas o fim dessa história não foi legal. Os traficantes sabiam que tinha sido eu quem havia roubado, então, já era. Me surraram tanto, que voltei me arrastando para casa. Estava chovendo tão forte, que perdi até os chinelos.

Histórias, como essas, fazem parte da vida de um usuário de crack, porque, na hora da fissura, você não raciocina. Fui e voltei dessa rotina várias vezes. Me internava e parava, mas quando voltava para as ruas, tudo começava novamente. Eu trabalhava, comprava roupas, calçados e me recuperava, mas, quando a vontade vinha, lá ia eu vender tudo o que tinha adquirido. Se mergulha no inferno. É um abismo que parece não ter mais fim. Sofro com tudo isso. Sei

que a sociedade pensa que quem usa pedra é por vadiagem, que não querem parar, mas isso não é verdade. Qual é o ser humano que gostaria de ser escravo, de um vício, assim? Que leva tudo que tu tem? Não há quem possa gostar de viver dessa forma.

Eu quero parar. Já parei várias vezes, mas não consigo resistir por muito tempo. É complicado. O mundo do crack tem a porta de entrada muito fácil, porque é uma droga barata, mas para sair dele é complicado. Inúmeras tentativas que não dão em nada ou, apenas, têm um tempo de validade. É assim, para mim.

Anderson tem dezenove anos. Possui o primeiro grau completo. Fuma crack há quatro anos e passou por quatro internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Carência

Categoria: Crônicas

Descrição: "Toda minha caminhada, todo o meu esforço e todos os meus dias são em busca das pedras."

Carência

"Toda minha caminhada, todo o meu esforço e todos os meus dias são em busca das pedras."

Tudo mudou na minha vida, desde que conheci as pedras. Antes, eu trabalhava, estudava, tinha uma vida. Agora, o que posso dizer de mim? Aonde eu vim parar? É complicado falar sobre si mesmo, é como voltar no tempo e analisar os fatos, um a um, para entender como cheguei até aqui.

Caminhos percorridos, sem medo, na adolescência e, com medo, na infância. Vou começar pela minha família. Quem era ela? Eu não sei e talvez nunca saiba. A minha mãe faleceu de câncer. Não foi ela quem me educou e me ensinou os princípios e os valores da vida. Meus pais se separam quando eu tinha três anos de idade, por isso, também, é que tenho vagas lembranças de minha mãe. Pela lei, quem deveria ter ficado comigo seria ela, mas foi meu pai, que com sua garra, coragem e determinação, que me criou. Quando eu cresci, certo dia, surgiu a dúvida do porquê minha mãe não ficou comigo. A resposta foi cruel e dura, mas a realidade da vida é assim. Meu pai me relatou, que quando eu era ainda um bebê, ela perdeu a minha guarda por maus tratos. Fui jogado no chão por ela. Sabe, ninguém nunca vai substituir uma mãe. Seja ela quem for, seu espaço permanece vago até hoje. Como a figura de uma mãe faz falta...

Fui uma criança rebelde e arteira, admito, mas era repreendido pela minha madrasta. Essa mulher, que se uniu ao meu pai, tinha dois filhos. Éramos três, mas eu era o menino mau. Tudo o que acontecia, sempre era culpa minha. Ela

me espancava muito. Fico a me perguntar se é uma sina: primeiro ser espancado pela mãe e, depois, pela madrasta. Tenho minhas revoltas.

Quando se entra na adolescência, tudo piora. Você quer mostrar que é capaz, a sua revolta interna explode e, muitas vezes, você acaba procurando uma fuga. Uma fuga para tudo de ruim que ocorre na sua vida, para seus anseios e seus medos. Foi assim, comigo. Uma fuga que não vai te levar a nada e que vai piorar tudo.

Fui cursar o segundo grau na parte da noite. Foi quando tudo começou. Eu me perdi na noite de uma forma prazerosa, rebelde e sem controle. Com quinze anos, tinha uns colegas da turma que fumavam maconha. Eu queria fazer parte de algum grupo, mesmo que fosse dessa forma. Queria me sentir "gente". Inofensivo e sem maldade, comecei a matar aulas. Ficava esse tempo bebendo, fumando maconha e jogando sinuca. Me achava adulto o suficiente para poder tomar minhas próprias decisões e fui morar em Marau.

Lá, comecei a vender maconha. Morava bem, no centro. Tinha namorada. Tudo normal. Menos a parte de vender a droga, claro. Até então, nada tinha fugido do meu controle. Até eu conhecer o cara que me apresentou as pedras.

Ele sempre andava pelas ruas, doidão. Eu o aconselhava, dizia para ele parar de fumar, para largar daquilo, mas ele não me escutava. Ficamos amigos e, uma noite, ele foi até o meu apartamento e colocou as pedras para mim. Eu fumei com ele. Depois daquela primeira vez, eu não parei um dia sequer de usar. Comecei a vender minhas roupas, meus calçados, tudo o que eu tinha para consumir a droga. Minha vida mudou 100%.

Nem acredito que tudo começou assim. Eu ainda sou uma pessoa sem orientação, acho que foi isso que faltou. Meu pai sempre me ensinou valores, me incentivou em muitas coisas. Nunca esqueço, que quando eu era criança, ele me fazia ler um livro por semana e, depois, contar a história para ele. Tantas lembranças que permanecem, para sempre, na memória. Muitas vezes, bate o passado e tenho saudades.

Com o crack, aprendi a roubar. Uma noite, fissurado, estourei uma vitrina e me pegaram. Resultado? Cinco meses na prisão. Depois de ter ficado esse tempo fechado, jurei que não roubaria mais, mas a fissura bate e é preciso fumar outra vez. O crack deve ser uma espécie de pacto com o diabo. Não tem explicação de como ele transforma vidas.

Semana passada, a fissura veio e fui roubar. Entrei em um mercado e coloquei quatorze barras de chocolate na cintura, mas, mais uma vez, fui pego. Chamaram a polícia e fui, novamente, parar na delegacia. Até chegar lá, foi horrível. Era como se eu fosse um bicho. No meio de uma praça, eles me espancaram, me chutaram e me arrastaram pelos cabelos, durante muito tempo. Muitas vezes, pensei que a morte seria a solução. Nesse dia, esse pensamento veio, novamente.

Já cortei meus pulsos, quis ir embora dessa vida. Eu não sei o que acontece, não consigo me libertar desse vício. Passo meus dias assim, sem sentido algum, sem motivos para viver e sem esperanças. O crack te tira qualquer tipo de sentimento, de auto-estima.

Mauro tem vinte e quatro anos e é vendedor, empacotador e secretário. Possui o segundo grau incompleto. Fuma crack há dois anos e passou por dez internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 30/04/2006

Título : Culpa de quem?

Categoria: Crônicas

Descrição: "Ninguém tem culpa de nada. Era para ser assim. Quer saber? Não me arrependo não. O que tem a vida de bom mesmo..."

Culpa de quem?

"Ninguém tem culpa de nada. Era para ser assim. Quer saber? Não me arrependo não. O que tem a vida de bom mesmo..."

Pelas ruas, caminho com um andar de quem não quer muito da vida, ou, pelo menos, sabe que ela já não tem muito a oferecer. Não tenho ninguém por mim. Meus pais não me ensinaram as lições da vida. Perdi minha mãe quando eu tinha seis anos. Morte trágica, meu padrasto a matou com dois tiros, em um supermercado do bairro onde nós morávamos. Eu não a vi morrer, mas ainda tenho, na minha memória, a cena de pessoas conhecidas gritando por socorro e minha avó me levando pela mão para longe. O meu pai, esse, também, nunca me ensinou nada da vida. Me lembro que ele tinha uma arma e me dava, nas mãos, para eu brincar.

O que me fez ser um viciado em pedras hoje? Vai saber... Quem essa desestrutura familiar: um pai ausente, uma mãe que quase não lembro, enfim, restaram eu e minha irmã. Fomos criados pela minha avó materna, aposentada e sem muitas condições financeiras. Tive que começar a trabalhar muito cedo, com doze anos já tinha responsabilidades. Com meu salário, eu ajudava minha avó, em casa, a comprar alimentos. Íamos vivendo. Sempre fui calado, nunca comentava nada com minha avó. Sempre guardei minhas dores, a falta de colo, de carinho, de mãe e de pai. Fui criado para o mundo. Cresci solto pelas ruas da cidade. Acho que minha avó não sabia muito como educar. Ela me ensinou valores, mas não sabia os perigos que rondam as ruas.

Tudo começou assim: minhas companhias, apesar de poucas, sempre mais velhas, com boase más experiências. Fui aprendendo a malandragem da rua muito cedo. Com quatorze anos já sabia, muito bem, como roubar um carro, depenar e vender. Não fazia isso ainda, mas acompanhava de perto os meus amigos que cometiam esse tipo de delito, achando normal.

Um dia, eu estava voltando do trabalho para casa, quando vi uma casa abandonada. Fui ver como era. Quando entrei, tinha dois homens fumando crack. Eu nem sabia que aquilo era crack, não conhecia nem maconha. Um deles me ofereceu. Não sei por qual motivo, mas ofereceu. Fiquei com eles, observando, mas recusei, porque vi como eles ficavam depois que colocavam a lata, com a droga, na boca. Ficavam loucos, não paravam quietos. Olhavam

apavorados para todos os lados, atentos a qualquer tipo de barulho. Um dos caras falava que tinha cobras pelo chão ese encolhia em um canto da casa abandonada.

Não demorou muito, tinha recém feito quinze anos, voltei na casa abandonada. Tinha uns caras lá e perguntei: "O que é isso que vocês fumam?" E a resposta foi: "É crack". A casa abandonada não era mais abandonada, era um ponto de fumar pedra dos viciados da cidade. Sei lá o porquê, mas quis provar o barato dos caras. Um deles me deu um pega, que sensação maluca que me deu, não dá para expressar. Onovo e, até então, desconhecido crack, me dava à sensação de que alguém me chamava, de que tinham pessoas chegando. Uma sensação de prazer e alucinação, tudo ao mesmo tempo.

O tempo foi passando e continuei a usar. Já sabia aonde comprar, porque tinha ido buscar mais bagulho, um dia, com um daqueles homens. Homens esses que eu nunca tinha visto antes e que, até hoje, não entendo o porquê de me darem um pega. Tenho dezenove anos emoro na rua, porque a minha avó descobriu que eu estava fumando e me mandou cair fora ou parar. Como não consegui parar, tive que sair.

Foi melhor assim, porque na fissura da droga, eu vendia tudo o que tínhamos. Nem os chinelos dela escaparam.

Fico limpando pátios, para conseguir o dinheiro para comprar pedras. Também cometo alguns delitos, como roubar, que é normal quando se é um viciado, mas ainda tenho uma criança, escondida, dentro de mim. Jogo futebol, quase todos os dias, com uns meninos que brincam na rua. Eu sempre durmo embaixo de um prédio. Me deito sobre uns papelões e adormeço ali sozinho, desamparado. Sempre tem uma senhora, que mora aqui na rua, que me chama para jantar. Fico feliz que, pelo menos, tenho comida. Essa mulher me cede à janta. Durante o dia, se tenho fome, peço na rua. Se não ganho, eu fico procurando nas lixeiras, sempre tem alguma sobra. Antes de me envolver com essa droga, eu era um menino trabalhador, ajudava minha avó, comprava roupas...

Agora, vivo por um fio.

Fiquei devendo para um traficante e, um dia, ele me parou na rua pediu o dinheiro. Como eu não tinha, ele me fincou uma faca nas costas. Só senti o sangue escorrendo. Não fui para o hospital, mas a cicatriz permanece. Assim, como minhas feridas, da infância, que não cicatrizaram.

Ricardo tem dezenove anos e está desempregado. Frequentou a escola até a 7ª série do ensino fundamental. Fuma crack há quatro anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009
Título : Desilusão das pedras
Categoria: Crônicas

Descrição: "Trabalhar para o Diabo, isso é o crack e mais nada."

Desilusão das pedras

"Trabalhar para o Diabo, isso é o crack e mais nada."

Foi assim: "Mão na cabeça, vagabundo. Mão na cabeça e encosta na parede, sem se amarrar. Vamos, vamos..." Não fui eu não, não sei de nada, não vi nada. Os seguranças da boate da onde tinham roubado o carro gritavam, de lá, para os ratos: "É pedreiro, se não foi ele, ele sabe quem foi. São todos uma tropa de vagabundos inúteis, que roubam ematam para poder fumar". E os tiras foram logo tirando os cassetetes e me batendo, dando chutese socos por tudo. Os loucos me deixaram ali, no chão, até que eu não agüentasse mais. É assim, quem fuma pedra é tratado dessa forma, como bicho mesmo. Não dão moleza não, viciado é viciado.

E pensar que entrei nessa, de fumar pedra, porque me decepcionei no amor. Não dá para crer. A mina saiu sozinha eeu a vi. Ela gostava de mim, não sei o que aconteceu. Eu também gostava dela, mas curtia muito minha liberdade. Chegava, nos sábados, depois do meu expediente de trabalho, ligava para minha namorada e dizia que tinha que fazer horas extras. Horas a mais nada. Queria mesmo era sair para as baladas com meus amigos, fiz isso uma pá de vezes. Até que, em um sábado, não deu boa. Cheguei lá na boate, olhei para o lado e dei de cara com a minha guria. Eeu me achando o malandro. Foi uma decepção total. Eu gostava dela, mas fiquei louco, porque ela também estava de godó para cima de mim.

Naquela noite, tudo escureceu. Foi como se mais nada valesse à pena. Tinha um amigo meu, que era usuário de pedras, não deu outra. Fumamos e eu nem sei se realmente senti, não sei se me chapei. Na verdade, acho que não. Queria esquecer da cena.

Depois dessa noite, minha vida se transformou num inferno: perdi meu emprego, porque comecei a roubar. Pegava farinha, açúcar, óleo, tudo lá da padaria e corria trocar por pedras, na boca. Todos os dias, sempre assim. Até que descobriram e perdi meu emprego. Minha família até me internou, mas cada vez que eu voltava da clínica, tudo piorava. Parecia que tinha que recuperar o tempo perdido e roubava efumava cada vez em quantidades maiores, uma loucura.

O crack é uma desilusão na vida. Tenho que passar de cabeça baixa pelas pessoas, porque tenho vergonha de como eu era ecomo eu estou. Quando fumo, começo a lembrar da minha vida, antes do crack. Eu era feliz. Vêm as lembranças, na mente, eu pego meu cachimbo e preparo de novo. Cinza, pedra, fogo. Prendo e solto a fumaça, como se eu tivesse colocando toda a minha dor para fora. Isso sim é trabalhar para o demônio.

Remédios, não acredito em nenhum. Isso não existe. Deus existe e ele é o único remédio que pode tirar alguém dessa vida. Enquanto não conseguir colocar Deus no meu coração, as cenas vão se repetir: "Mão na cabeça. Quem roubou o carro pedreiro?".

Marcelo tem vinte anos e é padeiro. Frequentou a escola até a 3ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete meses e passou por duas internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Deu B.O.

Categoria: Crônicas

Descrição: "Crack é uma maldição que fascina. É como se fosse um tesouro, um diamante a ser descoberto, mas quando o encontra, acaba tudo"

Deu B.O.

"Crack é uma maldição que fascina. É como se fosse um tesouro, um diamante a ser descoberto, mas quando o encontra, acaba tudo"

O plano era sempre comentado em nossas loucuras. Se estivéssemos de cara talvez, não teríamos feito, mas não estávamos. Era sempre assim, nos estávamos na nóia, eu e a Marcinha e começávamos a bolar tudo, como seria, as hipóteses, o trajeto, como um plano mesmo. O dia chegou. Não escolhemos data, simplesmente tudo foi acontecendo e o tal plano seria concretizado.

Fui para a rua, correr atrás da grana. A Marcinha, minha parceira de fumar crack, ficou na boca. Eu seria a isca, se desse certo: beleza. O carro parou, deu sinal, o programa estava na mão. Fomos para o apartamento dele e fizemos o programa. Tudo certo. Ele me pagou normalmente. Era querido, simpático e tinha grana, mas principalmente: ele era inocente. Tudo o que precisávamos. Era o cara perfeito. Era tão puro, que chegava dar dó do idiota. Acreditava em tudo. Levantei a lebre: seria ele. Agora era só esperar o momento. Fingi que tinha gostado muito dele, que não queria só um programa. Ele estava carente, então, sugeri que ficássemos mais tempo juntos. "Vamos fazer uma festa"! disse ele. Era tudo o que eu queria ouvir. Concordei, claro, mas disse que iria pegar umas drogas, umas bebidas, convidar uma amiga minha, antes de ir para o motel. Ele adorou a idéia. Eu já tinha sondado o cara, sabia que concordaria, por isso sugeri. Ai que entraria a malandragem, aí que a minha amiga Marcinha entra.

Tinha feito minha parte. Achei um cara com grana e burro. Era o alvo para conseguir muita pedra. Só que eu tinha a capacidade de enrolar, de mentir, de seduzir e de induzir uma pessoa. Na fissura, até de pegar algum objeto, mas não passaria disso. A Marcinha era malandra, ela era profissional. Batia até em homem se fosse preciso. Roubava, estourava loja, assaltava e matava. Tudo para sustentar o vício. Ela não media esforços, o que precisasse ser feito, com

certeza, seria feito. Eu fui criada com princípios, classe média alta, apesar de ser pedreira como ela, eu não tinha maldade não.

Então, chegamos lá e ela entrou no carro. Fomos para o motel e, como no plano, embebedamos o cliente, fumamos umas pedras e ele só maconha. Quando ele estava totalmente fora de si, falamos: "Vamos embora". O plano estava chegando ao fim. Quando fomos embarcar no carro, ela disse: "Eu vou dirigindo". Foi arrastando o cara pelo meio da rua, arrancamos o carro e o deixamos lá. Nessas alturas, a malandra já tinha roubado a carteira e o celular dele. Fiquei com medo de ela ir dirigindo, então, eu peguei o volante. Andamos uma quatro quadras e a direção e as portas travaram. Tudo começou a disparar e acender luzes. Ficamos assustadas. Minha amiga pegou, rapidamente, o cd e o que tinha dentro do porta luvas e saltou fora. Não sei como, mas umas das portas abriu. Ela foi e eu fiquei apavorada. Decidi que iria até o cara devolver as chaves, tentar explicar. Sei lá, minha índole e meus princípios ressurgiram. Não agüentei, tremia com a chave na mão.

O encontrei caminhando devagar. Tentei explicar, mas ele me pegou pelo pescoço e começou a me apertar. Estava me estrangulando. Acho que estava nos meus últimos suspiros, quando a polícia chegou. O procedimento foi normal: exame de corpo de delito. Nós dois fomos para a delegacia.

Lá, nós dois discutíamos sem parar. Não sei como, mas ele se perdia no que contava, bêbado. Eu drogada. Os tiras fizeram a ocorrência como se eu e ele estivéssemos fazendo um programa e minha amiga inventou de dar uma volta. Eu entrei de gaiato.

A verdade, é que era um plano que já estava em nossas mentes fazia muito tempo. Pegar um cara tolo, que tivesse grana, deixar o louco bêbado, tirar o que pudéssemos e roubar o carro. Depois, vender tudo o que pudéssemos. Trocar, vender, negociar e terminar no acende e solta crack, mas deu B.O.

Sílvia tem vinte e três anos e é esteticista. Possui o segundo grau completo. Fuma crack há oito anos e passou por quatro interações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 16/05/2011

Título : Drogas - como orientar nossos filhos sobre esse perigo

Categoria: Artigos

Descrição: Pais é preciso controle e disciplina, o jovem quer a liberdade, mas é necessário que se saiba o local da -balada-,que tipo de festa é, e principalmente quem são os organizadores dessa festa.

Drogas - como orientar nossos filhos sobre esse perigo

O nascimento de uma criança é algo maravilhoso, enche uma casa de alegria, mas esse bebe irá crescer e sem que percebemos em um piscar de olhos quando olhamos para o lado já é um adolescente.

É nesta fase que o ser humano busca a identidade, é o momento das descobertas do amor, dos prazeres e a maior preocupação dos pais- que seus filhos se envolvam com as drogas.

Cada vez mais cedo percebe-se que as meninas esquecem a boneca num canto, partindo para as "baladas", e os meninos com 13 ou 14 anos iniciam sua vida sexual, é os tempos já não são mais os mesmos.

Mas o que fazer como os pais devem agir? Liberar, proibir? E o risco de se envolverem com as temíveis drogas?

Com a experiência de escrever a obra Meninos do Crack, pude detectar alguns fatores que podem levar o jovem a percorrer o triste caminho das drogas.

Penso que proibir não resolve muito, e sou a favor de liberar o jovem para as festas desde que haja um controle sobre isso.

Não se pode deixar o filho bater a porta de casa dizendo que vai para uma festa sem saber onde é essa? Como liberar sem dar limites, penso que pais e mães devem estar mais comprometidos com isso, perca seu tempo, ou melhor ganhe ele levando e buscando seu filho nas festas.

O descaso de muitos nesse aspecto pode gerar muita preocupação no futuro, convive escrevendo o livro com jovens que diziam saiam de casa falando para os pais que iam em uma festa quando na verdade estavam em um ponto de consumo de drogas fazendo uso de substancias psicoativas.

Alerto: "Pais é preciso controle e disciplina, o jovem quer a liberdade, mas é necessário que se saiba o local da "balada", que tipo de festa é, e principalmente quem são os organizadores dessa festa.

Muitos jovens insistem em dizer "sou autentico, posso andar com usuários de drogas que eu sei dizer não" cuidado todo adolescente quer sim fazer parte de algum grupo, mais um desafio para os pais: Saber quem são os amigos do meu filho.

A linguagem do adolescente:

Sabemos que as gírias são comuns na juventude, porém essas também evoluíram o que era moderno falar nos anos 60 talvez atualmente não se use mais.

No livro Meninos do Crack me surpreendi com as gírias que essas pessoas usavam, tanto é que no ultimo capítulo da obra citei algumas para que possamos conhecer essa linguagem.

Um menino de apenas 12 anos, com rostinho franzino tal tamanha dependência me relatou que saiu de casa dizendo para mãe que ia com o amigo comprar "duca" me perguntei se a mãe desse sabia o que era isso? Pais vocês sabem o que significa "Duca"? Cuidado seu pequeno pode estar saindo de casa usando uma linguagem que você não conhece podendo significar pseudônimo para droga.

É de extrema importância que os pais se mantenham informados sobre a linguagem do filho, isso pode sim detectar muitos fatores.

Não sou psicóloga, sou jornalista, porém me sinto na obrigação de passar esse conhecimento adiante, precisamos abrir os olhos, ampliar nossos horizontes

cuidar dos nossos pequenos para que futuramente possamos evitar muitas vezes danos irreparáveis.

Ano : 2009

Título : Era uma vez uma casa

Categoria: Crônicas

Descrição: "Fumei toda ela. O que restou, não é mais de ninguém. Ela é um vazio cheio de lembranças amargas"

Era uma vez uma casa

"Fumei toda ela. O que restou, não é mais de ninguém. Ela é um vazio cheio de lembranças amargas"

A casa, que ficava no alto, fazia com que chamasse mais a atenção das pessoas. Era uma casa de madeira, de dois andares, que já não estava em bom estado, mas eu gostava dela. Tinha nascido e crescido ali. Era conhecido por todos os vizinhos e pelas pessoas que por lá passavam. Meu lar, doce lar, não era doce. Era feito de fel amargo. De lá, se geravam todos os tipos de comentários, dos mais absurdos que se pode imaginar.

Claro que, com o passar dos anos, os proprietários não eram mais os mesmos, ou seja, eu e minha avó. Restei somente eu. Minha coroa não suportou me ver se destruindo, dia após dia, no vício. Então, ela abandonou a casa e eu fiquei morando só.

Isso não durou muito. Minha casa passou a ser freqüentada por muitos usuários da cidade, era o ponto de encontro de quem fumava crack. Eu não fazia restrições ao grande público, tendo droga para dividir comigo: bastava. Isso era a porta de entrada para quem quisesse. Foi, assim, que a minha residência virou alvo de fofocas e intrigas, porque era o local, de quem não podia fumar a droga em casa, fumar sem se preocupar, ou seja, um fumódromo. No interior da casa, restou muito pouco: somente objetos que não valiam uma pedra. O que tinha de útil, eu fumava. Na sala, eu tinha um sofá e uma mesa, em estado precário, mas que, ainda, me serviam e servia, também, para os que estavam comigo.

Quem morava lá? Eu e mais seis homens, todos os usuários de crack. Esse número variava, às vezes, tinha mais ou menos pessoas. Era que nem coração de mãe: sempre tinha lugar para mais um. Pessoas de diferentes classes sociais que, aos poucos, foram dividindo o mesmo espaço e a mesma droga. Era o que nos unia. Nossa convivência não era de amizade, mas de troca: eu dava um teto a eles e eles tinham que correr para trazer a droga.

Essa semana, minha casa desabou e nos deixou sem-teto. Os camaradas, que moravam comigo, estavam cuidando os carros quando os tiras passaram e os avisaram que, à noite, iriam bater lá em casa. Isso ocorreu. Eu não estava em casa quando a choque invadiu, surrou quem estava lá, arrancou a porta e a levou embora. O motivo pelo qual minha casa desabou não foi apenas um, mas posso resumir dizendo que, aonde existe crack, tem tumulto e muita galera, o que

chama a atenção dos vizinhos. As pessoas denunciaram, porque, muitas vezes, aconteceu de roubarem alguém por ali e correrem lá em casa. Sempre tinha brigas e discussões. Nesse meio, não tem amizade. Então, sempre tinha um que queria passar a perna no outro, quando estávamos fumando. Tudo isso gera intrigas e barulho.

Na minha casa, sempre tinha muita droga. O que me indignou é que a polícia entrou lá sem mandato judicial. Por outro lado, foi bom, porque a qualquer momento alguém podia morrer ali dentro, até eu. De repente, eu mesmo mataria alguém. Depois que a polícia bateu, eu e meu primo terminamos por destruir a casa, para que desse um fim em tudo aquilo.

Tirei vários usuários das ruas. Por mais que eu não tivesse muito para oferecer, pelo menos, não pegávamos chuva nem passávamos frio. A galera também me salvou de algumas paradas ruins. Uma noite, tentaram colocar fogo lá em casa. Eu estava dormindo e não iria ver nada. Se não fossem os camaradas, eu tinha morrido queimado. Tentativa de homicídio. Não sei quem foi e nem o motivo, mas esse não faltava... A polícia alegou que levou a porta, porque houve um assalto na Avenida e quem roubou entrou correndo lá em casa. Não sei se isso aconteceu, porque eu não estava lá para saber.

D.I. tem dezenove anos e é garçom. Frequentou a escola até a 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e passou por doze internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Esperto

Categoria: Crônicas

Descrição: "Que dia da semana é hoje? Bah, domingo... O crack realmente tá comendo meus neurônios."

Esperto

"Que dia da semana é hoje? Bah, domingo... O crack realmente tá comendo meus neurônios."

Está achando que é fácil conseguir grana para sustentar essa droga? É nada. Tenho que ralar o dia todo, mesmo estando grávida, o povo não colabora. Saio pelas ruas e fico catando latinha e papel. Depois, vendo tudo. Até que está dando para fumar umas oito pedras por dia. Quando não dá muito lucro, vou nas casas, bato na porta e aplico uma mentira. Minto que preciso de dinheiro para comprar remédio. Como estou esperando um bebê, tem uns e outros que se comovem.

Não tenho medo que aconteça alguma coisa com meu filho. Ele vai vir ao mundo perfeito. Como eu sei? Sabendo. Já é a terceira gestação. Fumei nas outras duas e não deu nada, só não estão comigo. Fazer o quê? O mundo é assim mesmo. Eles estão bem, são duas meninas. Estão na Casa da Criança, não estão rolando no mundo. Eu que estou.

Eu com esse meu rostinho sofrido, dá para dizer que fumo pedra? Ninguém desconfia não, eles acreditam. Faço uma cara de coitada, falo umas asneiras e já era. Um troco sempre sai e, de pouco em pouco, junto uma grana efumo.

Com programas não tenho sorte não. Outro dia mesmo, fui fazer com um cara, mas na intenção de fazer a mão, me quebrei. Não é que eu, passando a mão nele etentando pegar a carteira, quando chego na boca para fumar, vejo que o velho é que tinha me roubado? Que ódio. Catei papele vendi, tinha dez reais e ele me levou. Quando cheguei no canal ele estava lá, comprando duas pedras. Que viagem! Um velho de cinqüenta anos, fumando pedra eroubando das viciadas. Se não tivesse acontecido comigo, ia dizer que era alucinação. E não é que o velho me persegue, nas minhas alucinações? Eu vejo ele vindo e me matando. Parece que ele adivinhou que eu queria pegar a carteira dele.

Quando fumo, não é só ele que vejo não. Vejo vultos por todo canto, me dá um medo enorme. Por isso que, quando estou fumando, eu gosto de ficar quieta. Não gosto de pedreiro que fuma e fica de bate papo. Já enxergo gente por todo cantoe estou sempre com medo que os tiras apareçam, ter que ficar escutando "blá, blá, blá" é demais, com licença. Quero fumar meu bagulho em paz. Estou tão perdida que não sei nem que dia é hoje. Que nada, dá tudo na mesma, para viciado não importa dia, mês ou ano, tudo se resume em pedra.

Bianca tem vinte e dois anos e é catadora de papel. Freqüentou até a 5° série do ensino fundamental. Fuma crackhá seis anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Estou morta

Categoria: Crônicas

Descrição: "O HIV não tem cura mesmo. Estou morta, só esqueci de deitar"

Estou morta

"O HIV não tem cura mesmo. Estou morta, só esqueci de deitar"

Eu estava legal só com a cachaça e o cigarro, mas não deu para agüentar a barra. Perdi meu marido e a resposta de ser soro positivo acabou comigo. O que

é que vou fazer? Não tenho mais esperança de nada, desde aquele resultado do exame. Nada vale mais a pena. Não me arrependo de ter entrado no crack, só o que pesa na consciência é roubar.

Outro dia, peguei sete reais, que estavam em cima da geladeira. Eram da minha irmã, mas fumei e o arrependimento veio. Posso até cometer erros, mas me cobro muito quando pego algo de meus familiares. Eu não quero, mas não agüento. Tinha uma toalha de banho nova no varal, a fatura veio etroquei por pedra. Tudo que fica ao meu alcance, vira fumaça. Quando não consigo dinheiro para fumar, tenho que meter a mão no que não é meu. É muito triste.

Paro e penso: "Por que eu roubo?" As pedras me deixam assim: louca mesmo, sem noção de nada. Quando fumo, me sinto mais solta, com mais coragem. Se estiver frio, eu fumo e não sinto mais frio. Eu simplesmente não sinto nada.

Hoje, ainda não comi nada e já são dez horas da noite. Fumei bastante e o apetite foi embora, como a fumaça... Até que é bom, não me importo com mais nada. A AIDS vai me levar mesmo, não tem cura. Talvez eu só adie minha dor. Não quero vegetar em uma cama de hospital. Então, vou fumar até meu último suspiro de vida. Vida nada, é só lamento. Tenho que ficar implorando por um pego. Às vezes, me ajoelho e peço: "Por favor, me dê um pedacinho". Na noite passada, eu estava no canal lavando um montão de louça, às três horas da madrugada, tudo por um peginha. Não era nem por uma pedra. A minha vida está acabada mesmo.

Lurdes tem trinta e oito anos e está desempregada. Frequentou a escola até a 3ª série do ensino fundamental. Fuma crack há dois anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Eu não sou gay

Categoria: Crônicas

Descrição: "Pedrinha maldita, que faz tu fazer o que nunca sonhou."

Eu não sou gay

"Pedrinha maldita, que faz tu fazer o que nunca sonhou."

Aquele homem parecia saber que eu era um usuário de drogas, porque eu não tenho jeito nenhum de ser gay. Pelo contrário, sempre gostei de mulheres, mas quando a situação obriga, não se pára muito para pensar em opção sexual. O que fala mais alto é: onde vou conseguir cinquenta reais? Então, não hesitei.

Ele me olhava com um ar de desejo e veio a proposta. Fazer um programa com um homem que teria idade para ser meu pai. O meu amigo, que

já havia falado com ele, disse que seria jogo rápido. Nunca tinha feito sexo com homem, nunca tive esse tipo de desejo, nem em sonho, mas só de pensar que teria dinheiro para comprar crack, a idéia me fascinava.

A experiência foi terrível. Tive que pensar em mil e uma coisas para conseguir ter uma ereção, porque era eu quem iria fazer sexo com ele e não ele comigo, mas consegui. Se parar para pensar que aquela foi apenas mais uma... Isso começou a se repetir, toda a semana. O velho queria um menino de dezoito anos.

Minha vida nas drogas começou ainda quando eu tinha quatorze anos. Meu irmão, de dezessete, era usuário. Então, comecei a me drogar com ele. Sou só um menino, quem me olha pensa até que tenho quinze anos, porque sou muito magro. Quem me vê, nem imagina a que ponto cheguei para conseguir pedra. Nem mesmo minha família imagina isso, que tristeza para minha mãe.

Não moro mais com eles, estou por aí, por esse mundo. Meu irmão está preso. Foi pego assaltando uma loja, para poder ter grana para fumar. Eu, pelo menos, não corro esse risco, porque me prostituo. Ao contrário do que as pessoas pensam, que só mulheres fazem programas. O pior é que, na ânsia de conseguir a droga, nem preservativo eu uso. Viver como um maluco, onde tudo o que se quer é mais uma pedra. Esse sou eu, alguém jovem, mas com bagagem de vida. Morando em um moco, trabalhando e cuidando os carros, para obter a grana para comprar crack. Vou levando. Não sempre, mas quando a fissura é demais, faço sexo com aquele homem. Não quero pensar, porque acho isso tudo um nojo, mas é a minha vida. Não sei se é a vida que eu escolhi, a sensação que eu tenho é que tropecei e caí em um abismo muito profundo, no qual não consigo me mover. Futuro, para quem fuma pedra, não existe. Apenas, há caminhos difíceis, vai se acostumando a viver.

Chega a um ponto que, tudo o que rola em torno do vício, parece normal: roubar, matar, se prostituir e passar fome. Falando em fome, muitas vezes me peguei procurando sobras de comida no lixo, para poder me alimentar. Fazer o quê? É a vida. Não é fácil. É, sim, cruel, mas é assim que eu sobrevivo. Nunca fui preso, porque não levo o maior jeito para cometer assaltos, mas eu vivo em meio a tudo isso.

Mesmo que eu não cometa delitos, só pelo fato de eu usar crack, as pessoas já me encaram diferente, já pensam que vou roubar. Ao invés disso, eu peço. Invento umas mentiras aqui outras ali, até que junte cinco reais e, mais uma vez, corra dar um estouro.

Arthur tem dezoito anos e é desempregado. Fuma crack há quatro anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009
Título : Eu sabia demais
Categoria: Crônicas

Descrição: "Sabe o que é o crack? O bagulho mais prazeroso, mais lindo, nos primeiros instantes, nas primeiras fumadas e a sensação mais pavorosa, quando acaba"

Eu sabia demais

"Sabe o que é o crack? O bagulho mais prazeroso, mais lindo, nos primeiros instantes, nas primeiras fumadas e a sensação mais pavorosa, quando acaba"

Fui no banco pegar meu seguro desemprego. Quatrocentos e quinze reais. Voltei para casa, deixei duzentos com a minha mãe e fui dar banda. Era de manhã, mas não adianta, quando se tem dinheiro, já se bola um plano para fumar. A vida do viciado é assim. Peguei cinquenta reais de pedra e encontrei um parceiro na rua, que me indicou um lugar para fumar. Como faz pouco tempo que moro na cidade, não sabia de nenhum fumódromo. Sabe como é... Se não tem uma indicação, nem te deixam entrar em um lugar onde rola a droga, mas como tinha pedra, entrei na casa.

Quando cheguei lá, tinham nove pessoas: três mulheres e seis homens. Todos na roda do crack. Quem tem pedra coloca na roda. Principalmente para o dono da casa, esse é o que mais tem que ser apoiado. Quando acaba o dinheiro de um, o resto apoia. Fumei, fumei e continuei ali. Pessoas chegam para consumir e pessoas saem em busca de mais drogas, assim que funciona.

Quando a noite chegou, duas mulheres vieram com ela. Eram homossexuais, tinham feito um assalto e compraram dez gramas de pedra. Colocaram as pedras para todos fumarem. Uma delas encarnou em mim, mas eu não queria nada. Comecei a me distanciar. Fiquei no meu canto, fumando as minhas, para não depender de ninguém.

O dia amanheceu e todo mundo foi para a correria, atrás de grana. Uns assaltam, outros roubam. Eu fiquei, ainda tinha sessenta reais, no bolso, de pedra. Uma das mulheres fez um assalto, com uma arma de brinquedo. Começou meu cárcere privado. Nesse momento, começou a pior lembrança da minha vida, meu pesadelo.

Eu não sabia, mas como eu era a única, que estava lá, vi quando a mulher e um homem chegaram com um carro. Logo desconfieei, mas não falei nada. Os malucos conversavam sobre o tal assalto, o roubo do carro, na minha frente. Eu só escutei. Depois, olharam para mim e disseram que dali eu não sairia. Me trancaram e foram tentar vender o carro, mas não conseguiram.

Eu, enlouquecida, pedia, por favor, para que me deixasse ir embora, que não falaria nada à polícia, nem a ninguém, mas eles não me deixaram sair. Passei por um pesadelo. Eles saíram para vender umas peças do carro e tiraram qualquer objeto que poderia me ajudar a fugir. Me deram uma pedra de dez reais e me ameaçaram: "se você sair, te buscamos até no inferno, porque tu não é do nosso bando e vai falar para os tiras". Implorava para ir embora, já faziam dois dias que eu estava presa ali. Imaginei que minha mãe tivesse ido à polícia.

Estava no meio da tarde, quando abriram a porta. Era o dono da casa e os assaltantes, novamente. O proprietário colocou uma arma de fogo na minha cabeça, me pegou pelo pescoço e foi me arrastando... Me levou, assim, até o quarto, tampou minha boca e me violentou. Chorava baixo, estava apavorada.

Achei que me mataria. Eles começaram a desmanchar o carro, para poder vender o mais rápido possível. Então, deram uma pedra de dez reais para um cara ajudar no desmanche. Enquanto o cara fumava, eu pedia, por favor, que me ajudasse a sair dali. Ele falou que, se fizesse isso, matariam ele também. Eu chorava, estava aterrorizada. Como sairia dali? Com vida? Sem vida? O que seria feito de mim?

Foi, então, que, enquanto desmanchavam o carro, o cara começou a me dar sinais. Sinais que fizeram com que eu conseguisse escapar. Corri muito até chegar em casa, abri a porta e abracei minha mãe. Contei tudo à ela, mas ela achava que eu estava alucinada da droga. Insisti e ela chamou a polícia, depois de alguns minutos. Contei tudo e fui até o local com eles. Foi quando todos foram pegos em flagrante e presos. Tive muita coragem.

Hoje, fumo no banheiro da minha casa. Nunca mais sai para banda com ninguém. Tenho medo do que possa acontecer, por eu ter falado. Eu não me calei, porque queria justiça. Fui violentada e isso é um crime. Fumo minhas pedras, mas não roubo, não mato e não faço maldade com terceiros. Carrego comigo minha honestidade, minha dignidade e meu caráter. Mesmo sendo usuária de crack, eu zelo por isso.

Samantha tem trinta anos e é auxiliar de limpeza. Possui o segundo grau incompleto. Fuma crack há dois anos e não passou por internações de reabilitação.

Data : 01/01/2009

Título : Eu vendia

Categoria: Crônicas

Descrição: "O crack é o fim do mundo. Não há mais vida para quem usa. Aliás, ele é que nos usa."

Eu vendia

"O crack é o fim do mundo. Não há mais vida para quem usa. Aliás, ele é que nos usa."

Vim de uma família humilde. Engravidei e tinha quatro filhos para criar. Sabe qual é o caminho do pobre que tem ambição? O tráfico.

Meu marido já traficava, na época em que eu o conheci. Um dia, ele caiu na prisão e eu fiquei no lugar dele. Alguém tinha que sustentar a casa. Não fumava, só vendia, para fazer a vida, sustentar as crianças. Eu ainda tinha uma filha doente, que sofria de refluxo.

Uma manhã, quando acordei, fui até o berço, onde minha pequena menina dormia, e ela estava gelada. Gelada e dura, como uma pedra. Ela vomitou, de madrugada, e se engasgou. Morreu dentro da minha casa. Me desesperei, não sabia o que fazer. Entrei em uma depressão profunda. Eu fiquei em pânico. Quando anoitecia, me desesperava. A noite me trazia más

lembranças. Não queria dormir, tinha medo que, durante meu sono, alguma desgraça acabasse acontecendo.

Nunca tinha experimentado drogas, mas, como vendia pedras, sabia que uma das sensações que ela causava era a falta de sono. Foi aí que me afundei. Não queria adormecer e resolvi que as pedras me tirariam o sono. E elas acabaram sendo minha companhia. Foi assim que entrei no mundo das drogas, quando eu perdi minha filha. Meu mundo desabou e resolvi que fumaria pedras em parar, uma atrás da outra. Não planejei, não pensei, só usei e usei. Quando vi, estava viciada. O crack me tirou a razão de existir.

Antes, eu vendia. Enxergava a destruição de muitas pessoas. Via gente, de todas as classes sociais, fumando e se detonando. As pedras não me tiravam só o sono, eu me travava, me acalmava, mas não podia ficar sem elas, se não o pavor vinha. Com o tempo, não pude mais traficar, porque tudo o que eu tinha, eu mesma consumia. O crack me usava, virei uma marionete. Mais uma, como aquelas que eu observava e criticava, quando iam comprar de mim, quando me sustentavam por causa de seu vício.

Agora, o crack não sustentava minha família. Eu é que tinha que correr, atrás de grana, para poder sustentar minha nova companhia. Logo acabei indo para o mundo dos assaltos, dos roubos e da prostituição. Hoje, vivo dessa forma. Tentei uma fuga nas pedras, eu não queria mais pensar e nem mais agir. Agora, minha vida é só fumar e fumar. Nada mais importa.

Nunca caí, continuo a visitar meu marido, no presídio. Em uma dessas visitas íntimas, acabei engravidando novamente. Estou grávida de cinco meses. O que será dessa criança? Nem eu mesma sei. Acho que fujo até disso, até de pensar no meu bebê. Estou sempre assombrada pelo crack.

Patrícia tem vinte e nove anos e é cozinheira. Frequentou a escola até a 5^o série do ensino fundamental. Fuma crack há dez anos e passou por duas internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009
Título : Fim da linha
Categoria: Crônicas
Descrição: O desfecho de cada menino(a) do crack

Fim da linha

O desfecho de cada menino(a) do crack

Dez meses se passaram, desde o início do livro. Durante esse período, os meninos e as meninas do crack prosseguiram, cada qual, no seu caminho. A

verdadeira vontade, de que todos tivessem um final feliz até o término da obra, ainda permanece. Eis o desfecho dos personagens reais:

Valentine, em abril deste ano, foi preza, na cidade de Cidreira, por porte de entorpecentes. A família não tem notícias dela há dois meses. Apenas, recebeu notícias de que estaria residindo em Cidreira, onde não possui lar e se prostituindo por cinco reais, ou seja, em troca de uma pedra de crack. Não há provas suficientes, mas foi registrado queixa de desaparecimento da menina, que sumiu sem avisar e sem deixar pistas.

Anderson continua na mesma situação em relação ao crack: pára de fumar um tempo, mas, depois, recaí. Ele quer parar e sofre com toda a situação, mas a condição financeira na qual vive é precária e não possibilita o pagamento do tratamento necessário.

Mauro internou-se em uma Comunidade Terapêutica, em abril deste ano. Está se recuperando e permanece fazendo o tratamento. Está feliz, diz ter se encontrado com Deus.

Samantha está fumando diariamente e faz uso de medicação, porém, não consegue resistir às pedras.

Cristian, atualmente, mora em um ponto de droga, onde vigia e faz serviços gerais para o traficante em troca de crack e lugar para ficar.

Eduarda está limpa há sete meses, casada e com filhos. Ela se converteu e freqüenta a Igreja Evangélica, diz que é fé que a mantém de pé.

Sílvia é companheira de Samantha, mora em um apartamento bem estruturado com a família. Considera-se feliz, apesar de não conseguir largar o vício.

Fábio está desempregado e mora com a namorada, que luta diariamente para livrá-lo do vício, mas é em vão.

Teresa bebe aguardente e fuma pedra sem parar. Diz ter perdido o sentido de viver.

Ricardo dorme sobre um colchão velho, debaixo de um prédio, e furta carros para poder manter o vício. Não demonstra nenhum sinal de arrependimento em usar pedra.

Patrícia vai dar a luz a um menino, em dezembro. Não parou nenhum dia de fumar pedra e pretende voltar para o interior do estado do Rio Grande do Sul quando o bebê nascer.

Adão seguiu o mesmo caminho que Cristian: mora em um ponto de venda de droga em troca de pedras.

Marcelo chora constantemente e luta para permanecer longe da droga, mas só consegue ficar sem fumar poucos dias. Enquanto isso, vende o restante dos

objetos que restam em sua casa. Sobre a personagem Bianca, ninguém tem notícias dela e não sabem de seu paradeiro.

Flávia fica sem pipar dois dias, no máximo, mas, assim que consegue tirar algum dinheiro da carteira do esposo, some pelas ruas.

João passeia pelas ruas com o cão Cabeça de Martelo e, às vezes, pratica delitos para se abastecer.

Arthur faz programas em uma praça central e diz sempre conseguir clientes. Para escapar da chuva, ele adormece em casas abandonadas.

Mariane teve um bebê, uma menina, porém, perdeu a guarda, por não ter condições de ficar com a criança. Emocionada, diz: Agora, que levaram minha pequena, nada mais importa. Quero fumar todas para esquecer".

Michele vaga pelas ruas da cidade, faz programas e fuma. Está magra e tosse sem parar. Não consegue manter um diálogo por muito tempo. Lurdes rouba o que estiver dando sopa. Como ela mesma diz: se sente infeliz, mas não fala em parar.

Júlio e Lauro foram presos, no mesmo dia, por assalto a ônibus. Foram algemados na mesma hora e levados ao presídio, em maio deste ano, onde permanecem até hoje.

A personagem Kátia se prostitui e, assim que tem o dinheiro, corre desesperada para comprar pedras.

Rui está aparentemente bem. Não passou por internações nesse período de nove meses. Engordou oito quilos e diz fumar esporadicamente.

Marina foi preza, por posse de entorpecentes, neste mês. Há algum tempo, vinha traficando para poder manter o vício.

Sandro continua escondendo da família seu problema com o crack. Faz todo tipo de trabalho para ter dinheiro para fumar. Pede ajuda nas ruas para pessoas desconhecidas e é um ator nas mentiras, que sempre dão certo, segundo ele.

Henrique, há um mês, sofreu um atentado. Ficou devendo para outro usuário que o deu uma facada nas costas.

Monique não perde a graça em contar suas aventuras por uma pedra. Relatou, na última semana de outubro, que roubou um cliente e, mesmo quando ele espancou-a, não largava o dinheiro.

Piá está na penitenciária. Motivo: roubo a pedestres e lojas.

Fabianinha vaga pelas ruas fazendo programas. No período da elaboração do livro, engravidou. Não sabia quem era o pai e acabou tendo um aborto espontâneo, devido às drogas, quando estava no quinto mês de gestação.

Antônio está desempregado. No início da elaboração do livro, trabalhava em uma empresa bem conceituada, com carteira assinada, como encanador. O crack não permitiu que ele cumprisse seus horários e exercesse a profissão como deveria e, então, foi demitido. Pede ajuda, para internação, cada vez que me encontra.

Di, o menino inteligente, perdeu família e casa caminha pelas ruas e dorme nas calçadas.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Fumódromo

Categoria: Crônicas

Descrição: Alguns, que estão no fumódromo, têm família e casa. Muitas vezes, conseguem esconder o vício. Não importa a idade, raça, escolaridade ou beleza.

Fumódromo

Dez, doze. O número variava, dependendo do dia e de quanto de dinheiro as pessoas têm no bolso para fumar. Um mundo a parte, é o que parece para quem observava de longe. Pessoas que chegam, aflitas, em busca de mais um pedra. Dinheiro na mão em troca pedra, cachimbo e fósforo na outra para saciar uma vontade que parece não ter fim. Alguns sentam, outros não vencem a ansiedade e ficam em pé. Pegam os apetrechos, como se fosse elaborar um ritual, acendem a pedra e mergulham em um estado que mais parece de pavor do que qualquer outra coisa.

Para alguns, a droga parece fazer efeito maior do que para outros, aos olhos de quem está por fora. Pergunto o que sentem ao fumar, alguns não respondem e outros falam que só quem fuma consegue descrever.

Observa-se que, depois da primeira pedra, nada mais importa. Eles andam de um lado para o outro, atentos aos barulhos. É quando começa a paranóia. A turma do crack discute, uns com os demais, outros sozinhos. Mulheres que olham pelos buracos da casa, de alvenaria, insistindo que alguém está chegando. São apenas alucinações provocadas pelo crack. Um homem, que diz ter vinte e quatro anos, fica procurando farelos da pedra no chão, na esperança de poder dar mais uma pipada, mas não restam mais farelos, nem pedras. Apenas pessoas que dividem um espaço com um objetivo em comum: fumar crack.

O clima é frio e chove muito. O que parece não fazer diferença para alguém que fuma pedra. Um deles, com dezenove anos, veste camiseta, bermuda e chinelos. Pergunto a ele se não está com frio, numa temperatura de três graus. Ele faz

que não, com a cabeça. Outro, que também está na roda do crack, responde dizendo que o crack deixa o usuário incapaz de sentir frio ou fome. É o que parece a mim, somente uma telespectadora de um cenário triste e angustiante, formado pela fumaça das pedras.

Pessoas que chegam e não voltam mais para seus lares, enquanto tiverem dinheiro para abastecer-se de pedras. O tempo não tem sentido, as horas e os dias parecem não fazer parte da vida dos meninos das pedras.

Alguns, que estão no fumódromo, têm família e casa. Muitas vezes, conseguem esconder o vício. Não importa a idade, raça, escolaridade ou beleza. Entra quem tem dinheiro para fumar. Pessoas que fumam pedra dividem seu tempo entre fumar pedra e correr atrás de dinheiro para pipar novamente.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Gravidez e pedras

Categoria: Crônicas

Descrição: "O sensação maravilhosa, tão gostosa que me faz esquecer de tudo. Pena que dura menos de um minuto."

Gravidez e pedras

"O sensação maravilhosa, tão gostosa que me faz esquecer de tudo. Pena que dura menos de um minuto."

Ele sempre me dizia não enão, mas não adiantou. Meu marido não segurou a minha vontade de experimentar as pedras. Um dia, eu provei o mesclado e me bateu a vontade de saber qual era a sensação de fumar apenas a pedra sem a maconha. Fui experimentar.

Eu me arrependo, todos os dias, por ter colocado as pedras na minha boca, na minha vida. Eu perdi o controle de tudo ao meu redor, como qualquer viciado em pedras. A fissura, a vontade de fumar e fumar mais, nos faz perder tudo. Por causa das pedras, um dia, eu sai da minha casa, deixando meus quatro filhos sozinhos. Disse a eles que já voltaria, mas sabe quando retornei? Depois de três meses.

Mergulhei no inferno. Morava na rua, pensava em voltar para casa, mas não tinha coragem. Como dói saber que, fiquei longe dos meus pequenos, por causa do vício. É bem assim, enquanto tiver pedra, não se volta para casa. Me culpo muito. Quando meu filho começou a caminhar, eu não estava lá. Quando o outro começou a ir na escola, eu também estava na rua.

Não tenho vergonha de falar não, se eu pudesse aparecia na televisão e diria para todo o mundo: "Nunca comece, nunca pegue na mão". O crack tem um

poder de destruir tudo, de levar embora, em pouco tempo, tudo o que se construiu durante a vida toda.

Agora, estou grávida, novamente, de oito meses. É meu quinto filho. O outro nasceu normal e eu também fumei pedra durante a minha gestação. Olha para mim, faz três noites que estou acordada, só fumando. Eu penso no meu bebê, mas não consigo largar esse cachimbo.

Quantas pedras eu fumo por dia? Acha que pedreiro conta quantas pedras fumou? Capaz. Sem noção. Tem dias que se fuma mais e outros menos. Sei lá, tem dias que eu fumo cento e cinquenta reais, tem dias que fumo duzentos. Fumo conforme quanto dinheiro eu tenho. Isso não te conto: da onde vem a minha grana. Não falo não.

Eu estou fazendo pré-natal e contei, para o médico, que fumo pedra. Sou sincera, não vou esconder. E sabe como é, quando eu subi na balança, ele viu que eu não tinha peso de uma gestante normal, do que iria adiantar eu mentir? Falei a verdade.

Todo mundo aconselha, diz para parar. Eu quero sim, mas não tem jeito, não consigo. Eu tentei, várias vezes, mas não sou forte o suficiente. Não vou internar. Para que eu vou ir para numa clínica, se eu sei como funciona? Quantos camaradas que conheci que se internaram não conseguiram largar o vício. Outro dia, eu estava dando um estouro no canal e chegou um amigo meu, que estava sumido. Me olhou e disse: "Me dá um pega aí. Acabei de sair do hospital, estou louco para fumar uma". Vem dizer que adianta se internar? Os caras vão lá, dão um tempo, e, depois, voltam mais loucos ainda para fumar pedra. Sabe, quem quer parar, até pára, mas tem que ter muita força de vontade e vergonha na cara. Se não for assim, não adianta.

Eu não me escondo para fumar. Tem uns aí que ficam vendo cobras e bichos, quando fumam, e se trancam num lugar. Eu não fico nessa paranóia não. Se eu tiver pedra equiser fumar, eu acendo em qualquer lugar. Na rua, nos banheiros públicos. Adoro banheiro. Já fumei várias pedras em banheiro de farmácia, de shopping, de mercado, de hospital, em tudo que é lugar. Depois que eu dou um pega, ninguém me segura não. Eu fumo uma atrás da outra.

Como tu acha que fiquei grávida? Drogado não pensa, se tem dinheiro, compra duca não anticoncepcional. Vai, me deixa colocar a brasa, aproveitar essas últimas pedras. Depois, tenho que dar um jeito de conseguir mais.

Amanda tem vinte e cinco anos e está desempregada. Frequentou até a 5ª série do ensino fundamental. Fuma crack há dois anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Liberdade, liberdade

Categoria: Crônicas

Descrição: "Crack: a praga do fim dos dias, que não foi prevista pelo Messias"

Liberdade, liberdade

"Crack: a praga do fim dos dias, que não foi prevista pelo Messias"

Quem sou eu? Um garoto de dezoito anos, bem instruído, inteligente, bonito e que se envolveu com drogas. Quem diria. Eu, um menino que tive uma educação legal, com liberdade para fazer o que desejasse. Brinquedos, amigos e o mundo que despertava curiosidades em qualquer adolescente. O mundo, lugar que oferece tantos caminhos, aonde as oportunidades vão surgindo conforme se vai percorrendo as estradas da vida. Assim aconteceu, eu percorri o caminho e escolhi a escolha mais errada que alguém pode escolher.

Assim, simplesmente, de curioso, eu caí nessa vida que hoje estou. Éramos em um grupo de amigos normal. Sempre nos reuníamos, como quaisquer jovens da nossa idade. Bebíamos, íamos a festas, ficávamos com garotas e fumávamos maconha. Não sempre, mas usávamos. Minha mãe nunca perguntava muito sobre minhas amizades. Ela sempre dizia que eu tinha a minha liberdade, escolheria meus caminhos. Tamanha liberdade essa, aliada com minha curiosidade, que fez com que conhecesse as pedras.

Era um dia típico de inverno, fazia muito frio e ventava muito. Nos reunimos, eu e meus amigos, para, como sempre, conversarmos e fumar um breck. Tínhamos dinheiro e foi quando surgiu a idéia de um deles: "vamos comprar pedra?". Nos olhamos, não analisamos nada. Eu nunca tinha visto pedra na minha vida, não sabia nem como que se usava, mas a curiosidade, a vontade de provar o proibido, fez com que concordássemos e fomos em busca do desconhecido, do novo. Talvez quiséssemos provar novas sensações, saber qual era dessa droga que muitos usavam. Resolvemos ir fumar lá nos trilhos, embaixo do viaduto, e aí, tudo começou.

Saia de casa, pedia dinheiro, sem dar muitas satisfações e caminhava para a perdição. Minha mãe não sabia de nada. Sei lá, nossa relação era turbulenta. Meus pais eram divorciados e tinha cinco irmãos que, também, precisavam de atenção. Assim eu ia, pela vida.

Porém, depois de alguns anos, um dia cheguei em casa e o vizinho me disse que minha mãe tinha ido embora para Sananduva. Assim, do nada. Me senti abandonado. O abandono também é um dos motivos que fazem com que a pessoa que fuma pedra se afunde cada vez mais. Eu só tinha dezessete anos quando ela partiu. Perambulei e acabei indo morar com uma família de amigos, que me acolheram, mas não pude me manter isento das drogas. Tinha apoio deles, mas não resistia e recaía. Assim foi por um bom período. Eu freqüentava a Igreja com eles, me segurava, mas muitas vezes não resistia e voltava a usar a maldita droga. Até que, um dia, eles não aceitaram mais e me ordenaram que eu arrumasse outro local para morar.

Nessa época, eu trabalhava em uma estofaria. Sem lugar para morar, um colega de trabalho me ofereceu a casa dele. Eu fui, continuava no vício, mas ele não sabia. Tive melhoras e pioras. Ficava limpo um tempo, mas depois batia a fissura e eu ia. Assim foram se passando os dias. Na noite em que eu iria completar meus dezoito anos, combinei com meus amigos de sairmos, fazer uma festa, mas sem pedras. Seria uma diversão saudável, mas não foi. Eu estava os

esperando, mas eles demoraram. Começou a me bater a maldita vontade de fumar e, então, peguei meu dinheiro e fui. Fumei todo meu salário e a vontade não passava. Sem pensar duas vezes, aliás, não se pensa quando se está fissurado, vendi tudo o que tinha na casa do meu colega de trabalho e, mais uma vez, virei a noite fumando.

No outro dia, fui até a casa do meu pai e disse que tinha penhorado as coisas do meu amigo por trezentos reais. Viciados em crack mentem e convencem. Meu pai, alcoólatra, me deu o dinheiro, achando que eu iria recuperar os objetos do meu amigo, mas isso não ocorreu. O que eu queria era fumar. Passei, mais um dia todo, fumando pedra.

Não sei como, mas tudo se tornou assim: pedras e mais pedras. Me senti muito abandonado quando meus pais se separaram. Eu era jogado de um lado para outro. Queria fugir, esquecer os problemas, não pensar. Então, me refugiava no vício. Sei lá, parece que sempre tive que fazer tudo, na minha vida, sozinho. Sempre tudo por mim. Queria apoio, diálogo, família e regras. Eu era dono de mim, muito antes do que eu queria ser. Penso muito em sair. Acho que ainda dá tempo, mas os dias vão passando e eu continuo sem casa, sem família, roubando e fumando.

Lauro tem dezoito anos e é estofador. Frequentou a escola até a 7° série do ensino fundamental. Fuma crack há seis anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Mais uma cicatriz

Categoria: Crônicas

Descrição: "Pedreira não escolhe lugar, nem pessoas. Tendo pedra é o suficiente, o resto não vale nada, nem que custe caro."

Mais uma cicatriz

"Pedreira não escolhe lugar, nem pessoas. Tendo pedra é o suficiente, o resto não vale nada, nem que custe caro."

Vida de usuária de pedra não é mole, ainda mais sendo mulher. Os caras pensam que podem tudo com a gente. De fato, não é que possam tudo, mas abusam, muitas vezes, da força que têm para nos ferir e sabem que vamos nos calar, porque não temos a quem recorrer. Ninguém escuta, ninguém socorre e ninguém vai atrás de um louco que espancou ou feriu uma viciada. O nome da gente vai para o espaço, junto com a credibilidade e a confiança. As pessoas não acreditam em alguém que fuma crack.

Eu cheguei lá, de madrugada, para fumar e ele estava de cara. Pedi para ele se eu podia passar a noite ali. Aquela noite chovia tanto e fazia tanto frio que não podia dormir na rua. Então, eu resolvi procurar o Mascarado. Não sei direito porque ele tem esse apelido, mas acho que é porque o rosto dele é deformado de tão horrível. Cheguei lá e pedi se eu poderia passar a noite ali. Ele, não sei como, permitiu. Passei umas doze horas dormindo, acordei tranqüilae ele estava lá.

O Mascarado tem uns quarenta anos e também é usuário. Um homem que fuma pedra e deixa as pessoas usarem na casa dele, desde que lhe dêem um pouco da droga ou deixem umas para, depois, ele fumar. Na vida de usuário é assim, ninguém apoia ninguém de graça. Tinha outro cara lá fumando e ele me dava uns pegadas. O Mascarado não estava gostando de ver ele dividir comigo. O Mascarado começou a me olhar de um jeito estranho. Eu via desejo em seus olhos, ele estava com ciúmes de mim com o cara. Então, ele me olhou e disse: "Me chupa que te dou uma de dez" mas eu não queria fazer sexo oral com aquele homem, ele era horrível. Tem uma cara toda deformada, um rosto de monstro. Nem por pedra eu faria alguma coisa com ele, me dava nojo. Um homem sujo, com aparência péssima, nem banho tomava. Eu não tenho estômago. Ele começou a ficar bravo, com raiva de mim, ele disse: "Tu acha que tu tem o rabo de ouro, vagabunda?". Não respondi nada, já estava drogada, mas sabia que não queria que ele me tocasse. O cara que tava me dando droga se assustou e foi embora. Fiquei lá sozinha, com medo, alucinada. Foi quando ele me olhou, novamente, e disse: "Tudo bem, eu vou te dar igual uma de dez para você fumar, tu é gente boa". Ele realmente me deu a pedra e, quando eu acendi e ia soltar a fumaça, ele se dirigiu para a porta, pegou um tijolo, de seis furos e me arremessou. Acertou o tijolo com toda força na minha cabeça. Não sei como não desmaiei. Sorte minha, porque ele correu e pegou um ferro. Acho que a intenção dele era me matar mesmo, mas sai correndo pela rua com a cabeça cheia de sangue.

Mais uma cicatriz, mais um corte, mais um ferimento... Acho que nasci para ser espancada e violentada por homens. É o que posso pensar. Meu pai me violentou quando eu tinha onze anos. Já apanhei de namorados, de clientes agora um usuário tentou me matar. Eu sempre escutava comentários de que o Mascarado era muito mal, mas comigo nunca tinha acontecido nada. As meninas, que iam lá fumar, sempre reclamavam que ele era violento. Chegou o dia em que ele mostrou sua verdadeira face para mim.

Como vou denunciar? Para quem? Ele é muito ruim, as pessoas que o conhecem têm medo dele. Eu sei que sai de lá correndo, fui para um pronto socorro e fui atendida. Me fizeram alguns pontos. Quando isso vai parar? Como essa história termina? Não é história, é a minha vida. Onde conheci as pedras e pessoas que matam e morrem pelo vício. Vivo correndo riscos de vida. Querer parar, eu quero, mas aonde vou? Quem vai me ajudar? Só eu sei como eu sofro. Queria parar, mas não consigo.

Fabianinha tem vinte e nove anos e é babá. Frequentou a escola até a 6ª série do ensino fundamental. Fuma crack há dez anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Mandamentos do crack

Categoria: Crônicas

Descrição: "Vidinha de viciada também tem regras, sabe?"

Mandamentos do crack

"Vidinha de viciada também tem regras, sabe?"

Dá um "tum tum" na cabeça, o mundo fica de outra cor? Não sei dizer não, mas tudo sai do lugar e, depois de uns minutinhos, tudo passa. Enquanto está na roda do crack, tem que cumprir os mandamentos, sabe. Tudo tem regra, vida de viciado não é diferente.

1° Na roda do crack, não dá para ficar pedindo pega para ninguém. É cada um por si, a não ser que já tenha apoiado alguém.

2° Se foi apoiado, tem que devolver. Pode não ser no mesmo dia, mas tem que apoiar o parceiro.

3° Não se faz dívida, se não pode pagar. Traficante não é amigo de usuário nenhum. É o negócio do cara, como se fosse um comércio.

4° Se um usuário ficou te devendo, não se cobra ninguém na frente dos outros. Isso pode gerar até morte.

5° Cachimbo estourado não entra na roda não. Pedra é para fumar, não para por fora, porque, também, se engasga com a fumaça.

6° Craqueiro que entra na roda, não é para namorar cachimbo de ninguém. Está achando o quê? Ficar com o cachimbo na mão, enquanto o outro está fissurado?

É garota, é assim. Quem entra nessa merda, vai aprendendo. Se não é no amor e na dor, muita gente morre por não respeitar. Tem que ter responsa também. Se perde os amigos, a família, o emprego e vivemos por aí, como mortos vivos. De dia, quando não estamos dormindo, estamos fumando. De noite, se não estamos fumando, estamos roubando.

Já viu o filme "A volta dos mortos vivos"? É bem velho. O crack nem existia aqui, mas vai olhar esse filme. Presta atenção neles e, depois, volta aqui e analisa os pedreiros. Tu vai ver quanta semelhança. Buuuh... Somos nós.

Flavia tem vinte e nove anos e é doméstica. Frequentou a escola até a 6o série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Menino castigado

Categoria: Crônicas

Descrição: "Vida de pedreiro, chaca grana, fuma e mais nada."

Menino castigado

"Vida de pedreiro, chaca grana, fuma e mais nada."

Tinha dezesseis anos quando tive meu primeiro contato com as pedras. O que posso dizer? Eu, um jovem curioso, filho de pais separados, o menor de uma família de classe média alta. Tinha uma vida feliz, embora meus pais fossem bem enérgicos comigo. Sempre me exigiam que estudasse bastante. Era assim, algumas discussões, como em toda a família normal.

Meu pai sempre foi muito rígido comigo. Jamais esquecerei quando ele descobriu que estava usando drogas. Me deu uma surra muito grande e falou que pediu para minha mãe fazer um aborto quando estava grávida de mim. Me batia e usava essas palavras: "você não deveria ter nascido". O que me marcou não foi a surra, mas as frases ditas, que me causaram uma grande dor.

Sai de casa e fui até um traficante da cidade buscar pó. Ele disse que não tinha e me ofereceu pedra. Nunca tinha usado. Lembro de ter perguntado a ele qual era a diferença da cocaína e da pedra e ele ter me dito que nenhuma, apenas, que o pó se cheirava e a pedra se fumava. Eu acreditei.

Parti para a nova experiência. Um garoto com dinheiro, conforto, revoltado e destemido da vida. Dei o primeiro pega e senti que era diferente do pó, agia mais rápido. Então, quis mais. Gastei todo o dinheiro que eu tinha naquela noite. Sabe, eu penso que me viciiei desde o primeiro pega. Pois, a partir dali, tudo ficou diferente. Quando cheirava não era assim, eu usava de vez em quando. Até sentia falta, mas conseguia ficar sem. Com o crack, na segunda vez que usei, já não me controlei mais. Gastei o dinheiro do bolso, vendi o som, os estepes e empenhei os documentos do carro do meu pai. A partir daquele dia, as minhas festas eram regadas a pedras, sempre nos fins de semana. Depois, a necessidade foi aumentando e passei a usar mais vezes durante a semana, até que a droga me possuiu.

Sempre se tem um motivo para fumar. No início, você pensa assim. Não acha que está viciado. Um dia se usa para comemorar, outro, porque se desentendeu com os pais e quer esquecer, e por ai vai. A pedra toma conta do ser humano. Simplesmente, vai te levando, sem que você mesmo perceba. Não tem o ditado: "cabeça vazia é a oficina do diabo"? Pois é, nos dias que não se tem muito que fazer, se fuma isso no início. Depois, já era. Sem que se perceba, vai se perdendo os valores.

Vi meu irmão se formar, minha irmã comprando uma pousada e eu, bom, roubando e assaltando. Aí vem a culpa, a vergonha. Você quer pedir ajuda, mas

não admite. Tem vergonha, se sente inferior e fuma cada vez mais. Depois da pedra, a rotina de um viciado, quando se tem uma família como a minha, não é de passar fome. Por mais que você seja um pedreiro, eles não vão negar alimentos, mas para obter o dinheiro, a rotina é roubar, assaltar, dar golpes. Se pensa na família, se lembra dos momentos, mas não se consegue sair do mundo das pedras. Eu fumo até para esquecer eles, para não ficar com culpa.

Essa droga te ameniza os sentimentos. Não se sente nada, não se pensa. É um anestésico, que vai tomando conta de você, mas que não te preenche os vazios. Na verdade, acho que não quero preencher meus vazios, suprir necessidades. Tenho tudo: casa, conforto, mas, mesmo assim, prefiro andar por ai, rolando. Passam os dias e eu continuo na rotina de andar, para cima e para baixo, para conseguir a droga. Não tenho muita dificuldade de conseguir a grana, sempre levanto.

Já fui preso duas vezes. Se vive sempre em risco, a vida por um fio, a cada dia. Uma loucura. Por que não consigo sair? Basta dar um telefonema, me internar, mas não consigo fazer isso, algo me prende. As pedras me prendem de uma maneira que não consigo me mover para me ajudar, para largar essa vida da qual já estou cansado. Estou farto de viver assim, mas não consigo me libertar.

Piá tem vinte e cinco anos. Possui o segundo grau completo. Fuma crack há nove anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009
Título : Meu lado esquerdo
Categoria: Crônicas
Descrição: "Por pedras, eu já topei de tudo."

Meu lado esquerdo

"Por pedras, eu já topei de tudo."

Eram umas dez horas de uma noite de verão. Estava, no meu ponto, tentando ganhar a vida. Meu ponto nada. Não é só meu, o divido com mais garotas, todas em busca de dinheiro para saciar o vicio das pedras.

Ele chegou, como qualquer cliente, devagar, falando baixo, meio tímido e com receio que alguém veja que está falando com uma garota de programa. Era um rapaz bonito. Chegou perto de mim e perguntou se não faria um programa de graça. Não sei o que esses caras pensam. Que estamos ali por que somos loucas por sexo? Que fizemos de graça com homens jovens e bonitos? Isso não existe! Tô ali me prostituindo, porque quero dinheiro para comprar pedra. Nada

além disso. Novos ou velhos, gordos ou magros, para mim, isso não importa. Ele não insistiu. Falou que me pagaria vinte reais e fui.

Ele queria um sexo rápido, então, sugeri que fôssemos atrás do ponto mesmo, em um terreno baldio. Para chegar ao terreno, tem que pular um muro alto, mas é tranqüilo, ou pelo menos eu pensava que era.

Assim que pulamos, ele me deu um soco, dizendo que não ia me pagar nada, porque eu era uma vagabunda viciada. Não entendia o que estava se passando. Ele não me tocou, não fez sexo comigo, só me batia. A socos e pontapés, fui perdendo minhas forças. Depois de um tempo que ele estava me espancando, outro homem pulou o muro e começou a me bater também. Estava grávida de cinco meses e disse isso a eles.

Então, só me bateram no rosto. Eles deformaram o lado esquerdo. Eu gritei pedindo socorro, mas ninguém ouviu. Só lembro de ter apanhado muito e de ter desmaiado.

Quando eu acordei, o dia já tinha clareado. A primeira coisa que eu fiz foi colocar a mão na minha barriga para ver se meu bebê ainda mexia. Minha boca jorrava sangue. Eles tinham quebrado todos os meus dentes. Vingança? Divertimento? Crueldade? Não sei o que os levou a fazerem o que fizeram. Pulei o muro e comecei a pedir socorro. Um casal parou o carro e me ajudou, me levaram ao hospital.

Permaneci por quinze dias internada. Passei por uma cirurgia plástica, onde reconstruíram o meu rosto, com uma platina. O lado esquerdo do meu rosto ainda tem algumas linhas, que me contam, quando me olho no espelho, tudo que ocorreu naquela noite.

Foi o fato mais triste da minha vida. E o pior é carregar a dúvida do porquê fizeram tudo aquilo. Nem relações mantiveram comigo. Eu teria feito de graça, já estava ali mesmo. Como reagiria à força de um homem?

Não agüentei ficar mais tempo no hospital. Eu fugi, com dreno e tudo, e fui fumar, como uma maluca. Quando se dá o primeiro pega, suas dores se vão com a fumaça. Não se sente mais nada. Aproveitei e arranquei o dreno, com minhas próprias mãos. A pedra me tirou o sentido de vida. Durmo por aí, nas casas abandonadas. Me prostituo por dez reais, porque os caras não pagam mais que isso.

Meu bebê, assim que nasceu, foi levado. Sei da minha realidade, falei para o juiz que não tinha condições de ficar com ele. Nasceu uma menina linda. Coloquei o nome dela de Brenda, mas acho que não é esse seu nome. Uma família a adotou. Foi melhor assim, não posso dar a ela um futuro legal. Não sei, nem ao menos, quem é seu pai, porque fiquei grávida de um cliente.

Meu coração não é ruim. Se eu faço o mal é para mim mesma, que não consigo sair dessa vida. Não queria isso para minha filha. Foi bom que a levaram, porque ela ficará longe desse mundo negro que vivo, dessas ruas imundas, onde me prostituo, e desses homens cruéis que me bateram.

Fabianinha tem vinte e nove anos e é babá. Frequentou a escola até a 6o série do ensino fundamental. Fuma crack há dez anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Meu mundo

Categoria: Crônicas

Descrição: "O crack foi a minha fuga. A minha mais dolorosa fuga!"

Meu mundo

"O crack foi a minha fuga. A minha mais dolorosa fuga!"

Ele entrava em casa como um maluco, sentava no sofá, pegava uma latinha de refrigerante, colocava a droga, acendia e fumava. Ali mesmo, sem pudor algum. Dentro da sua própria casa, junto dos seus filhos e da sua esposa. Meu pai fumava pedra.

Nem sabia o que era direito, mas eu cresci, fui para o mundo e descobri que meu pai era um viciado em crack. Parece assustador, mas para mim não foi. Parece que já esperava por tudo aquilo. Eu nem pensava para não sofrer. Passei a me esconder dentro de mim mesmo, como um caracol, que se esconde em sua casca, quando se tem decepções. Permaneço assim: fugindo, calado, me drogando, sem dialogar e sem, ao menos, me questionar. Preso no meu mundo, só meu. Um mundo onde ninguém penetra, onde ninguém se preocupa com quem sou ou como vivo. Talvez nem eu mesmo.

Para mim, a vida parece não ter nada a oferecer. Sai de casa porque não suporto ver minha mãe bebendo e meus nove irmãos passando necessidades. Prossigo no meu caminho, sem rumo. Caminho vagamente, pelas ruas, olho as vitrines e admiro as roupas que nunca tive. Muitas vezes, sento no banco da praça e observo a multidão. Pessoas que vêm e que vão para seus lares, que buscam seus filhos na escola ou que vão para o trabalho. Me fecho, no meu mundinho, e me pergunto: "Para onde eu vou? Qual é meu caminho? Em busca do que ou de quem eu estou?".

Minha família está no mesmo local onde nasci, mas para lá não volto. Não me sinto bem, em uma casa, onde tem muitas brigas, discussões e tristezas. Fico pela rua, onde aprendi tudo muito cedo. Hoje, me olho no espelho e me sinto um velho, com dezoito anos. Vivi tanta coisa que parece que tenho quarenta.

Outro dia, enquanto eu estava cuidando uns carros, para conseguir uma graninha, vi um homem morrer na minha frente. Aglomerou-se um monte de gente. Eu só olhei. Comentavam que tinha morrido do coração. Eu o conhecia das ruas. Quando a ambulância o levou, vi que tinha deixado o cachimbo. Morreu do quê? Acho que de tanto fumar. Ele estava dando um estouro, ai foi. Cachimbo do lado. Estourou a veia do pescoço dele: cemitério.

A vida é assim, ou sou eu que sempre vi ela dessa forma trágica e sem sentido. Tudo parece não ter sentido. Sou filho do mundo, quem me criou foi ele. Gosto da rua, porque posso fazer o que quiser, ninguém me manda. Sem segurança,

eu aprendi a viver e a me defender muito cedo. Junto com isso, conheci as drogas e o pior: o crack.

Nada de sonhos para mim. Viciado em crack e sozinho no mundo. É assim que me sinto, ninguém se importa. Já trabalhei de servente de pedreiro, antes de começar no crack. Eu não passei a minha vida roubando e estourando lojas. Sinto uma tristeza. O meu mundo é estranho, sem lar. Aonde eu vou tem gente se drogando. Vou ver minha mãe, tem uma boca do lado da casa dela, ai só vejo pedra na minha frente.

Elas estão em todos os lugares, mesmo que eu fuja. Elas vão estar sempre comigo, aonde quer que eu vá. Tudo faz com que as pedras fiquem no meu caminho.

Queria me internar, mas é difícil. Não tenho acesso a nada, não tenho dinheiro e nem apoio. Então, vai passando o tempo.

Acordo em um ambiente onde todos se drogam. Somos em seis, às vezes mais. Ficamos em uma casa onde não tem nada. Às vezes, só fico observando: um que briga com o outro por causa de um pega, o outro que se queixa de fome e o outro que sai correndo roubar. Me tranco no meu mundo e não falo nada. Nem penso muito, fico na minha. Nada vai mudar. Vou fazer o quê? Não tenho saída, nem expectativas e nem ninguém para contar. Sempre foi assim, acho que desde que eu nasci. Não tive amor, nem carinho de mãe. Como ela tem mais nove filhos, temos que nos virar. A vida me ensinou que tenho que ir atrás. Se eu quero alguma coisa, tenho que ir sozinho.

Fiquei feliz hoje. Depois de muito tempo, eu sorri. Encontrei uns bichos de pelúcia em um lixo, ai cada criança que passava por perto de mim eu dava um bichinho. As crianças ficavam felizes e eu também. Eles estão sujos, mas dá para brincar. Eu queria que alguém também tivesse me dado algo, mas isso não ocorreu.

Tenho um metro e sessenta e sete centímetros e peso quarenta e cinco quilos. As pedras estão acabando comigo. Não tenho esperanças de viver por muito tempo.

Henrique tem dezoito anos e é servente de pedreiro. Frequentou a escola até a 4° série do ensino fundamental. Fuma crack há um ano e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Mundo das Pedras

Categoria: Crônicas

Descrição: Não foi fácil entrar em um mundo que parecia estar muito distante de mim, mas a curiosidade ...

Mundo das Pedras

Não foi fácil entrar em um mundo que parecia estar muito distante de mim, mas a curiosidade e a busca por respostas me fizeram mergulhar no misterioso mundo das pedras.

No início, pensei em elaborar apenas uma reportagem sobre o assunto. Porém, o tema era muito abrangente, bem mais do que eu pensava. Travei uma luta diária com a minha família e as pessoas que convivem comigo, mas não hesitei e fui a busca.

Quanto mais eu lia a respeito, mais a minha curiosidade se aguçava. Foi quando eu resolvi que iria atrás das respostas, para preencher algumas lacunas. Intrigava-me pensar que seres humanos, homens e mulheres de classes sociais e idades diferentes, se entregavam às pedras. Quem seriam essas pessoas? Por que entraram nesse mundo? Quais seriam as sensações de fumar uma pedra de crack?

Como sair dessa escuridão? O que podem vir a fazer para saciar o vício? Algumas lacunas foram preenchidas. Descubri os meninos e as meninas do crack e conheci um pouco de suas histórias. Porém, algumas respostas ficaram no vazio do esquecimento, como a sensação da pedra, que se esvai com a fumaça.

No estado do Rio Grande do Sul, segundo dados da Secretária da Saúde, existem 55 mil usuários de crack. Um problema social grave, que revela índices de recuperação baixos. O tratamento existe, mas nem todos conseguem se livrar do vício.

Esse livro foi elaborado com o objetivo de mostrar à sociedade o mundo de um usuário de crack, seus anseios, seus medos, suas vidas, seu cotidiano. Eu tive que enfrentar inúmeras barreiras, sendo a primeira delas: convencer as pessoas de que queria desenvolver um trabalho sério, começando pela minha família. Toda vez que saía em busca de mais uma entrevista, de um usuário: começavam as brigas familiares.

Minha mãe, em uma tarde, me mandou escrever poesias e não cansava de repetir: "Desista desse livro, tu estás maluca. Escolha outro assunto, não se envolva com essa gente". Não, eu não era poeta. Nunca fui. A teimosia persistia e jamais iria desistir. Esse mundo, do crack, me intrigava. Queria respostas.

Depois da luta diária com a família, chegou à vez de sofrer o preconceito dos vizinhos e dos conhecidos, que me viam na companhia de viciados. Por muito tempo, virei alvo das fofocas de pessoas que me tacharam como: "a mais nova pedreira do bairro" Não me importei. Não pensei, em nenhum instante, no conceito que a sociedade teria de mim. Meu objetivo seguia.

Ruas e mais ruas, praças, calçadas, ponto de prostituição, lugares de consumo de crack: lá estava eu, novamente, em busca de mais uma vítima das pedras. Muitos concordavam em me conceder uma entrevista, outros temiam que eu fosse da polícia e alguns, ainda, me falavam palavrões e pediam para que eu fosse embora. Eu escutava incontáveis não. Porém, os muitos sim me faziam vibrar.

Eles dividiram suas histórias de vida. Revelavam sua aproximação com as pedras através das mãos suadas e trêmulas, que identificavam a fissura, dos olhos vidrados e dos pés que não paravam, andando de um lado para o outro. Cinquenta histórias de homens e mulheres que, um dia, experimentaram a primeira pedra, pensando que controlariam o vício e foram fisgadas.

As minhas Idas aos pontos de drogas eram marcadas por bolsas revistadas e mil perguntas, como: “E da policia? Vai gravar? Filmar? Tirar fotos?” Queriam provas de que eu era mesmo jornalista.

O meu objetivo não é conscientizar o mundo, mas colocar a realidade nua e crua, de um viciado em pedras, para a sociedade.

Apertem os cintos, porque a viagem começa agora. Depoimentos que, muitas vezes, irão assustar e histórias chocantes e avassaladoras, poucas com final feliz, que serve de alerta para todos nós. Saberemos, mais profundamente, o que acontece com as pessoas que fumam pedras, que mergulham no crack.

Bem vindos ao submundo do crack.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 17/05/2011

Título : Mundo das Pedras

Categoria: Artigos

Descrição: Quem pensa que essa droga avassaladora é vício de periferia engana-se ...

Mundo das Pedras

Que pedra é essa? tão pequena, parecendo até inofensiva, podendo ser escondida na palma da mão e que destrói vidas e arrasta famílias inteiras.

Pedra – crack criada nos Estados Unidos por volta dos anos 80 e que na atualidade se tornou um problema social gravíssimo.

Quem pensa que essa droga avassaladora é vício de periferia engana-se o crack não escolhe sexo, raça, cor, classe social ele já é produto de todos os públicos. Foram onze meses de convivência com homens e mulheres que fumavam crack uma poderosa e avassaladora droga que chegou no Brasil em meados dos anos 80.

Crack se fuma em pequenos cachimbos rudimentares ou em latas de refrigerantes, a fumaça é inalada causando vários tipos de sensações.

Medo, raiva, desespero por mais um “Pega”, alucinações provocadas pelas pedras, vergonha e arrependimento são algumas das sensações que a droga crack causa.

Um prazer ilusório que dura minutos que faz o usuário ver bruxas, vampiros, sombras e ou o próprio demônio segundo personagens do mundo do crack.

Ainda me pego a pensar se essas visões são realmente delírios dos consumidores ou se realmente isso seria algo espiritual- quem sabe uma das temíveis pragas do apocalipse- mistérios da pedra.

Quanto desespero, quanta angústia e quanta dor eu vi nos olhos dessas pessoas que fumaram o crack um dia pela primeira vez e foram fisgadas pela fumaça das pedras.

Mulheres e homens que se prostituem por menos de 5,00, que estão a mercê de todo o tipo de violência possível.

Índices absurdos de violência e de criminalidade, o que esta por traz destes? a maldita pedra que faz com que suas vitimas cometam vários delitos em busca de fumar mais uma vez.

Escrever um livro de depoimentos de 50 pessoas dependentes de crack não foi nada fácil, foram muitas e idas e vindas em busca de desvendar como viviam, o que faziam esses meninos e meninas.

Infelizmente presenciei várias cenas de pessoas que eram capazes de tudo para poder consumir a droga, pessoas que não possuem mais vida. Usuário de crack não come, não dorme, não tem higiene, vive pela pedra, respira a pedra.

Consumidor de crack não vive, sobrevive a cada dia, pois a vida se transforma em um fio que o separa da vida e da morte; A qualquer momento pode levar um tiro de traficante, um disparo de alguém que foi lesado por um ato de um ser que precisa se abastecer de pedra.

Quanto impotência senti diante de uma situação de flagelo humano, o que fazer, a quem pedir auxilio, como ajudar?

Ainda prevalece no meu intimo o desejo de ver algum dos personagens sair do vicio, ainda mantenho esta chama de esperança acessa.

Onze meses da minha vida dedicado a escrever a obra, para que sim a sociedade pudesse abrir os olhos e visse que o crack ronda nossa sociedade.

Atualmente trabalho na prevenção de drogas em especial o crack, penso que através da minha obra poderei esclarecer nossos jovens sobre essa maldição.

Minha maior gratificação esta sendo isso, poder observar que com o livro as pessoas puderam ver o quanto essa droga é poderosa e todas as conseqüências que ela traz.

Pedra - crack um mistério a ser desvendado, necessitamos de pesquisa, estudos mas principalmente de ações para que os índices de recuperação aumentem e possamos sim ver uma luz no fim do túnel.

Ana Paula Nonnenmacher- Jornalista
Autora da Obra Meninos do Crack

Data : 01/01/2009

Título : Na hora que a fissura bate

Categoria: Crônicas

Descrição: "Esse caminho das pedras, da destruição, para mim, não tem mais volta"

Na hora que a fissura bate

"Esse caminho das pedras, da destruição, para mim, não tem mais volta"

Eu fui um homem do bem. Não que hoje eu não seja, mas as coisas mudaram. Aliás, tudo mudou de lugar. O tempo, o espaço, as pessoas e o relógio já não me dizem mais nada.

Trabalhava, comprava minhas roupas, saía nas melhores boates, comia e bebia tudo do bom e do melhor. Que tempo bom! Tinha tudo o que, um garoto da minha idade, podia querer: trabalho, meninas lindas e saídas. Era uma maravilha e eu não sabia que iria acabar. Foi tudo pelos ares...

Isso tudo está nas minhas lembranças. Agora, os dias de hoje, nem têm muito o quê dizer. Minha vida se resumiu em pedras de crack. Tantas atitudes, sem pensar, que fiz para poder sustentar o meu vício. É como se eu tivesse que saciar minha fome. Lembro e me arrependo de muitas coisas, mas uma em especial. Me marcou demais, talvez eu nunca esqueça.

Eu já tinha conhecido as pedras, estava na fase crítica de tudo. Queria mais e mais, assim como todos que entram nisso. Tinha recebido meu salário e, como sempre, eu retirava uma parte e entregava para minha mãe guardar. A fissura bateu e fui pedir meu dinheiro que estava com ela, mas minha mãe relutou. Não queria me devolver.

Talvez, ela já desconfiasse que eu estivesse envolvido com drogas. Então, esse foi o motivo pelo qual ela negava me entregar o dinheiro. Enlouqueci. Eu berrava, de um lado, ela retrucava, de outro. A situação foi ficando cada vez pior. Não pensei duas vezes, peguei minha mãe pelo braço e a tranquei no quarto. Ela gritava, mas eu não escutava. Não se ouve ninguém.

Isso foi só o começo. Liguei para um caminhão de mudanças, coloquei tudo que nós tínhamos, dentro da nossa casa, e segui em frente. Parei em frente a uma loja de moveis usados e vendi tudo, móvel por móvel. Peguei o dinheiro e saí, feito louco, pelas ruas. Eu tinha resolvido meu problema. Tinha o dinheiro para me drogar. É assim que ocorre quando se é um viciado, não se pensa em nada. O processo funciona assim: se age por impulso, para conseguir a grana. Não importa se isso vai ferir seu pai, sua mãe ou seu filho, o importante é conseguir o dinheiro. Se tem a grana, não se enxerga mais nada, só as pedras. Até você não conseguir ter elas em suas mãos, você não têm paz. Depois que se fuma uma, se quer todas, até que o dinheiro acabe. Enquanto se fuma uma e, até que se fume outra, começa a bater o arrependimento. Você começa a pensar na sua família, no que você está deixando para trás por causa do vício. Então, se quer fumar mais, para esquecer o que se faz. É triste, complicado e difícil de entender, mas é exatamente assim: uma podridão de mundinho que te domina.

Hoje, vivo por aí. Um dia durmo, outro não, conforme dá. Caminho pelas ruas como um ser que nada espera e que nada sonha, que somente busca o crack. Mergulhei profundamente em um mundinho, que não se vive, mas sim: se sobrevive. A cada dia, a cada hora e a cada minuto. A qualquer momento, tudo pode explodir. Pode acontecer muitas coisas horríveis.

Me internei três vezes, mas foi em vão. Não sei mais o que esperar, talvez eu nem pense nisso. Vou levando assim, com as pedras me corroendo e levando, sempre, cada vez, um pedacinho de mim.

O que resta de mim? Nem eu mesmo sei.

Piá tem vinte e cinco anos e é vendedor. Possui o segundo grau completo. Fuma crack há nove anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O acorrentado

Categoria: Crônicas

Descrição: "Uma das sensações que o crack dá, ao ser fumado, é a sensação de se esquecer de tudo ao seu redor"

O acorrentado

"Uma das sensações que o crack dá, ao ser fumado, é a sensação de se esquecer de tudo ao seu redor"

Comecei com furtos pequenos, em casa mesmo. Um objeto aqui, outro ali... Demorou um pouco, até que a família percebesse meus furtos, que tinha algo errado comigo. Eu não queria admitir, não queria abrir a boca e falar: "Sou um viciado em pedras". Poxa, que decepção para todos. Eu negava, sempre que podia. Dizia que não tinha sido eu, que não sabia como tal coisa tinha sumido, mas chega um dia que o circo pega fogo. Vai chegar o momento em que todos vão saber e não vai ter como negar. De mentiras e mentiras, um dia, eu passei da cota. Fui roubar quem? Minha namorada, a mulher que sempre me apoiou. O plano era esse: esperaria ela sair para trabalhar. Ficaria cuidando, já sabia, mais ou menos, os horários. Então, seria moleza. Na minha ingenuidade e loucura, por fumar, pensei que ninguém descobriria, mas alguém me viu. Dessa vez, não poderia negar. As coisas não ficariam no anonimato, como sempre ficaram. A casa cairia de uma forma terrível, mas não pensei duas vezes e coloquei meu plano em prática.

Ela mal dobrou a esquina, eu saí correndo. Meu alvo era a casa dela. Eu fumaria o que tinha lá dentro. Só pensei nisso, mais nada. Arrombei a porta peguei o DVD e o celular. Precisava fumar rápido, então, primeiro venderia esses dois objetos, fáceis de carregar. Corri para o traficante, mas o maluco só tinha pó. Eu queria pedra, então, ofereci o que eu tinha por setenta reais. O cara disse que só tinha cinquenta e que, mais tarde, me pagaria o restante. Corri para comprar pedra e fumar. Só que o traficante reconheceu as fotos da minha namorada no celular e, como ele morava perto, correu até a casa dela e me entregou.

Ela ficou louca. O traficante, ainda, disse que quando eu aparecesse lá pegar meus vinte reais, ele me apagara, por eu ter roubado dos vizinhos. Minha namorada correu, para todos os lugares, atrás de mim e avisou minha mãe. Quando voltei para casa, neguei tudo, como sempre, mas desta vez não funcionou.

Eu queria voltar fumar meu crédito, mesmo ela me avisando que me matariam. Fiquei doido. Não queria saber se morreria ou não. Meu pensamento não se desviava das pedras, não pensava no risco. Foi, então, que minha mãe, para

evitar que eu saísse e fosse mais uma vítima provocada pelas pedras, me acorrentou.

Gritava, enlouquecido. Com muitos calmantes, fui perdendo minhas forças e adormeci. Minha mãe só chorava. Quanta dor, quanta tristeza, eu fiz minha família passar. Me sinto culpado, mas, infelizmente, eu paro um tempo, recaio e não consigo me manter longe delas por muito tempo.

Fábio tem trinta anos e é servente de pedreiro. Freqüentou a escola até a 2ª série do ensino fundamental. Fuma crack há quatro anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 30/11/2004

Título : O atropelado

Categoria: Crônicas

Descrição: "Crack é uma droga sem sentido: fuma, viaja, se apavora, desconfia de tudo e de todos e não se sacia nunca."

O atropelado

"Crack é uma droga sem sentido: fuma, viaja, se apavora, desconfia de tudo e de todos e não se sacia nunca."

Tantas lembranças que envolvem uma só coisa: a droga, o crack. O pior não são as lembranças, mas as vontades que perturbam a mente. O que pode passar pela cabeça de uma pessoa viciada em pedras? Pensamentos bons são raros, porque sei que a minha realidade não é nada feliz...

Pensei e repensei, não uma única vez, em me matar, dar um fim em tudo isso. Até peguei um fio de arame e coloquei no pescoço, mas faltou coragem. Eu queria que tudo isso acabasse. Não é vida para ninguém estar sempre em busca de pedras e mais pedras para fumar. E falando em busca, como já me arrisquei por causa do vício... Escravo da droga, desde 2002, não é mole.

A maneira como eu vivo, resumo em planos para me drogar, que às vezes da certo, às vezes não. Falam aí que o crack destrói os neurônios, mas quer saber: não acredito nisso aí não, se fosse assim já não tinha muitos viciados por aí.

Simplemente a idéia surgiu: eu iria me jogar em baixo de um carro, mas não com o propósito de morrer. Estava doido de tanta vontade.

Pensei na tática: assim que o carro viesse, em alta velocidade, eu me atravessaria na frente dele. Fiz isso. Eu pensei: "ele vai parar e vou falar que não chamo a polícia, nem vou para o hospital, se ele me der uma grana". Era esse meu plano, mas o motorista não parou. Saiu rapidamente do local e me deixou

ali sangrando, quebrado no meio da rua. Meu camarada me socorreu, chamou uma ambulância e me levaram ao hospital, onde recebi atendimento.

Imagina se eu ia contar que me joguei em frente ao carro... Claro que não! O que diria? Que tentei suicídio? Que minha intenção era ganhar a grana e ir fumar? Fiquei internado dez dias. As pessoas que dividiam o quarto comigo nem imaginavam a história de verdade. Como foi ruim ficar no hospital. Além de sentir muitas dores, ainda tinha que suportar a maldita vontade de fumar. Quando alguém falava que ia fumar um cigarro lá fora, eu saía de mim: imaginava pedra, fumar pedra. Sei que meu plano falhou. Pensei até em falar no hospital o meu problema, mas me senti envergonhado.

As pessoas estavam internadas por estarem doentes e eu, porque queria dar um jeito de fumar pedra.

Esse vício é do demônio. Se faz loucuras, não se pensa em nada, nem na própria vida. O negócio é fumar e nada mais, mas vou levando. Sei que isso não acaba bem, mas o que fazer? Não tenho grana para me internar, nem conheço ninguém importante que poderia me ajudar.

A minha família não sabe. O que vou dizer a eles? Com certeza, desconfiam, mas não quero machucar eles com isso. Prefiro ficar assim. Tenho meus parceiros, um trampo aqui, outro ali. Ajudo um pouco em casa e o resto: meu fumo. Sempre quis ser policial, mas um policial justo, que não perdesse tempo em espancar usuários, mas em exterminar os traficantes.

Sandro em vinte e oito anos. Frequentou a escola até a 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 30/11/2004

Título : O círculo vicioso do crack

Categoria: Crônicas

Descrição: "O crack é um espírito imundo, que te encosta, te sufoca e te suga até a última gota."

O círculo vicioso do crack

"O crack é um espírito imundo, que te encosta, te sufoca e te suga até a última gota."

Eu tinha recebido, ele também. Foi o começo de um círculo vicioso, que não se consegue sair tão fácil. Tínhamos duas coisas em comum: ambos éramos aposentados e viciados em crack. Eu tenho família, apesar de ter os

machucados por causa do vício, que fazem com que cometamos erros. Eu tinha uma casa e precisava voltar. Ele morava sozinho. Tinha a liberdade de não precisar inventar histórias, quando retornasse para casa.

Começou quando recebemos. O pensamento do mal nos possuiu e fomos comprar crack. A princípio, era para fumar apenas algumas, ficar legal, fazer uma festa e voltar para casa... Mas, não voltei para casa naquela noite, nem naquele mês. O tempo passou e, sem que eu percebesse, continuava ali, fumando. Fiquei exatamente um mês na casa do meu amigo. Durante esse período, fiquei sem tomar banho por quinze dias.

Quando a grana acabava, eu ia aos vizinhos com uma enxada no ombro, capinar para poder fumar.

Não avisei ninguém, não liguei. Fumamos todo o nosso salário, em poucos dias. Mesmo se o dinheiro não tivesse acabado eu não tinha coragem de voltar para casa. Sentia vergonha de mim mesma. Fui ficando, ficando... Quando se fuma crack, o tempo passa muito rápido. Se perde totalmente a noção de qualquer coisa. Somente se pensa em fumar. É um círculo vicioso. Se quer dizer não, mas não se consegue. Uma força, de outro mundo, vem com o crack e te domina de uma forma incrível, devastadora.

Na verdade, eu nem pertencço à geração do crack, minha geração era das drogas injetáveis. Perdi muitos amigos assim. Meu mundo, de uma forma ou de outra, sempre gerou em tomo de vícios. A heroína, ao contrário do crack, levava as pessoas à morte muito cedo. As pedras te sugam. Elas vão sugando toda a força, toda a energia. Levam tua vida para um caminho onde andamos como seres rastejantes, em busca de um pega. Um pega que dura muito pouco. A sensação de pavor chega e se precisa de mais uma pedra para sair do pânico. O círculo não pára.

O que mais me dói é pensar que entrei nisso por curiosidade. Maldita curiosidade de ter que conhecer sensações diferentes. Para que servem essas sensações? O crack é muito ilusório. Me viciiei nas primeiras vezes. Eu nem percebia que já era uma dependente. Rapidamente, fui mais uma vítima das pedras. Quando as conheci, nem se falava nisso. Diferente de agora.

Pensava, apenas, que era mais uma droga, como qualquer outra, mas não foi assim. O crack era conhecido como a droga dos pobres, mas a droga da periferia foi levando pessoas de todas as classes sociais. Quem pensava que sairia: não saiu. Como eu.

Kátia tem quarenta e cinco anos e é garçonete aposentada. Possui o segundo grau completo. Fuma crack há quinze anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O começo de tudo

Categoria: Crônicas

Descrição: "Ninguém pode imaginar como o crack é magnífico e devastador ao mesmo tempo."

O começo de tudo

"Ninguém pode imaginar como o crack é magnífico e devastador ao mesmo tempo."

Minha vida era normal. Tudo ia bem. Estudava, trabalhava, ganhava meus extras e tinha amigos. Era maravilhoso, mas só enxergo isso agora. Depois que nos viciamos em crack, quando bate a depressão, lembramos da vida que tínhamos antes que escureceu e nos perdemos com a droga. Tu vai me perguntar se eu lembro a vida que perdi, do tempo que era feliz, porque não paro de me drogar. É aí que bate a depressão, quando nos recordamos das boas lembranças. Se fuma para esquecer. Pega o cachimbo, coloca a pedra e fuma para se esquecer de tudo. Já foi, já era. Só restou a vontade de fumar.

Eu tinha família, casa, sonhos, filho e uma vida inteira pela frente, mas eu caí. Não pense você que eu era assim esquecida, perdida. O crack faz isso, te tira a concentração. Eu vou te contar como tudo começou. Isso eu lembro bem, porque fico remoendo todos os dias. E pensar que podia ter sido diferente...

Eu já fazia programa, mas não era para porcaria. Tudo começou assim, lembro como se fosse hoje: estava em casa, deitada na cama, tranqüila, quando meu celular tocou. Era a Júlia, minha amiga e colega de trabalho. Perguntou se eu queria fazer um programa por cem reais. Topei na hora, afinal, a maioria dos homens pagava cinquenta. Nem perguntei maiores detalhes para a Julinha. Me arrumei como de costume: saia curta, meia calça, blusa e botas com salto alto. Os homens preferem assim. Nessa profissão, temos que causar impacto na chegada.

Eles têm que te olhar e gostar, para se sentirem atraídos. Assim, tudo rola mais rápido. No nosso caso, tempo é dinheiro. E lá fui eu em direção ao motel. Eleja me aguardava lá.

Desci do táxi, bati na porta e ele abriu. Mal sabia eu que aquele era o começo de tudo. As portas do inferno se abriram, para mim, naquele dia chuvoso. A partir daquele dia, eu iria percorrer o caminho mais tortuoso que qualquer ser humano pode seguir. Ele estava nu. Esperava inquieto ao lado da banheira, enquanto a enchia d'água. Eu fiquei ali e me apresentei. Ele nem me olhava, parecia que eu não estava ali. Comecei a estranhar aquele homem, jovem, de aproximadamente trinta anos, que não me tocava, não fazia perguntas. Ele apenas me olhava, diferente do que eu estava acostumada. Foi, então, que tentei tocá-lo. Ele foi indiferente e pediu para que eu parasse, pois não tinha me chamado ali para transar. Ergueu uma calça, que estava em cima de um bidê, e pegou algo, que eu nunca tinha visto, na mão: eram pedras de crack. Me pediu se eu usava e eu respondi que nem conhecia. Então, foi quando ele me apresentou o que me parecia inofensivo. Disse que me pagaria para que eu fumasse com ele, que não faríamos nada apenas isso. Eu relutei, mas foi em vão. Ele não tinha ereção, por mais que eu tentasse. Eu também não queria voltar para casa sem dinheiro. Foi, então, que resolvi experimentar, mas o que era para ser apenas uma experiência, não foi. Nem sabia como fazer. Ele tirou uma espécie de cachimbo

do bolso, colocou cinza de cigarro, a pedra e queimou. Enquanto eu tragava aquilo, me sentia em uma euforia louca, como se eu pisasse nas nuvens. Ele fumava uma atrás da outra. Eu ficava apavorada. Fumamos todas as pedras que ele tinha. Eu não lembro bem quantas eu fumei, mas acho que não foram muitas, porque ele fumava bastante. Fui para casa com uma sensação estranha. Será que eu ainda estava drogada? Não sabia ao certo.

No outro dia, me interrogava o porquê daquele homem ter me pago para fumar pedra com ele, pois, pela lógica, pensei que essas coisas não se dividiam. Mais tarde, eu mesma respondi essa pergunta.

Passou os dias e aquele homem voltou a me ligar. Eu não resisti. Pensei que não tivesse nada demais e queria ganhar cem reais sem precisar transar. Assim, tudo começou. Uma seqüência de idas e vindas, ao motel, com aquele cliente estranho. Já não ia até lá pelo dinheiro. Passei algum tempo enganando a mim mesma, dizendo que ia lá pela grana, mas, no fundo, eu era mais uma vítima das pedras. Até hoje, me pergunto como era o nome dele. Ele nunca me disse. Toda vez que nos encontrávamos, ele estava louco, fora do ar. Talvez nem ele lembrasse como era seu nome.

Tudo começou a mudar e eu comecei a gastar o dinheiro do meu "programa" com pedras. Depois, ele que me pagava com pedras. Não via mais a cor do dinheiro. Justo eu, que me achava esperta, caí na armadilha das drogas. O pior daquela que não tem mais saída.

Começou, assim, num programa, que era para ser como qualquer outro. A minha ganância, por ganhar mais, me tirou tudo o que eu tinha.

Valentine tem vinte e seis anos e é secretária. Possui segundo grau incompleto. Fuma crack há seis anos e passou por três internações de reabilitação.

Data : 01/01/2009

Título : O mais fácil

Categoria: Crônicas

Descrição: "Um nada. Me transformaram em nada, essas pedras. Me deixaram sem nada: sem esposa, sem filha, sem emprego e sem casa."

O mais fácil

"Um nada. Me transformaram em nada, essas pedras. Me deixaram sem nada: sem esposa, sem filha, sem emprego e sem casa."

Queimei toda minha aposentadoria. Enquanto tiver pedra para fumar, o cara está legal, mas depois que acaba, bah! O que fazer quando já se fumou toda a grana e ainda precisa de mais pedra para se satisfazer? Se é que se satisfaz... Acho que a satisfação de quem fuma crack não chega nunca. É certo que, enquanto tiver grana no bolso, tu vai fumar. Por isso que, muitos usuários, ficam dias e dias na boca. Enquanto achar uma forma de fumar, vai ficando. O tempo voa, mas não se nota nada ao redor. Só quando termina a porcaria. Quando se dá o último pega, o desespero vem. O pensamento do mal domina a

mente. O cara vai fazer o mais fácil, para conseguir a droga, o mais rápido possível, para poder queimar. Bem assim que aconteceu comigo.

Sai malucão, queria mais. Depois que rouba a primeira vez e vê que conseguiu, fica moleza. Fissuradão, oito horas da noite, saí do canal maluco e caminhei muito, até ter a certeza de que daria certo. Olhei tudo: não tinha alarme, ninguém por perto e nem trava. Beleza, é esse que vai. Pensei rapidamente, já imaginando quantas pedras fumaria com ele. Roubando, mais uma vez, só para queimar. O crack dá uma sensação de poder, pensava: "é rapidinho, já era, tá na minha". Quando eu estourei o CD, peguei ele nas mãos, me sentindo o "Todo poderoso". Mais uma vez, fechou. Duas pessoas passaram por mim, eu não percebi nada. Não eram tiras, estava limpo, mas eles desconfiaram. O cara quando está fissurado, não presta atenção em detalhes. Jamais me passou pela cabeça que aquelas pessoas desconfiaram de mim. Roubar, para poder fumar, acaba se tornando um ato tão banal que nem se percebe que alguém possa ter te visto. Não pensei direito e não olhei. Fiquei atento para todos os detalhes só do meu alvo: roubar o maldito aparelho de CD. Quando o peguei nas mãos, os homens chegaram e me algemaram. Meu mundinho caiu. Fui parar atrás das grades, pela primeira vez. Resultado da loucura para poder fumar.

Adão tem vinte e sete anos e é garçom. Frequentou a escola até a 5° série do ensino fundamental. Fuma crack há seis anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O órfão

Categoria: Crônicas

Descrição: "Usuários de crack são parasitas, que vivem numa escravidão em busca da droga."

O órfão

"Usuários de crack são parasitas, que vivem numa escravidão em busca da droga."

Sabe quando tudo isso começou? Quando eu tinha apenas doze anos de idade. Eu era um menino totalmente inocente, no que diz respeito a drogas. Perdi minha mãe. Ela ficou doente, umas dessas doenças crônicas que levam a pessoa em pouco tempo. Meu pai ficou perdido sem ela. Tínhamos uma lanchonete e meu pai teve que tomar conta de tudo. Passado um mês, meu pai, com cinquenta e um anos, caiu nos encantos de uma mulher mais jovem e

casou-se novamente. Aqui que começa a minha história nas drogas. No momento em que minha madrasta entra em nossa casa.

Aceitei tranquilamente a idéia de uma mulher estranha ocupar o espaço da minha mãe. Eu era um menino calmo. Porém, ela não vinha sozinha, tinha um filho de quatorze anos, que morava em Florianópolis, que veio morar conosco. Esse garoto não era como eu: inocente, um menino que ajudava o pai na lanchonete e nos afazeres domésticos. Ele conhecia outro mundo, vinha de uma capital onde meninos da nossa idade não empinam pipas, nem jogam xadrez. Ele era diferente de mim, era um garoto respondão, briguento e revoltado. Eu não o compreendia muito bem, apenas observava.

Me sentia só, com uma solidão enorme no peito. Queria um amigo, alguém por perto para poder conversar. Pensava que ele poderia preencher um pouco do meu vazio, mas ele tinha outras diversões, que, aos poucos, fui entendendo. Ficamos amigos e, um dia, ele me convidou para dar uma volta. Disse que iria me apresentar um cigarro. Eu, menino curioso, queria conquistar a nova amizade e aceitei. Sentamos nos trilhos, ele fechou uma espécie de cigarro e acendeu. Eu nunca tinha colocado nada disso na boca, nem sabia tragar. Não sabia que aquele tipo de cigarro era um mesclado de maconha com crack. A pior atitude que o ser humano pode cometer é ter curiosidade pelo desconhecido. Induzido por um menino mais velho, eu entrava em um mundo desconhecido: a porta do inferno.

Ele começou a roubar da lanchonete do meu pai, todos os dias. Fazíamos o tal ritual, eu só assistia. Depois, íamos comprar e fumávamos. Creio que, nas primeiras vezes que fumei, nem senti nada. Apenas queria mostrar para ele que podia acompanhá-lo, que eu não era mais uma criança. Talvez, por não saber tragar corretamente, não tive muitas sensações, mas aquilo foi se tornando um hábito. Então, aprendi rápido a usar e a me viciar.

Meu pai ficou mais dois anos com a minha madrasta e não agüentou mais. Seu filho roubava tudo o que tínhamos para se drogar comigo, mas ele não sabia. Então, eles se separaram e minha vida começou a voltar ao normal. Recomecei os estudos, fiz um curso de garçom e fui levando.

Depois que se experimenta o crack, não adianta: qualquer fato ruim que te aconteça, você recai. Conheci pessoas que usavam crack e recomecei. Minha vida mudou muito depois que conheci o crack: fui preso duas vezes, uma por furto de carro e outra por recepção de roubo.

Diferente das outras drogas, as pedras fazem com que você sinta muita falta delas. Causam uma vontade de usar que você não consegue resistir. Graças ao crack, deixei de ser quem eu era. Nunca imaginei que pudesse chegar ao ponto em que estou: furtando pelas ruas, mal vestido, sem rumo. Não me reconheço mais. Sempre fui vaidoso: gostava de andar com as unhas feitas, com o cabelo bem cortado, bem limpo e com roupas bem passadas. Agora, quem sou eu?

Com essa droga, você consegue esquecer quem você é. Você perde a vaidade, o orgulho, os medos e os receios.

Fui internado três vezes, mas recai. Eu creio que, para se libertar dessa droga, não bastam clínicas, fazendas e medicação. A cura está na mente de cada um. No momento em que a pessoa coloca na cabeça que vai largar, se tiver muita força de vontade, vai conseguir. Enquanto isso não ocorre, vivo assim: um dia após o outro, sem sentido, fumando e fumando.

Só Deus sabe o que será de nós.

Júlio tem vinte e oito anos e é garçom. Possui segundo grau completo. Fuma crack há quatorze anos..

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O presente

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quando se é um viciado em crack, todos querem distância. Quanto mais longe, melhor, porque quem fuma pedra comete atos que fazem com que as pessoas passem a te isolar."

O presente

"Quando se é um viciado em crack, todos querem distância. Quanto mais longe, melhor, porque quem fuma pedra comete atos que fazem com que as pessoas passem a te isolar."

Meu tio me pagou e disse: "Some!". Foi assim que fui morar em Natal, com meu pai. Me pagaram, muitas pessoas pensam que o dinheiro resolve todos os problemas. Ganhei oitocentos reais para sumir da cidade, ou seja, para não causar mais problemas. Motivo? Fumei a casa toda da minha avó, porque sou um usuário de drogas.

Meu pai, radialista, morava em Natal, no Rio Grande do Norte. Minha recepção foi ele vindo, em minha direção, com um pacote na mão. Foi no aeroporto que ele me presenteou com cinco gramas de crack. Agora pare e pense: um filho, usuário de crack, recebendo a droga do pai. Claro que não recusei, sou um viciado, mas o que fez com que ele agisse de tal forma, me deu a entender que ele não possui nenhum sentimento por mim. Ele era casado com uma mulher perversa, má. Ela não me queria ali, sabia da minha história com as drogas.

Os dias foram se passando e a nossa convivência foi ficando terrível. Culpo ela por meu pai ter me colocado para fora de casa. Eu esperava apoio dele, queria que as coisas melhorassem, mas ele não me compreendia. Eu também não. Fui para a rua. Morei exatamente três meses na rua, de uma cidade onde não conhecia ninguém. Lá, naquela cidade, é cada um por si. Não é fácil se manter em Natal. Os pescadores lá acordam quatro horas da madrugada e jogam uma rede, no mar, para pescar e, depois, vender uma sardinha por vinte e cinco centavos.

Passsei muitas necessidades, mas conheci muitas pessoas. Os surfistas foram os que mais me marcaram. Vendo minha situação, me arrumaram um emprego de garçom, na praia. O meu patrão era um filósofo e foi ele quem me deu ajuda. Penso que ninguém de lá fez mais por mim do que ele. Nesse bar, eu

atendia quarenta e três mesas. Os clientes eram a maioria surfistas. Eram todos malucos, eu tinha bebida e droga de graça. Quando se entra numa vida assim, parece que por mais que se mude de cidade, as oportunidades de se drogar vão te perseguir. Foi nessa cidade, que acabei por conhecer drogas que ainda não tinha provado, apesar de estar na reta final. Lá, o povo se droga com ácido, estoni e manga rosa, que é uma espécie de maconha que só se encontra nos Estados Unidos. E eu fumei no Brasil.

A barra pesou e, para a tristeza do meu tio, liguei paraminha avó e ela me enviou o dinheiro para a volta. Assim é mais um pedaço da minha vida. Atualmente, moro na casa da minha avó, mas ela não está mais aqui. Não agüentou ver eu me autodestruir e foi morar longe de mim, mas vem sempre me trazer comida. Minha casa é grande, mas não tem nada dentro dela, fumei tudo. Só restaram os colchões, onde dormimos. Vivem comigo alguns usuários, assim como eu. Apoio eles e eles me apoiam na droga. É assim que funciona: querem um lugar para fumar, tem que dividir comigo, porque, aqui, parasita não dá certo.

Vamos levando. Nossa convivência não é fácil, porque surgem brigas, mas, no fim, sempre ficamos na paz. Temos objetivos em comum, somos dependentes do crack. Então, corremos o dia todo para satisfazer nossa doença.

Morando com pessoas estranhas, que agora fazem parte da minha família, sem valores e padrões, me apego nas recordações. Recordações de um passado, de uma verdadeira família. Fico lembrando a imagem da minha mãe, com uma imagem de São João na mão, tomando chimarrão e comendo. Parece meio fora de órbita. Tinha um ano e oito meses, quando ela morreu, então tenho lembranças vagas. Eu queria ter tido uma mãe. Tudo o que aconteceu comigo: minha ida para Natal, minha vida hoje, me faz perceber como faz falta uma família. Meu tio me manda para longe, porque sou um usuário. O que resta fazer? Ainda busco as respostas.

D.I. tem dezenove anos e é garçom. Frequentou a escola até a 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e passou por doze internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O príncipe que perdeu a realeza

Categoria: Crônicas

Descrição: "Pedrinha branca, que estrala e te deixa loucão!

O príncipe que perdeu a realeza

"Pedrinha branca, que estrala e te deixa loucão!

Eu tinha quatorze anos quando comecei a usar crack. Uma trajetória que ainda não sei onde vai parar e como vai terminar. Mais um mistério a ser desvendado pela sociedade.

A vida de quem usa pedra é uma mistura de emoção, adrenalina, medos e, é claro, riscos. A cada dia, um novo desafio, para ter grana para fumar. Não se tem compromissos com mais nada. Se passa noites e dias correndo atrás de grana, para satisfazer o vício.

Tenho sorte, cometi vários delitos e nunca fui em cana. Um dia, para conseguir dinheiro, vou ao mercado e roubo barras de chocolate, para trocar por pedras. No outro dia, assalto pedestres. Assim vai, mas não é porque sou um drogado que não tenho princípios. Jamais vou tirar algo de mulheres e de velhos, os considero indefesos. Eu paro, penso e prometo, para mim mesmo, que vai ser a última vez, mas quando percebo, a vontade de fumar vem, e aí, tenho que ir atrás, dar uma banda e levantar a grana.

Quando lembro a minha infância, me vejo um príncipe. Era isso que eu era. Tinha tudo que uma criança pode querer: brinquedos, guloseimas, roupas e boas escolas. Agora estou assim: um homem que rouba carros, motos e assalta ônibus, que é barbada para fumar pedras. Não dá para acreditar que aquela criança calma, loura com os olhos azuis, que morava em uma bela casa com a tia e tinha uma vida maravilhosa, se transformou em um drogado. Poxa, nem eu acredito que minha vida se transformou de tal maneira. Onde ficaram meus sonhos, meus objetivos de vida? O quê o crack fez comigo? Cadê as mulheres? Onde estão às festas? Tudo sumiu. Foi para o espaço a minha vida, os meus princípios e valores.

Voltando ao passado, lembro a infância onde preferi morar com minha tia, porque minha mãe morava em Montevidéu e eu não me acostumei com a cultura de lá. Queria ficar perto dos meus amigos, gostava do Rio Grande do Sul. Então, minha tia me acolheu. Mulher batalhadora, carinhosa, prestativa, que não me gerou, mas tinha um imenso amor por mim. Minha tia me educou, me cuidou, me presenteou. Como minha tia trabalhava muito, isso fez com que ela não percebesse, de imediato, que eu estava caminhando no mundo das drogas.

Na adolescência, tinha muita liberdade. Sempre gostei de tudo que tem emoção e adrenalina, talvez fosse essa mesma emoção que me levou para o crack. Comecei a andar de skate e, como todo skatista, fumava maconha. Sei lá, me sentia melhor andando de skate chapado.

Sempre tive dinheiro e liberdade, assim começou. Parecia mentira, mas eu e meus amigos roubávamos motocicletas por pura diversão. Não precisávamos. Tínhamos tudo, mas, para mim, isso não parecia um problema. Usei todos os tipos de drogas, até chegar ao crack.

Minha vida mudou muito: não tenho mais um lar, minha tia faleceu, minha mãe foi assassinada pelo namorado e eu fiquei aos trancos e barrancos. Fui adotado, mais uma vez. Dessa vez, foi o crack quem me adotou, mas o crack não é pai. Ele te adota, te acolhe, te escraviza e te aprisiona. Não tenho mais como escapar.

A sociedade não entende todo esse processo. Tem muita gente, por aí, que quando percebe que você é drogado, chega a atravessar a rua de medo, pensando que vamos fazer alguma maldade. Poxa, eu existo! Faço parte dessa sociedade, querendo as pessoas ou não. Eu sou um ser humano, mesmo sendo um viciado em pedras. Talvez, até tenha culpa de estar assim, nessa situação,

mas você pensa que é fácil sair disso? Desse círculo vicioso? Todos querem e ainda se busca soluções. Também estou procurando.

Será que tem uma fórmula mágica? Eu quero essa fórmula, para poder deixar essas pedrinhas brancas, que estalam e me deixam doidão por minutos. Acredito que eu fumo umas três gramas de crack por dia. Não tenho muito controle. Só sei que, se eu pegar cinco, dez ou vinte reais, eu fumo tudo. Depois de fumar a primeira, se quer mais e mais. Sei lá, pode parecer estranho, mas vou levando, não vivendo, porque isso não é vida. Não paro para pensar em muita coisa. Vou levando assim. Até quando?

Não sei. Ainda se espera um milagre. Eu, meus amigos que, também, estão nessa e a sociedade.

Aqui estou eu, mais uma vítima do crack, com sonhos pendentes. Nessa loucura, tudo foi acontecendo de uma forma que eu não me dei conta, e cá estou.

Rui tem trinta anos e é vendedor. Possui o primeiro grau completo. Fuma crack há dezesseis anos e passou por duas internações de reabilitação.

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O susto

Categoria: Crônicas

Descrição: "Minha língua travou, não conseguia falar. Minha cabeça deu um toim e não vi mais nada"

O susto

"Minha língua travou, não conseguia falar. Minha cabeça deu um toim e não vi mais nada"

Foi na noite passada. Peguei uma grana e fui fumar. Fumei uma, mais uma e não parei mais. Vinte e quatro horas de pedra e mais nada. Pensei que iria morrer, não sei como, mas minha língua enrolou. Eu queria pedir ajuda, mas não conseguia falar. Havia muitas pessoas na mesma sala, todos doidos de pedra, mas ninguém fazia nada. Os caras não se envolvem, é cada um com seu cachimbo e sua pedra.

Uma mina levantou e me socorreu, mas não me levaram para o hospital. Viciado não tem disso. Ela só segurou minha língua para que eu não engasgasse e me jogou uma água. Tudo foi passando e ela disse que foi uma overdose que me deu. Não sei como meu coração não parou. Não era mesmo minha hora. Foi a primeira vez que me deu isso, mas não foi nada legal.

Preciso de ajuda para me internar. Vou acabar mal por causa desta droga, mas aonde vou pedir ajuda? Sabe quantas pessoas estão na mesma situação? Hoje,

há muita gente. Uma vez, não era assim. De uns tempos para cá, só vejo neguinho se afundando e se terminando, por causa do vício. A cada dia, mais pessoas entram para as pedras. Uma vez, não se via mulheres fumando, mas hoje existem muitas, estão todas perdidas.

Como vai acabar, ninguém sabe. O governo perdeu o controle, não tem clínicas suficientes para esse bando de pedreiros que existe por ai. Está na hora desse povo acordar, dos políticos investirem mais na saúde, principalmente de quem não tem condições, como eu. Filhinho de papai é fácil: corre para casa, pai e mãe apoiam, metem o cara em uma clínica paga e já era. Por mais que recaia, pelo menos desintoxica um pouco, mas e eu? Me diz, o que é que vou fazer? Pedir ajuda para quem? Gritar por socorro aonde? Me fala o que é que um viciado sem grana faz? Morre aos poucos, porque até a ajuda chegar, muita gente vai trilhando sua morte.

Antônio tem trinta e três anos e é encanador. Frequentou a escola até a 8ª série do ensino fundamental. Fuma crack há treze anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : O Tronco

Categoria: Crônicas

Descrição: Falando sério, o crack te tira o medo, não te faz pensar.

O Tronco

"Falando sério, o crack te tira o medo, não te faz pensar."

Faz muito tempo que eu estou no caminho das pedras. Já fiz muitas coisas para conseguir fumar. Só não matei ninguém. Nem pretendo. Falando em morte, sempre me pego pensando que vou morrer. Sempre acho que vai acontecer algo comigo, que vou partir. Eu tenho medo.

Fumo pedra todos os dias. Não consigo ficar sem, é um horror. Além disso, sei que sozinho não conseguiria. Eu moro com a minha irmã, que também é usuária. Então, mesmo que eu queira parar de fumar, ela vai estar ali.

Na minha memória, ainda permanece fresco, o dia mais triste da minha vida. O pior fato que me ocorreu, por causa das pedras. Eu já tinha fumado umas dez pedras naquele dia. Como não tinha mais dinheiro, mais uma vez, fui roubar. Não fui muito longe. Quando se quer fumar pedra, tem que ser logo. A vontade tem que ser saciada o mais rápido possível. Não se consegue elaborar um plano de roubo. Então, não conseguia pensar direito e furtei ali pelas redondezas. Meu pior erro.

Roubar é um erro, com certeza, mas tem o ditado que diz: "se quer fazer errado, faça bem feito". Pois é, eu não fiz. Entrei em uma casa e peguei o que fosse mais fácil de carregar e de vender. Olhei, rapidamente, e logo peguei a televisão. Então, retornei a boca de fumo e vendi a televisão, ou melhor, troquei por vinte e cinco pedras. Só que sujou!

Sobrou primeiro para os traficantes, e depois, para mim. Sem que eu percebesse, de tão drogado que eu estava, os donos da TV apareceram lá. Quando vi, eles estavam falando com os traficantes. Em meio a tanta discussão, eu não pensava e nem agia. A sensação de morte me perturbava.

Os traficantes e os donos da televisão entraram em um acordo. Não sei bem qual foi, mas sei que a policia ficaria fora daquela situação. Eu não.

- Vamos dar uma volta! Falou um dos traficantes. Ele não me fez uma pergunta, mas uma afirmação.

Em pânico, me colocaram dentro do carro dos donos da TV, no banco de trás. No banco da frente, mais dois caras, incluindo um traficante. Andávamos muito, o carro andava em alta velocidade. Eu estava apavorado, nem ousava perguntar aonde estávamos indo. Eles falavam, para mim, que eu ia dar um passeio que não teria volta e me mandavam começar a rezar.

Chegamos a um local muito deserto. Pela quantidade que tínhamos andado, imaginei que estivéssemos longe da cidade. Era um matagal, só tinham árvores. Eles, eu e a minha angústia. Me amarraram em um tronco. Fiquei sem poder me mover, mal respirava. Eles me espancaram muito e me deixaram sangrando. Fiquei no meio de dois homens, cada um com um revólver, que disparavam tiros nas minhas orelhas... Torturado, sem forças, eu rezava. Era só o que fazia. Pedi para que não me matassem e as minhas orações foram escutadas. Acredito que não morri porque Deus estava ali. Eles sumiram na estrada e me deixaram amarrado no tronco da árvore. Tentava me desamarrar, mas não conseguia. Chorava, gritava e pedia socorro, mas ninguém me escutava. Eram eu e o eco de meus berros...

Comecei a clamar a Deus, com toda a minha fé. Prometia a ele, que se saísse vivo daquela situação, eu nunca mais voltaria a usar pedra. Minha fé e minha promessa não duraram muito. Assim que consegui me soltar, depois de praticamente vinte horas, os pensamentos ruins voltaram. O inimigo não me deixa sair. Está escrito até na Bíblia das pragas que viriam a terra. O crack foi feito para acabar com a vida dos jovens que o conhecem. Mesmo com todo esse susto, eu não parei. No mesmo dia, já voltei a fumar. Não conheço ninguém que se livrou dessa maldição.

Cristian tem vinte e cinco anos e é pedreiro. Frequentou a escola até a 4o série do ensino fundamental. Fuma crack há doze anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Onze anos

Categoria: Crônicas

Descrição: "O crack te traz a sensação mais gostosa do mundo, em meio segundo, e a mais angustiante, em cada minuto."

Onze anos

"O crack te traz a sensação mais gostosa do mundo, em meio segundo, e a mais angustiante, em cada minuto."

Quem me vê, jogada no vício do crack, me prostituindo, mergulhada de cabeça aos pés na droga, não sabe como cheguei até aqui. Claro que não ponho a culpa em ninguém. Talvez não existam verdadeiros culpados para minha história de vida. Culpados não, mas razões, sim. Eu tive motivos que me levaram a fugir do meu verdadeiro eu, queria esquecer. Eu queria apagar da minha memória o que tinha acontecido, naquela tarde de verão, quando eu era apenas uma menina de onze anos.

Foi no vício que me joguei. Quanto mais eu conhecia o mundo das drogas, mais eu me fascinava e mais eu fugia. E me pergunto: "Por que eu?". Me questiono sempre. Quando estou drogada, eu o vejo me seguindo. Alucinação das pedras? Pode ser, mas ainda tenho pânico.

Ele era um pai maravilhoso, me contava histórias, me embalava no balanço, me comprava sorvetes. Como eu o amava, era sua única filha mulher. Ele me ensinou a andar de bicicleta e, antes mesmo que eu fosse para escola, ele já havia me alfabetizado. Do nada, ele se modificou. Continuava um pai doce e terno, mas sua forma de olhar não era a mesma. Me mandou tomar banho. Lembro como se fosse hoje, toda aquela cena, que modificaria, para sempre, minha vida.

Eu fui. Então, ele disse que queria ver minha vagina, mas eu tinha vergonha. Lembrei que a minha mãe disse que jamais deveria baixar calcinhas. Então, ele veio e me violentou, como um bicho no cio. Eu chorava e me perguntava o porquê. Mal entendia o que tinha acontecido. Lembro que ele disse que se eu contasse a alguém, cortaria a minha cabeça. Morria de medo que ele fizesse isso mesmo.

Me calei durante um ano. Eu tinha vontade de contar, mas tinha vergonha. Ele continuava a abusar de mim. Um dia, contei na escola para uma colega e ela espalhou. Até que, a diretora me interrogou. Eu me desesperei, fiquei em prantos e confessei. Não passou muito tempo e minha mãe viu uma mancha de sangue na minha calcinha quando lavava roupa. Me chamou e perguntou se eu já era mocinha, mas comecei a chorar. Então, ela se assustou e me apertou até contar. Minha mãe se culpava, não entendia como não tinha percebido. Denunciamos e ele ficou preso por oito anos. Nunca mais o vi, a não ser, nas minhas alucinações. Eu queria ter reencontrado, queria olhar em seus olhos e perguntar: "Por que eu?". Talvez esse dia nunca chegue.

Eu me entreguei às pedras, como se fosse um consolo, uma forma de amenizar minha dor. O crack adotou minhas dores, meu tormento da infância. Quando eu fumo, esqueço de tudo ao meu redor, do passado e do presente. O crack, para mim, muitas vezes foi o melhor anestésico do mundo. Ele ameniza as dores, de uma forma ilusória, é claro, mas ameniza. Meu mundo se

transformou em algo sem sentido. Tudo por um pega que me faça esquecer as lembranças imundas.

Fabianinha tem vinte e nove anos e é babá. Frequentou a escola até a 6ª série do ensino fundamental. Fuma crack há dez anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Os três lados do crack

Categoria: Crônicas

Descrição: "O cheiro da pedra é um cheiro terrível de sujeira"

Os três lados do crack

"O cheiro da pedra é um cheiro terrível de sujeira"

Como o crack chegou à cidade, ainda é mistério. Nenhum traficante ou usuário sabe a data certa. O fato é que, mesmo antes dele chegar aqui, algumas pessoas já faziam suas pedras em casa, do pó. Há mais ou menos uns quinze anos. Também se sabe, que há alguns anos, houve falta de cocaína no estado, o que impulsionou a popularidade das pedras. Muitos chegavam no canai em busca de cocaína e, como não havia, acabavam por pegar o crack. Muitos começaram a fumar pedra assim.

O crack foi inventado para suprir o consumo da cocaína. Ele não é uma droga de qualidade. A fórmula dessa droga mudou há vinte anos, pois, antes, as pedras eram extremamente fortes e nós perdíamos nossos clientes.

Do meu ponto de vista, o crack possui três lados: o primeiro, o lado de quem consome; o segundo, o lado de quem vende; e o terceiro, o lado de quem vende e consome. Do lado de quem consome, não conheço ninguém que tenha largado. É cruel ver as pessoas se autodestruindo, mas a vida é assim. Cada um escolhe o seu caminho. As pessoas que estão fora desse mundo, imaginam que cada traficante faz sua droga, mas não é assim, pelo menos com o crack. Eu não faço as pedras aqui, não teria como. O cheiro da química é tão forte que todos os meus vizinhos saberiam que eu estaria fazendo pedra. Na cidade existe os laboratórios do crack. Se os usuários soubessem do que as pedras são feitas... A maioria tem muita mistura, como gasolina e bicarbonato. Será que mudaria alguma coisa? Acho que não. Eles estão num estágio tão avançado que não importa do que é feito o crack. O que importa para eles é saber onde ele compra arregado. Isso é o importante.

Funciona assim: se a pedra é grande, conquista os clientes. As pedras que se esfrelam, os usuários não gostam. Para eles, o tamanho é tudo.

Você pode até me considerar pessimista, sem coração, o que quiser, mas não tenho pena, não ajudo e não acredito na cura.

Uma vez, eram os mais pobres que usavam a pedra, mas, há alguns anos, isso mudou. Hoje, gente de todo tipo vem pegar a droga. Os playboys não chegam na boca, porque sentem medo que alguém os veja. Eles estacionam o carro uma quadra antes e mandam um viciado chinelão vir buscar. Ainda têm aqueles que nem saem de casa, geralmente os que têm mais grana. Eles ligam para nós e um moto táxi leva as pedras.

Os loucos, depois que queimam uma, ficam arrepiados, com pavor e medo de tudo. É por isso que, muitas vezes, ficam trancados em um motel, fumando. Eles não têm coragem de pôr o nariz para fora. Não sei como podem ficar assim. Qual é a graça de queimar um bagulho que dá uma sensação de pavor? O mais estranho é que não conseguem largar. Na minha opinião, a pedra não vicia na primeira fumada, somente depois da terceira ou quarta pedra. Quando acham que não tem problema, o bicho pega.

Um dia, eu resolvi experimentar. A primeira coisa que me aconteceu foi amortecer toda a boca, mas, na minha opinião, o crack é 70% psicológico.

Os tiras sabem quando abre uma boca. Começou a venda, eles já estão sabendo. A aglomeração de pessoas também denuncia o local, por isso, tem boca que só vende a noite...

O tráfico nada mais é que ambição. Nascemos pobres, mas queremos uma vida melhor, um carro, uma casa... Não tem um emprego bom? Cai no tráfico.

O lado de quem vende e depois começa a fumar, foi por causa da maldita curiosidade. O cara se acha o patrão e, de repente, vira usuário.

Magro tem 25 anos e é traficante, Possui o segundo grau completo..

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Overdose

Categoria: Crônicas

Descrição: "Fala baixo, fica quieta. Ó os home! Ó os home!"

Overdose

"Fala baixo, fica quieta. Ó os home! Ó os home!"

Estou na nóia sim. Pensa que eu não sei o que você está pensando de mim? Ah, sei sim. Sei que está pensando: "Uma velha dessas fumando pedra". Vai dizer que se me encontrar, na porta da tua casa, não vai colaborar? Vai sim. Não tenho cara de pedreira. Não tenho mesmo, ninguém imagina. Posso até ter

aparência de bêbada, mas não de drogada. De drogada ninguém diz, moça. Agora, já estou aqui e você sabe. Vou fazer o quê?

Já tive até uma overdose por causa das pedras. Justo na primeira vez que eu fui usar. Os amigos falavam: "Fuma Teresa, o barato é bom, mas eu só bebia". Foi assim, durante um bom tempo. Via os amigos na roda beberem e pegar o cachimbo na mão.

Por falar em cachimbo, comprei dois, mas me roubaram. Na boca, não pode ter nada de bom. Os craqueiros pedem emprestado e não devolvem mais. Meu cachimbo, de metal, foi assim. Sumiu.

Uma noite, embarquei na do parceiro. Entrei no carro dele e rodamos, rodamos, até parar num trevo, na saída da cidade. Coloquei a lata na boca e, depois, eu via e escutava vozes. A minha cabeça rodava e a minha língua enrolava. A lata caiu e eu escutava vozes ao meu redor. Pensei que estivesse fazendo a tal passagem, aquela que falam que se faz antes da morte. Quem dera fosse. Não estava morrendo, meu corpo simplesmente foi ficando imóvel. Estava tendo uma overdose.

Justo na primeira vez que fui fumar crack, precisava ter estourado tantas? Foram trinta e três pedras, uma atrás da outra. Depois que se fuma a primeira, a sensação é de que se precisa fumar a segunda. Assim vai, até não poder mais. Eu fico, por aí, nos postos de gasolina, contando piada. Sempre dão um dinheirinho para a avó. E filha, a avó está te dando uma entrevista, mas não pode ficar com a boca seca. Vai lá, vai comprar uma cerveja.

Não adianta querer saber quantas pedras eu fumo por dia. Como vou saber? Está maluca? Não se conta, perdi a noção, só fumo. Só sei que fumo conforme o dinheiro que tenho. Vai tudo, vira fumaça o quanto eu tiver. Só tenho pânico dos homens, da polícia.

Tereza tem quarenta e oito anos e é catadora de latas. Frequentou a escola até a 6ª série do ensino fundamental. Fuma crack há oito anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Pedras na colher

Categoria: Crônicas

Descrição: "O crack é uma doença pior que a AIDS."

Pedras na colher

"O crack é uma doença pior que a AIDS."

Não lembro bem a época, porque já faz uma cara. Também, porque parece que tudo teve início há pouco tempo, mas já fazem uns treze ou quatorze anos que conheci as pedras.

Tínhamos uma turma de amigos. Nos reuníamos para beber, fazer umas festinhas e cheirar uma cocaína nos finais de semana. Era sempre na casa do mesmo parceiro. Ele morava sozinho, ao contrário do resto de nós. Então, era o melhor lugar para que pudéssemos nos drogar sem medo.

Naquela época, aqui na cidade, o crack era desconhecido. Se escutava falar dessa droga apenas em notícias, veiculadas pela televisão, e isso acontecia somente nas capitais. Quem diria que o crack ocuparia tamanho espaço no interior do estado...

Um camarada, amigo de um de nós, de Florianópolis, que veio nos apresentar às pedras. Lembro que já tínhamos bebido umas cervejas e aí faríamos o ritual de sempre: cheirar pó, mas aquela noite foi diferente. O catarinense chegou lá, viu que tínhamos uma grande quantidade de pó, e sugeriu que fizéssemos umas pedras. Aceitamos. Achamos a idéia interessante, porque, como sempre, quando se usa muito tempo a mesma droga, ela já não dá o pauladão que se espera. Nenhum de nós contestou a idéia de fazer as pedras, porque o cara explicou que, se fumássemos ao invés de cheirar, o efeito seria mais rápido. Sendo assim, não deu outra: fizemos as pedras.

A receita foi mais simples que fazer um bolo. Pegamos uma quantidade de pó, a mesma quantidade de bicarbonato de sódio e água. Esses foram os ingredientes. Para o preparo, só precisamos de uma colher, onde colocamos os ingredientes em cima.

Pegamos o isqueiro, botamos embaixo da colher e deixamos até borbulhar. Quando ferveu, colocamos um pouco de água fria para dar um choque térmico. No fim, colocamos um pano em cima, para tirar a umidade, e as pedras estavam prontas para o consumo.

Dizem que as amizades não influenciam em nada, mas, para mim, foi o começo. Se eu não andasse com aquelas pessoas, talvez nunca tivesse me envolvido com drogas.

Comecei com maconha e, quando ía para a noite, o pó virou minha companhia, para ficar ligado.

Com o crack, tudo muda, porque ele passa a dominar a pessoa de uma forma que ninguém explica. A sensação é difícil explicar, porque só quem usa sabe como é. Descrevo que, nos primeiros segundos, é um prazer imenso, mas logo o efeito ilusório vai passando, a língua trava, os olhos ficam grandes e a fisionomia muda completamente. Sem falar nas conseqüências que a pedra te traz. Sempre fui trabalhador honesto e, de repente, comecei a assaltar. Foi tudo muito rápido. Parece que não é a minha história de vida, mas infelizmente é. Fiquei preso três anos, dez meses e vinte e dois dias. Devo isso ao crack.

Têm usuários e usuários, cada um age de uma forma. Têm muitos que pegam cinco reais e correm fumar. Eu não. Sei como é o mecanismo da droga, então, não vou fumar uma pedra. Para quê? Para me fissurar? Eu trabalho, então, no fim de semana, já separo cinqüenta ou sem reais para fumar, porque sou um viciado. Não posso ter dinheiro comigo, porque, se tiver, a primeira coisa que vem na minha mente é usar crack. Por isso, quando recebo, minha mãe fica com uma boa parte, mas sempre tiro uma parte para consumo.

Minha vida poderia ter sido diferente, mas não foi. Me encontro em um beco sem saída, mas ainda consigo levar uma vida normal, pelo meu trabalho.

Antônio tem trinta e três anos e é encanador. Frequentou a escola até a 8ª série do ensino fundamental. Fuma crack há treze anos e não passou por internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Prisioneira

Categoria: Crônicas

Descrição: "Será que alguém sentiu minha falta pelas ruas? Quem sabe minha mãe?"

Prisioneira

"Será que alguém sentiu minha falta pelas ruas? Quem sabe minha mãe?"

Faz uma semana que eu estou aqui. Não posso por o pé na rua, por causa dos malucos. Não sei quem foi, mas alguém roubou um prato com quatro pedras, que estava em cima da geladeira. Está de brincadeira? Não fui eu não. Foi um dos malucos que estavam fumando aqui. Tudo o que acontece, já vão logo falando: "Foi a Fabianinha". Todo mundo coloca na minha.

Agora, o patrão não me deixa mais sair daqui, enquanto não pagar as malditas pedras, que estavam no prato. Poxa vida, nem fui eu. Estou, aqui, pagando em troca de serviços domésticos. Não me importo em ter que trabalhar, mas para saldar uma dívida que nem é minha: é foda!

Eu passo frio na rua, fico no relento, tomo chuva na cabeça e passo fome, mas eu gosto da minha liberdade. Vai saber até quando vão me segurar aqui... Lá fora, será que alguém sentiu minha falta? Quem sabe minha mãe. Apesar de não estar mais na casa dela, ela sabia que eu ficava no ponto. Às vezes, ela me via de longe. Quem sabe o que ela pensa? Que me mataram, até. Eu estou presa mãe, no canal. Aqui, ninguém vai poder vir me buscar.

Que nada! Daqui a alguns dias, eu volto para a rua. Na rotina de um viciado, tudo acontece. O que eu posso fazer?

Fabianinha tem vinte e nove anos e é babá. Frequentou a escola até a 6ª série do ensino fundamental. Fuma crack há dez anos e passou por uma internação de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Programas versus Crack

Categoria: Crônicas

Descrição: "Um programa atrás do outro, só para poder fumar, mas, no último, me quebrei."

Programas versus Crack

"Um programa atrás do outro, só para poder fumar, mas, no último, me quebrei."

Não podia nem falar, quando eu cheguei em casa. Como explicar a noite que eu tinha passado? O que eu tinha feito para conseguir dinheiro para poder fumar? Estava atordoada. Toda machucada, as minhas pernas sangravam. Em meio a soluços, comecei a contar para minha tia.

Eu tinha saído de casa, na noite anterior, com sessenta reais no bolso. Disse que iria dançar, mas claro que não fui. Comprei e fui até um amigo. Amigo nada, não se tem amigos nessa vida. Se tem, sim, um bando de urubus, que querem droga. Não há diálogo, apenas drogas. Fumamos e o dono da casa me atropelava, dizia para eu ir atrás de dinheiro. Eu falava que não tinha. Ele disse: "Você tem o cartão de crédito no meio das pernas".

Subi, como uma louca, até a avenida da cidade. Me prostitui, fui comprar pedra e voltei lá para fumar. O dono, dessa casa, era tão malvado que ele pegava faca e ameaçava, principalmente as mulheres, até que estas fossem atrás de pedra. Era horrível, eu mesma sempre apanhava dele. Naquela noite foi assim, eu ia até o ponto para me prostituir, comprava pedra e voltava. Assim, se passou a noite toda. Indo e vindo, feito um zumbi, pelas ruas da cidade. Nada me importava, queria mais e mais.

O crack é assim, uma droga que não se pode dar o primeiro pega, porque se perde totalmente o controle. Não olhava para os clientes, aceitava a quantia em dinheiro que eles quisessem me dar. Era terrível, mas eu sou uma viciada. O que importa a moral? Totalmente drogada, o dia já raiava e eu ainda na mesma.

O último cliente eu não esqueci jamais. Embora não me lembre do seu rosto, ele me deixou marcas que minha memória não apagou. Nessas alturas, eu nem esperava quieta no ponto. Simplesmente, ia para o meio da rua, atacava os carros e me oferecia. Pedia um valor, eles falavam que não e eu ia diminuindo, até que algum concordasse.

Uma moto estacionou e disse que faria um programa comigo, mas ele dizia não ter dinheiro suficiente para o motel, que devíamos ir a um terreno abandonado, próximo dali. Nem me importei, com a fissura que eu estava quanto mais rápido: melhor, mas não foi bem assim.

Subi na moto e chegamos a uma rua deserta. Entramos em um terreno e fizemos ali mesmo. Não sei como foi, porque quando se está drogada, não existe sentimentos, nem bons nem maus. Acabamos e ele subiu na moto, sem dizer uma palavra, e deu partida. Fiquei louca, queria meu dinheiro. Me segurei na parte de trás da moto. Ele aumentava, cada vez mais, a velocidade, para que

eu caísse. Assim, fui arrastada pelas ruas. Não agüentei por muito tempo, perdi o calçado, me sujei e me machuquei muito. Lembro que minhas pernas sangravam.

Foi assim que retornei para casa, arrependida. O drogado sempre se arrepende, jura que não vai mais usar, promete para seus familiares e até mesmo para si, mas esses momentos horríveis são esquecidos quando vem a fissura. Se esquece de tudo e retornamos ao inferno, sem saber o que nos espera.

Valentine tem vinte e seis anos e é secretária. Possui segundo grau incompleto. Fuma crack há seis anos e passou por três internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Renome no tráfico

Categoria: Crônicas

Descrição: "Essas pedras são uma loucura, uma loucura que só destrói"

Renome no tráfico

"Essas pedras são uma loucura, uma loucura que só destrói"

O tráfico nada mais é do que um negócio, uma empresa que precisa ter organização, como qualquer outra. Não é a toa que somos referência na cidade, os tiras podem até saber qual é produto da minha empresa, mas quero ver eles provarem.

Meu negócio é vender a droga, ganhar grana, e para que isso vá bem é preciso ter cautela e saber administrar. E isso eu sei. Estamos numa boa, há vinte anos no mercado.

Batidas policiais são normais. Eles vêm aqui, fazem um interrogatório e filmam, mas vamos levando. Já vi tanta coisa acontecer aqui... O cara vai se acostumando. Já vi playboy chegar aqui de carro e voltar para casa só de cueca. Não é mole!

Falam que é droga de periferia, mas não é bem assim. O que acontece é que os usuários tinham grana, mas se metem a fumar e ficam sem nada. Sou testemunha disso. Vender casa, carro, o corpo. Dão tudo para ter o crack. Os caras chegam com motocicleta querendo trocar por pedra.

O crack dá mais lucro, porque diferente da cocaína, que o cliente usa uma vez por semana, no máximo três vezes por semana. Quem fuma tem que fumar todos os dias e, muitas vezes, enquanto tiver grana.

Minha empresa tem funcionários: os guardas. A cada doze horas, troca o turno, para que trabalhem bem. Oscanpanas são os que cuidam a polícia. Esses

podem fumar, porque, quanto mais chapados estão, mais ligados eles ficam. Tenho dez funcionários que trabalham aqui, mas o que mais ficou foi por dois anos, porque nos perdemos a confiança neles.

Sabe a moral de deixar os pedreiros fumar aqui? É porque eles se sentem seguros e consomem mais. Meu lucro é maior.

Não dá para imaginar que os loucos se internam e fogem do hospital, com soro e tudo, e vem atrás da pedra. Costumo dizer que eles não fumam a pedra, mas sim a pedra e que os fuma e os consome. Eles não morrem por causa da pedra, mas sim em consequência desta. Se vão roubar, levam um tiro, por exemplo.

Aqui na vila, não aceitamos quem roube. Tem que impor respeito mesmo, pois se não: a casa cai.

Já vi uns por aqui tendo convulsão de tanto fumar, mas não me meto. Eles mesmos se ajudam, entre eles. Se eu vejo alguém brigando ou chacando, tenho que intervir, pois se faz tumulto e aqui não dá. Por mais que eu bata neles, depois de dez minutos, estão na minha porta, me pedindo desculpase querendo entrar. É a loucura da pedra.

Queria dar um recado para os pais: "Não vamos à casa de vocês buscarem seus filhos, ou levar pedra. Eles é que vêm até nós. Então, se estão sumidos, não adianta vocês procurarem. A polícia que venha até mim, não vou esconder filho de ninguém. Agora, se não quiserem ir para casa, o problema não é meu".

Esses tempos, uma mãe de pedreiro chegou a largar o apartamento dela, no centro, e alugar uma casa aqui, só para poder ficar perto do filho. Isso que é amor de mãe.

Tenho mais de quatrocentos clientes por dia, pois eles vão e vêm. Pegam a droga aos poucos. É o mecanismo do crack.

Na cura, não creio, pois de cem: um se salva. Depois que entram nessa, perdem o amor pela vida. Ficam só correndo atrás de dinheiro para poder fumar. Já dei vários conselhos, mas entra aqui e sai por ali. Se não escutam nem opai ea mãe, não vai ser a mim que vão dar ouvidos.

Não mato ninguém, não coloco as mãos. Mando fazer, mas não por pouca coisa. Outra coisa, é que não vendo fiado. Por isso, já vendo elas de todo o preço. Quando ficam devendo, nos vamos atrás.

Funcionamos vinte e quatro horas por dia, sem tele-entrega. No tráfico, não tenho medo de nada. Aparece aqui com dinheiro: estou vendendo!

Alemão Tatu tem vinte e quatro anos e é traficante. Possui o primeiro grau completo..

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Sufoco

Categoria: Crônicas

Descrição: "Você tem idéia de como é ser acordado, com a sua porta sendo arrombada a coices, às quatro horas da madrugada?"

Sufoco

"Você tem idéia de como é ser acordado, com a sua porta sendo arrombada a coices, às quatro horas da madrugada?"

Não, tu não tens idéia, porque você não é um usuário de crack. Ele arrombou minha porta, colocou um revólver na minha cabeça e pediu a grana. Quatro horas da manhã. Ele queria que eu pagasse a dívida de cinquenta reais, enquanto os outros caras o esperavam, em um carro, estacionado em frente a minha casa. A sensação que eu tive, foi de ver a cara da morte e voltar à vida, mas isso não acontece só comigo, acontece, também, com todos os que usam crack. Esse é o resultado de quando se gasta bastante e continua gastando. O dinheiro acaba e se fica devendo para os traficantes. Muitos usuários morrem assim. Basta ficar devendo e não pagar. Naquela noite, eu não tinha o dinheiro, mas me deram um prazo de até às dez horas da manhã. O que eu fiz? Fui atrás da grana, meu irmão, porque não ia ter uma segunda chance. Eles iam me apagar.

Assim que funciona, por isso que eu defino o crack em duas palavras: lixo e luxo. Luxo, porque você se dá o direito de comprar a droga, um prazer ilusório, e lixo, porque é a forma mais cruel que um ser humano pode atingir. Esse crack, que é um lixo, acaba com o que você tem. Vai chegar o dia em que tua família vai cansar de lutar, de te internar e você recair. Ela vai te abandonar. Teus amigos não serão mais os mesmos de antes. Amigos de usuários não são amigos de verdade, porque, aqui é cada um por si, ou melhor, pela pedra. O pior de tudo é que acaba com sua virtude, de ser um homem decente da sociedade. Todos vão te olhar diferente, o preconceito é muito grande. As pessoas acreditam que não temos mais conserto, ou seja, nada vai resolver a vida de um viciado em pedras. Em minha opinião, têm muitas coisas que devem ser feitas, para que mude a vida de um usuário de crack: o apoio psicológico da família, de profissional e Deus, que está acima de tudo isso. É preciso ter fé e força de vontade. Não sei bem se cada um escolhe o caminho que quer seguir. A maconha perdeu a graça, acabou o encanto do pó e, um dia, chega o crack e você resolve experimentar, como fez com todas as outras. A partir do crack, só lamento, você já não escolhe mais nada. Seu livre arbítrio de parar já foi, você não consegue mais parar.

Entre o continuar e o parar, têm muitos desafios. Quem não quer largar? A sociedade acha que é vadiagem, mas não é bem assim. Tristes e amaldiçoados somos nós, os drogados, que andamos atrás da droga o tempo todo. Não conseguimos nos controlar e acaba ocorrendo o que houve comigo. Ninguém quer isso, mas as coisas fogem do teu controle. O crack não é como as demais drogas, que você consegue ao menos se controlar. Ele te domina, te arrasta, faz você fazer coisas que nem em sonho faria. Esse é o mecanismo dele, acaba com qualquer ser humano que entre nessa.

Resumindo, estou vivo. Pedi a grana para minha avó e paguei a dívida. Falei a verdade, e deu. Não fico mais devendo. O susto que passei naquela noite foi só mais uma história para relatar, porque meu destino não me pertence mais. Aliás, nem sei a quem pertence.

D.I. tem dezenove anos e é garçom. Frequentou a escola até 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e passou por doze internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Três pedras

Categoria: Crônicas

Descrição: "Sem cosa, sem nada, só com elas: as pedras."

Três pedras

"Sem cosa, sem nada, só com elas: as pedras."

Foram três pedras, quinze reais. Eu fumei e o traficante me deu uma hora para poder voltar e pagar o que tinha consumido. Fui para a rua, mas naquele dia o movimento estava fraco. O tempo foi passando e nada de eu conseguir a grana, mas o traficante não quer saber de justificativas, ele quer receber. É um comércio, para ele. Só que as punições são outras, para quem não paga o que deve.

Caminhei mais um pouco, ansiosa, até que consegui fazer um programa. Só que já eram sete horas da noite, ou seja, eu deveria ter voltado com o dinheiro até às duas da tarde. Meu tempo tinha acabado, mas, mesmo assim, achei melhor voltar lá e pagar. Pensei que iria ser pior se não desse as caras.

Cheguei na boca e o traficante estava completamente bêbado. Zangado, ele andava de um lado para o outro. Pegou um pedaço de pau e começou a me bater. Pegou o dinheiro que eu tinha e me insultou enquanto me dava pauladas. Eu berrava, mas ninguém me socorreu. Tinha muita gente ali, pessoas que se drogavam, que dividiam seus cachimbos. Ninguém se mete em briga no tráfico, ainda mais quando se sabe o poder que o cara da boca tem. Ele era respeitado e amedrontava a todos, porque, naquela boca, muitos fatos aconteceram. Dois caras já tinham morrido por causa de dívidas com traficante.

Mesmo depois de me bater e pegar minha grana, ele não me deixava em paz. Se me visse no meu ponto: começava a me ameaçar, porque, depois daquilo, eu nunca mais voltei lá. Eu comecei a comprar em outra boca e os homens do tráfico não gostam de ser substituídos.

Muitas garotas preferem morar na casa dos traficantes e ficar prestando serviços como limpeza em geral, mas eu nunca quis isso. Eu sei como é perigoso morar num lugar com gente maluca o tempo todo. Eu tenho medo.

Desde que conheci as pedras, graças a um namorado que eu tinha, sempre vendi meu corpo nas esquinas. Prefiro mil vezes dar meu rabo para qualquer um do que ficar limpando casa e lavando roupa para traficantes.

Tai tem dezoito anos e é dançarina de boate. Frequentou a escola até 7° série do ensino fundamental. Fuma crack há quatro anos e não passou por internações de reabilitação..

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Vale Tudo

Categoria: Crônicas

Descrição: "Não tenho vergonha, aconteceu mesmo. É bom que as pessoas fiquem sabendo até onde podemos chegar."

Vale Tudo

"Não tenho vergonha, aconteceu mesmo. É bom que as pessoas fiquem sabendo até onde podemos chegar."

Eu fiz seis programas ontem, mas queimei. Foi para o cachimbo e virou fumaça, pelos ares. A grana acabou rapidinho, a fissura bateu e tive que transar com o traficante e uns carinhas que trabalham para ele. Fiquei em um quartinho, enquanto eles vinham e faziam sexo comigo. Em troca, às vezes, de pedra e, muitas vezes, por um único pega. Não sentia nada. Não lembro ao certo quantos eles eram, mas transei com todos. Acho que estavam em cinco, mas não tenho certeza. Eles começaram a me tirar para louca, rindo. Quando alguém entrava no quarto, comigo, os outros assistiam.

Eu sei que fumei horrores, mas queria mais. Foi quando um deles disse que me daria duas pedras, se eu comesse as fezes dele. Isso é nojento, mas, na hora, não me pareceu a pior coisa do mundo. Adivinha? Comi mesmo. O cara defecou, dentro da minha boca, e eu tive que engolir. Hoje, tenho náuseas só de lembrar. Na hora que bate a vontade de fumar, vale tudo mesmo, até este tipo de atrocidade. Eu sei que fui eu que aceitei, mas pense se isso é coisa de um ser humano propor a outro. Não é mesmo.

Vítima das pedras fica a mercê de tudo e de todos. Uma pedra, na hora da vontade, vale qualquer coisa. Sei que vão me chamar de louca, mas não pense que fui só eu que já topei de tudo. Tem muitos pedreiros fazendo o mesmo ou pior. As minas se prostituem. Preferimos isso a roubar, pois posso parar atrás das grades e isso me dá medo. Tudo menos isso. O jeito é ir levando.

Marina tem dezoito anos e é comerciaria. Possui segundo grau completo. Fuma crack há dois anos e passou por nove internações de reabilitação..

do livro

Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Vazio

Categoria: Crônicas

Descrição: "Droga que faz o ser humano perder a noção da realidade."

Vazio

"Droga que faz o ser humano perder a noção da realidade."

Sabe qual é minha nóia? Eu dou um estouro e estou na paranóia de dizer que minha família está chegando, com polícia e camisa de força, para me levar para o hospital.

Tudo isso começou quando minha mãe e minha filha chegaram na boca onde eu estava, com polícia e enfermeiro e me levaram a força para o hospital. Foi horrível, minha filha me viu naquele estado, naquele lugar. Fui levada e fiquei trinta dias internada. Eu estou sempre nessa: paro um tempo, me conscientizo, mas chega uma hora que eu recaio. Já fiquei oito meses longe das pedras, mas, como sempre, eu voltei. Olha só, estou novamente longe de casa, quatro dias só fumando.

Ontem, passei mal. Eu tenho muita falta de ar, meu corpo chega ao limite e eu caio. Esses dias atrás, cai na rua. Fiquei internada três dias, no hospital. Eu me senti muito mal. Imagina, eu fico noites e dias só fumando, sem comer e sem dormir. As pernas se arrastam, o corpo perde a força e se cai de tanta fraqueza, porque essa droga tira a fome, tira o sono.

Essa noite, eu estava voltando para casa, eram umas três da manhã, e encontrei um amigo meu. Dei um pega e me recuperei. É assim a sensação da droga, é como se fosse um combustível. Se está exausto, fuma uma e pronto: as forças e a adrenalina voltam.

Minha família ficou no infinito mais uma vez. Entende, enquanto tiver alguém para colocar a droga, vou ficando. Uma sensação de alívio imediato, que dura segundos, mas que faz esquecer de tudo ao redor. Para ter essa sensação, já vendi muita coisa: moto, casa e até meus cabelos eu fumei.

Sabe, quando eu paro, eu fico entediada de ficar só em casa, quero trabalhar, mas nunca tenho oportunidade. Porque que é difícil assim? Quando volta aquele vazio, eu preciso de pedras para me sentir viva novamente e recaio. Estou sempre assim, tempos de paradas, de cara, e tempos malucos, de fumar uma atrás da outra, de ficar maluca.

Michele tem vinte e nove anos. Possui segundo grau completo. Fuma crack há nove anos e passou por dez internações de reabilitação.

do livro
Meninos do CRACK

Data : 01/01/2009

Título : Voltar no Tempo

Categoria: Crônicas

Descrição: "Se eu pudesse, eu faria tudo diferente. Bah! Se eu pudesse voltar no tempo... Há dez anos."

Voltar no Tempo

"Se eu pudesse, eu faria tudo diferente. Bah! Se eu pudesse voltar no tempo... Há dez anos."

Se eu pudesse voltar no tempo, eu não teria feito o bagulho do jeito que eu fiz. Há quase dez anos que estou nas drogas, na correria pelo vício. Ninguém me ofereceu não. Eu já conhecia pessoas do meio das drogas e deu. Foi o suficiente para eu entrar nesse mundinho negro.

Eu fazia a correria para os caras, ia buscar o bagulho para eles. Pedi, não quiseram me dar. Então eu peguei. Um dia, fui pegar a droga para eles e quebrei um pedacinho da pedra, antes de entregar para os manos. A partir desse dia, foi... Pegou no cachimbo, esquece, já era, reza para sair. Tá achando o quê? Eu tentei várias vezes, mas fracassei.

Crack se fuma no cachimbo ou na lata, mas na lata não fumo não, porque oxida, altera a pedra. Aí fumo mesmo no cachimbo. O cheiro do bagulho é forte.

Eu não me arrependo de nada que eu fiz, porque não adianta chorar pelo leite derramado, mas como eu queria começar do zero. Agora, do jeito que eu estou, acredito que, se eu ficar três meses sem fumar uma pedra de crack, eu morro. Porque já faz muito tempo que eu uso.

Não acredito em clínicas, considero uma lavagem cerebral. Quem quer parar, pára, apesar de ser 80% mais forte que o cigarro. Quem realmente quer largar essa coisam, larga, mas tem que querer. Clínicas, remédios e internações não são a cura. A cura tá na vontade do camarada.

Na vida, as pessoas têm dois caminhos para seguir: o certo e o errado. Na trilha do certo, tu pode fazer tudo o que quiser: beber, fumar um baseado... Só não pode passar disso, se não tu perde tudo o que tem. Na trajetória do errado, e aí que chega o crack, as pessoas não têm noção do que ele é. Eu também não tinha. Se pensa que é só uma curtição, que se fica maluco. Usa uma vez por mês, uma vez por semana e, quando vê, tá fumando todos os dias. Fico

pensando nos motivos que a gente inventa, no começo, para poder fumar. Se brigar em casa: fuma, se tá estressado: fuma. O cara põe a culpa no que acontece na vida dele para poder fumar e não enxerga que já é um viciado.

O tempo não vai voltar. Estou falando tudo isso porque não quero que as pessoas entrem nessa armadilha. Eu digo mais: nunca entre, porque você não tem idéia do quanto é difícil largar. Tô falando isso, porque não quero ver os filhos dos meus amigos nessa merda chamada crack. Fico pensando: como é fácil o acesso às drogas. Eu saio daqui agora, pego um táxi e compro. Ou faço um telefonema e a droga vem até mim. O crack está em todo canto: esquinas, vielas, mansões... Vários loucos que as pessoas nem imaginam são os patrões do crack, os donos dessa cidade.

Eu tenho sonhos: quero casar, ter filhos... Ou você estava pensando que drogado não sonha? Sonha sim, mas às vezes não dá tempo de realizar.

Faz vinte minutos que fumei pela última vez. As pessoas dizem que o crack é uma droga barata? Barata? Vai você atrás de cinco reais de cinco em cinco minutos para ver se é tão barato assim. Não há grana que chegue.

Hoje a minha avó vai vir aqui me dar minha grana. Minha pensão fica com ela, porque é ela que controla. Vou no apartamento pegar minha mina, pagar umas contas de tráfico e comida por aí e o resto vou fumar. Para consumir a droga eu não roubo não. Ganho na elegância.

Por isso, não tenho medo de ir em cana, nem de morrer. Tem o dinheiro, pega o cachimbo na mão, coloca cinza em cima, depois a pedra e acende. A fumaça faz o resto.

Quero contar tudo isso porque não quero que as pessoas despertem a curiosidade para essa maldição chamada crack. Eu rezo todas as noites e peço perdão a Deus, por usar mais um dia essas pedras. Eu não deixaria que alguém que nunca usou experimentasse, porque não quero que ninguém se destrua pelas minhas mãos.

"O demônio rouba a minha alma. O inferno me seqüestra. Cadê a luz? Cadê Jesus para julgar mais este réu?" é a letra de um rap, escrito de vermelho na parede da minha sala. Quem escreveu? Não sei, um mano aí..

D.I. tem dezenove anos e é garçom. Frequentou a escola até a 4ª série do ensino fundamental. Fuma crack há sete anos e passou por doze internações de reabilitação..

do livro

Meninos do CRACK